

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS – UEG**  
**CÂMPUS CORA CORALINA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA**  
**E INTERCULTURALIDADE**

**O LEGADO DE CORA CORALINA: UM ESTUDO DA RECEPÇÃO**  
**DE SUA POESIA ENTRE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

**Goiás-GO**  
**2019**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS – UEG**

**CÂMPUS CORA CORALINA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E  
INTERCULTURALIDADE**

**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:  
ESTUDOS LITERÁRIOS E INTERCULTURALIDADE**

**O LEGADO DE CORA CORALINA: UM ESTUDO DA RECEPÇÃO  
DE SUA POESIA ENTRE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

**Goiás-GO  
2019**

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA FONTE**

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

P379l Peixoto, Sanderson Mendanha.

O legado de Cora Coralina : um estudo da recepção de sua poesia entre alunos do ensino médio [manuscrito] / Sanderson Mendanha Peixoto. – Goiás, GO, 2019.

131f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Ebe Maria Siqueira de Lima.  
Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2019.

1. Literatura - poesia. 1.1. Poesia goiana - Cora Coralina.  
2. Formação de leitores. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU: 821.134.3:028.6(817.3)

**SANDERSON MENDANHA PEIXOTO**

**O LEGADO DE CORA CORALINA: UM ESTUDO DA RECEPÇÃO  
DE SUA POESIA ENTRE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás – UEG, Câmpus Cora Coralina, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre no Programa ora mencionado.

Área de concentração: Estudos de Linguagem e Interculturalidade.

Linha de pesquisa: Estudos Literários e Interculturalidade.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ebe Maria Siqueira de Lima**

**Goiás-GO  
2019**

# **O LEGADO DE CORA CORALINA: UM ESTUDO DA RECEPÇÃO DE SUA POESIA ENTRE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

Esta dissertação foi considerada aprovada para a obtenção do título de Mestre em Língua, Literatura e Interculturalidade pelo Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual de Goiás – UEG, Câmpus Cora Coralina, em 12 de abril de 2019.

Banca examinadora:

---

Prof. Dra. Ebe Maria de Lima Siqueira (Universidade Estadual de Goiás - UEG)  
Orientadora / Presidente

---

Prof. Dra. Goiandira de Fátima Ortiz de Camargo (Universidade Estadual de Goiás - UEG)  
Membro interno

---

Prof. Dra. Maria Meire de Carvalho (Universidade Federal de Goiás - UFG)  
Membro externo

Goiás-GO, 12 de abril de 2019

Dedico

À minha família, pelo amor imenso do dia-a-dia.

Aos meus amigos, pela torcida e crença em minha potencialidade.

Ao meu sobrinho/filho Pedro Paulo, pelas demonstrações de afeto e certeza do meu amor.

À Professora Orientadora Ebe, com amizade e gratidão.

E, aos meus colegas deste Programa de Pós-Graduação, pelos laços eternamente criados.

## AGRADECIMENTOS

Aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade, que deixaram contribuições muito profícuas ao longo desta caminhada.

À esmerada orientação da Professora Doutora Ebe Maria Siqueira de Lima.

À minha mãe, Lázara Mendanha Peixoto, pelo orgulho demonstrado todos os dias, pelas vitórias que acumulo.

À professora e diretora da Casa de Cora Coralina, Marlene Gomes de Vellaco, pelas contribuições bibliográficas e participação na roda de conversa com os colaboradores desta pesquisa.

Ao Projeto Mulheres Coralinas, que trouxe, ao longo destes anos, debates que fomentaram o meu desejo de pesquisar a recepção em Cora Coralina.

À esta Universidade, pelas oportunidades de master.

Às queridas professoras Goiandira Ortiz e Maria Meire, pelo aceite do convite de participação nesta defesa.

E, em especial, à unidade escolar, onde realizei a coleta dos dados, pela confiança a mim depositada.

*Maria, das muitas que rolam pelo mundo.  
Maria pobre. Não tem casa nem morada  
Vive como quer  
Tem seu mundo e suas vaidades. Suas trouxas  
e seus*

*botões.  
Seus haveres. Trouxa de pano na cabeça.  
Pedacos, sobras, retalhada.  
Centenas de botões, desusados, coloridos,  
madre-pérola,*

*louça,  
vidro, plástico, variados, pregados em tiras  
pendentes.  
Enfeitando. Mostruário.  
Tem mais, uns caídos, bambinelas, enfeites,  
argolas,  
coisas dela(...)*

Coisas de Goiás: Maria (Vintém de Cobre,  
2001, p.39)

**Cora Coralina**

## RESUMO

PEIXOTO, Sanderson Mendanha. **O LEGADO DE CORA CORALINA: UM ESTUDO DA RECEPÇÃO DE SUA POESIA ENTRE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**. 2019. 137 páginas.

Dissertação de Mestrado em Educação, Linguagem e Tecnologias, Universidade Estadual de Goiás – UEG, Câmpus Cora Coralina, Cidade de Goiás-GO, 2019.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Ebe Maria de Lima Siqueira

Defesa: 29 de março de 2019

O foco do estudo em comento é investigar a natureza da recepção da poesia de Cora Coralina, num estudo realizado com discentes de uma escola pública de ensino médio da cidade de Goiás – GO. A investigação foi realizada em uma escola pública da cidade de Goiás, em duas turmas de 3º ano do Ensino Médio, no turno matutino e vespertino, e baseou-se num estudo de caso com observação participante como método de abordagem investigativa. Trata-se, desta feita, de uma pesquisa qualitativa, em que, para a análise dos dados coletados, servimo-nos de princípios subjetivos e das especificidades do objeto estudado. No que tange aos aspectos teóricos abordados, trouxemos a baila as dimensões históricas e conceituais da Estética da Recepção, algumas considerações sobre a apreciação da poesia de Cora Coralina e o diálogo de alguns estudos sobre a formação do indivíduo leitor. Avaliamos e examinamos atividades realizadas em sala de aula envolvendo leitura e interpretação da poesia coralineana, com debates, questionários, rodas de conversa, produções textuais e leituras reflexivas. Das análises tecidas, faz-se mister apontar algumas verificações realizadas: não obstante o planejamento e o trabalho da docente responsável tenha trazido algumas intervenções procedentes, no sentido de mudar positivamente algumas percepções distorcidas dos alunos sobre o valor da arte poética produzida por esta escritora, é fato que nossas escolas só terão leitores conscientes do papel da literatura na transformação da perspectiva de vida das pessoas, mediante ações mais integradoras das políticas educacionais quanto à valorização da cultura e da arte local, como instrumentos identitários fundamentais na formação do ser cidadão.

**Palavras-chave:** Estética da Recepção. Cora Coralina. Leitor. Literatura

## ABSTRACT

**PEIXOTO, Sanderson Mendanha. O LEGADO DE CORA CORALINA: UM ESTUDO DA RECEPÇÃO DE SUA POESIA ENTRE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO.** 2018. 137 páginas.

Dissertação de Mestrado em Educação, Linguagem e Tecnologias, Universidade Estadual de Goiás – UEG, Câmpus Cora Coralina, Cidade de Goiás-GO, 2019.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Ebe Maria de Lima Siqueira

Qualificação: 29 de março de 2019

The aim of this study is to investigate the nature of the reception of Cora Coralina's poetry, in a study carried out with students of a public high school in Goiás City - GO. The research was performed in a public school in Goiás city, in two classes a high school 3<sup>rd</sup> grade, in the morning and evening shift, and was based on a case study with participant observation as a method of investigative approach. This is a qualitative research, in which for the analysis of the data collected, we use subjective principles and the specificities of the object studied. Regarding the theoretical aspects discussed, we have brought up the historical and conceptual dimensions of Reception Theory, some considerations about the appreciation of Cora Coralina's poetry and the dialogue of some studies about the formation of the reader. We evaluated and examined classroom activities involving reading and interpretation of Coraline poetry, with debates, questionnaires, talk wheels, textual productions and reflective readings. In the preliminary stage, it is necessary to point out some verified verifications: notwithstanding the planning and the work of the responsible teacher has brought some pertinent interventions, in the sense of positively changing some distorted perceptions of the students about the value of the poetic art produced by this writer, it is a fact that our schools will only have readers who are aware of the role of literature in transforming the perspective of people's lives through more inclusive actions of educational policies regarding the valorization of local culture and art as fundamental identity instruments in the formation of the citizen.

Keywords: Reception Theory. Cora Coralina. Reader. Literature.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
Justificativa.....	13
Objetivos e perguntas de pesquisa.....	14
Procedimentos Metodológicos.....	15
Organização deste estudo.....	16
<b>CAPÍTULO 1 – REVISÃO TEÓRICA:DISCUSSÕES EPISTEMOLÓGICAS SOBRE A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A LEITURA DA OBRA POÉTICA CORALINEANA</b> .....	18
1.1 Teoria da recepção.....	18
1.1.2. Hans Robert Jauss: história literária e a Estética da Recepção.....	19
1.1.3 Wolfgang Iser: proximidades e distanciamentos de Hans Robert Jauss.....	21
1.1.4 Chartier e a Sociologia da Leitura.....	23
1.1.5 Pontos de convergências.....	25
1.2 Cultura e sociedade na poética coralineana: leituras de mundo traduzidas na poesia. 26	
1.2.1 A poética coralineana numa perspectiva autobiográfica e cultural.....	28
1.2.2 Identidade, diferença e cultura na produção artística coralineana.....	33
1.2.3 Possibilidades e rupturas sociais na poesia de Cora Coralina: um diálogo com Baudelaire na esteira da Modernidade.....	37
1.3 Leitura e formação do público leitor: desafios e perspectivas.....	44
<b>CAPÍTULO 2 – PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS: BUSCA, SELEÇÃO E APROPRIAÇÃO DOS DADOS</b> .....	48
2.1 Linha de Pesquisa em que o estudo está vinculado.....	48
2.2 Interfaces entre o estudo de caso e a pesquisa qualitativa.....	50
2.3 Referências éticas na modalidade de pesquisa adotada.....	52
2.4 Contexto e etapas da pesquisa.....	53
2.4.1 A escolha do tema, da escola, da sala de aula e a duração da coleta dos dados.....	55
2.4.2 O ensino de Língua Portuguesa no 3º ano do Ensino Médio: características, planejamento e execução.....	56
2.4.3 A configuração da pesquisa e a coleta dos dados .....	56
2.5 Análise e triangulação dos dados.....	58
<b>CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS DADOS:NAS TRILHAS PERCEPTIVAS DA POÉTICA CORALINEANA</b> .....	60
3.1 Percepções preliminares da professora regente em torno das aulas, do projeto de pesquisa e do público discente.....	60
3.2 Percepções preliminares sobre as características e leituras do alunado da escola investigada.....	66
3.3 Atividades desenvolvidas: análise, recepção e caminhos.....	77
<b>À GUIA DE CONCLUSÃO: UM CAMINHO PARA A LEITURA LITERÁRIA?</b> .....	99
Respostas às perguntas de pesquisa.....	100
Implicações e contributos para o processo de ensino e aprendizagem de poesia e sua recepção na escola pública.....	104

Limitações deste estudo.....	106
Sugestões para futuras pesquisas.....	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>109</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>115</b>
APÊNDICE A -Termo de Assentimento Livre e esclarecido (aluno).....	116
APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido para os alunos.....	119
APÊNDICE C - Questionário Inicial (alunos).....	121
APÊNDICE D- Questionário inicial (Professora).....	126
APÊNDICE E- Roteiro da Entrevista com os alunos.....	130
APÊNDICE F - Roteiro da Entrevista com a professora.....	131
<b>ANEXOS.....</b>	<b>132</b>
ANEXO A – Parecer favorável do Comitê de Ética.....	133

## INTRODUÇÃO

*...Da mesma forma por que eu procuro escrever bem eu procurava fazer bem os meus doces e consegui porque eu fiz o nome de doceira que há quatro anos desativei meus tachos e ainda hoje sou uma doceira e ainda hoje há fregueses que vêm aqui procurar meus doces. Há fregueses que ainda lembram o sabor de meus doces, ainda dizem com prazer: "Dona Cora, eu comprei seus doces e comi seus doces". Isto para mim é uma glória, é uma glória porque eu sou visceralmente uma mulher operária. Sou também uma mulher da pena (depoimentos de Cora Coralina, fase de prospecção do filme Cora Doce Coralina, cidade de Goiás, 1982) apud DELGADO (2002, p. 67).*

Desde os meus primeiros passos na infância, eu demonstrava que gostaria de ser professor. Minha mãe me relata que eu amava mexer em livros, perguntar sobre as escolas, sobre quando teria a oportunidade de estar entre colegas, brincando num parquinho e visitando uma biblioteca com a professora. Quando chegava à casa de uma tia que era docente, observava seus gestos, seu trabalho com diários e planejamento e depois comentava em casa, como se tais ações fossem minhas.

O fato é que eu me identificava com o universo das linguagens e do ensino já na minha infância. Nas brincadeiras, era comum me verem ter uma “escolinha” em que eu era o professor e os coleguinhas, meus alunos. Contava histórias, dava broncas, corrigia cadernos e chegava ao ponto de me referir à poetisa vilaboense Cora Coralina, como uma escritora a ser lida pelos discentes que me prestigiavam. Certamente, ainda eu não sabia da importância que ela tinha para os leitores e alunos da minha cidade, como uma referência de vida e de arte.

Nas minhas parcas memórias desta poetisa, que morreu quando eu tinha 5 anos de idade, lembro-me de seu semblante sofrido, envelhecido, como a doceira da Casa Velha da Ponte. Ouvia meus pais, meus avós e tantas outras pessoas se referirem a ela dos mais variados modos: “mulher mal educada”, “escritora forte”, “mulher amarga”, “mulher da vida”, “exemplo de vida”. Era difícil compreender as imagens antitéticas que se criavam a partir daquele ser humano ora oprimido, ora vergastado, ora acariciado.

Os anos foram passando e a minha identificação com o universo da educação aos poucos se concretizava. Na condição de criança ainda imatura, nunca deixei de expressar meu sonho de ser professor. Amava idiomas, como a língua inglesa e me destacava na escola como um bom aluno nestas áreas. Aos poucos, neste espaço de aprendizagens,

observei que a vida havia me reservado momentos singulares de crescimento, em que pude perceber, a título de exemplificação, que Cora Coralina era muito mais do que pregavam sobre ela, em nossa forte cultura misógina e coronelista.

Em 1996, no 1º ano do Ensino Médio no Colégio Sant'Ana, tive Marlene Vellasco, hoje diretora da Casa de Cora Coralina e então docente da Faculdade de Filosofia Cora Coralina, como minha professora de Literatura. A partir deste momento, com tantas indicações de leituras e explanações sobre a vida, obra e dificuldades de Cora, bem como sobre a importância da literatura na vida do ser humano, rumo às transformações sociais e culturais tão almejadas, eu comecei a compreender a relevância da poetisa em comento no estabelecimento da nossa identidade cultural.

Mais do que ter um olhar consistente sobre a vida e a obra coralineanas, passei a enxergar a leitura literária como um objeto de transformação e a ação do leitor como uma percepção a não ser rejeitada e menosprezada, porque é a partir do crivo da leitura e da recepção da arte, que se pode criar instrumentos de debates, de posicionamento crítico-reflexivo sobre a vida, suas vicissitudes, seus desencantos e, porque não, seus desafios.

Meus sonhos se concretizaram e já em 1999, assumi minha primeira sala de aula. Sempre modulado com aulas de Língua Portuguesa e Inglesa, atuo nesta área de forma consecutiva há 19 anos, cada vez mais crente do papel da literatura e da arte como objeto de persecução de mudanças, como um símbolo de enfrentamento das verdades absolutas com as quais costumeiramente temos que lutar.

Nesta permanente luta de um professor que almeja diariamente uma dosagem mais infinita de humanidade para o espaço de tantas desigualdades sociais, tenho visto e vejo Cora Coralina e nossos leitores como personagens a serem explorados, ressignificados e transmutados no espaço da nossa comunidade educacional local. Explorações de crenças, percepções e leituras críticas sempre foram meu alvo, motivo pelo qual hoje me encontro aqui, neste trabalho dissertativo, com o fito de examinar o legado coralineano a partir da recepção de nossos alunos. A arte só se concretiza, só se materializa e só passa a ter sentido se for capaz de modificar a vida das pessoas.

## **Justificativa**

A possibilidade de execução da presente pesquisa apresentou-se como um desafio para este mestrando, em sua comunidade acadêmica local, visto que não se tem conhecimento de estudos realizados sobre a recepção da poesia de Cora Coralina sob o

olhar de alunos do ensino médio, estabelecendo-se um confronto epistemológico entre diferentes autores da estética da recepção. Estar na cidade de Goiás, na 1ª turma do curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade, numa universidade que lá levou o nome desta escritora, sua terra natal, também terra natal deste pesquisador, que é, antes de tudo, também professor da Rede Estadual de Ensino, é algo que individualiza a relevância desta investigação.

Muitos estudos, em nível *stricto sensu*, sob a égide da referida teoria, mostram que a leitura e apreciação de um texto literário podem fomentar distintas formas de interpretação e reação (AMARAL, 1986; BENDER, 2006; COSTA, 1998; MENDES, 2008; SOUZA, 2015; SILVA, 2003). Existem leitores que podem responder de forma positiva diante de uma produção literária, há uma identificação com o contexto e os personagens e há, do lado oposto, aqueles que mostram posições negativas. Assim, almeja-se um horizonte de expectativas, que pode variar de leitor para leitor, conforme a cultura, a maturidade, as experiências literárias, os costumes etc (SAGRILO, 2007).

Em contrapartida, em se tratando da vida, obra e apreciação da poesia coralínea, através de buscas pelo Google acadêmico e o banco de teses e dissertações da CAPES, observa-se que há muitas investigações acadêmicas que exploram aspectos da memória, da reminiscência, da luta pela emancipação, das relações entre sua poesia com a sociedade e a cultura de sua época (BRITO, 2006; DELGADO, 2003; GOMES, 2004; VELASCO, 1990; entre outros), sem, contudo, explorar este viés com o público leitor.

Destarte, cientes de que é impossível haver prazer sem conhecimento (JAUSS, 1994; SAGRILO, 2007), nossa pesquisa abre possibilidade de vivenciamento do objeto literário, no caso, o construto poético de Cora Coralina, vivendo esteticamente sua construção literária, apreendendo seus versos, suas criações, através de experiências engajadas em sala de aula. Dessa forma, abre-se um caminho, a partir das especificidades de uma poetisa local, de discutir, teoricamente, como a literatura é capaz de trazer, mesmo de forma inconsciente para o leitor, fatos relacionados a sua vida, ajudando-o a refletir sobre eles, num processo de recriação e recepção.

### **Objetivos da pesquisa**

Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar a natureza da recepção da poesia de Cora Coralina, num estudo de caso realizado com discentes de uma escola pública de ensino médio da cidade de Goiás – GO.

Como objetivos específicos, este estudo visa a:

- Identificar as formas como os indivíduos se posicionam acerca do discurso poético coralineano, nas suas múltiplas representações.
- Investigar o contexto de circulação da poesia de Cora Coralina no interior do espaço escolar.
- Discutir o papel do mediador de poesia no espaço escolar.

Este estudo foi direcionado pelas seguintes perguntas de pesquisa:

- a) Como os indivíduos se posicionam acerca do discurso poético coralineano, nas suas múltiplas representações?
- b) Qual é e como é o contexto de circulação da poesia de Cora Coralina no interior do espaço escolar?
- c) Qual é o papel do mediador de poesia na escola?

### **Procedimentos metodológicos**

Esta pesquisa se configura como um estudo de caso com observação participante (ANDRE, 2005; LUDKE; ANDRE, 1986), uma vez que documenta e analisa o processo de investigação das crenças e percepções da comunidade acerca do construto literário de Cora Coralina, pesquisa esta que se estende a alunos de ensino médio de uma escola pública de Goiás - GO.

As características atribuídas por André (2005) e Merriam (1988) para se referirem ao estudo de caso auxiliam o investigador a determinar quando se deve usar essa metodologia. De acordo com as autoras, os estudos de caso visam o conhecimento do privado, do particular, são descritivos, trabalham com dados indutivos e requerem a totalidade. Há uma maior preocupação com a compreensão e descrição do processo do que com os resultados comportamentais. Envolve-se, portanto, a descrição contextual e da população que perpassa pelo estudo e, por outro lado, a verificação de como o evento evoluiu, ou mesmo o projeto ou programa analisado.

Para a coleta dos dados, foram utilizados questionários, gravações em áudio, entrevistas, notas de campo, exercícios realizados em sala, bem como análises das diversas poesias de Cora Coralina, o que possibilitará a triangulação dos dados (ANDRÉ, 2005).

As unidades de análise deste estudo são as interações decorrentes das verificações realizadas com a comunidade local acerca da poesia e do legado coralineanos, bem como das leituras realizadas acerca do material poético em questão.

Como já mencionado, fizemos o convite para participação deste projeto a uma unidade escolar pública da cidade de Goiás, que se interessou pela investigação e estudo acerca da poesia de Cora Coralina e, em face da aceitação da docente e coordenação, foi executado em duas salas de 3º ano do Ensino Médio, uma no matutino e outra no vespertino, para possíveis comparações dos resultados obtidos, tendo em vista as diferenças do público-alvo (alunos do setor rural e da cidade).

No caso da recusa por parte de alguns discentes, na participação, foram lhes facultado o desenvolvimento das atividades relacionadas feitas pelos colegas participantes, sem que fossem divulgadas suas produções. Alternativamente, a professora responsável também ofertou-lhes atividades paralelas que não comprometeram o conteúdo e o planejamento de sua disciplina.

### **Organização deste estudo**

Esta pesquisa está organizada em três capítulos, além da introdução e das considerações finais.

No primeiro capítulo, trazemos os pressupostos teóricos que dão sustentação a este estudo. Discutimos as teorias da recepção bem como a importância do leitor na formação de suas convicções no momento da análise e leitura da obra de Cora Coralina. Fazemos uma inter-relação entre Cora Coralina, sociedade e cultura, compreendendo-a como uma poetisa que se amoldou às características da Modernidade e do Modernismo, ao dialogar, em sua escrita, com os problemas sociais, os mais oprimidos, usando a velha imagem da Cidade de Goiás e suas reminiscências para criar e recriar o espaço que lhe deu identidade como mulher.

No segundo, trazemos os aspectos metodológicos do estudo. Nesta toada, são devidamente fundamentadas as características da pesquisa qualitativa que deram suporte na coleta e na análise dos dados. Há uma contextualização da pesquisa, fazendo-se referências aos colaboradores (escola, professora e alunos), aos procedimentos da coleta dos dados e dos exercícios e atividades realizadas pelos discentes, durante as aulas observadas. Ao final do capítulo, apresentamos os critérios utilizados durante a análise dos dados.

Já no terceiro, há a análise dos dados, com reflexões acerca das interações em sala de aula, entre alunos e professor nas aulas de literatura, com a exploração da poesia e vida de Cora Coralina, apontando de que forma o estudo da teoria da recepção pode colaborar para um aperfeiçoamento desta prática. Na análise dos dados, há uma triangulação dos

mesmos, utilizando os instrumentos de coleta de dados, tais quais, os exercícios realizados, os questionários, as notas de campo e a roda de conversa.

Por fim, suscitamos as perguntas de pesquisa expostas na introdução do trabalho, com o fito de fazer algumas considerações sobre a recepção da poética coralínea, sua relevância para os estudos de literatura e os caminhos que podem ser trilhados pela escola em busca de condições cada vez mais competentes de trabalhar a arte literária em sala de aula.

**CAPÍTULO 1**  
**REVISÃO TEÓRICA:**  
**DISCUSSÕES EPISTEMOLÓGICAS SOBRE A ESTÉTICA DA**  
**RECEPÇÃO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A LEITURA DA**  
**OBRA POÉTICA CORALINEANA**

*Recria tua vida, sempre, sempre.  
Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.  
Faz de tua vida mesquinha  
um poema.  
E viverás no coração dos jovens  
e na memória das gerações que hão de vir.*  
**Cora Coralina**

Neste capítulo, discutimos alguns aspectos relacionados à teoria da recepção, um dos diversos ramos da teoria literária moderna voltada para o acolhimento do leitor diante da obra e suas relações com a compreensão e a análise do texto literário. Conforme Zappone (2004), observa-se que há alguns autores que se debruçam sobre os estudos literários sob o prisma recepcional, como Chartier (1996), Jauss (1994) e Iser (1979) entre outros. Não obstante sejam teóricos que possuem diferentes olhares em torno da recepção de um texto literário, os estudos mostram que eles partilham das ideias de Hans Robert Jauss (1994), o maior expoente da teoria em apreço, segundo o qual a figura do leitor e o exercício da leitura são elementos chaves para “a caracterização do fato literário” (ZAPPONE, 2004, p. 155).

Abordamos também aspectos da vida e obra de Cora Coralina, uma vez que a referida pesquisa se dedica a verificar os reflexos da poesia desta escritora na recepção de alunos da escola pública, e como a literatura pode redimensionar a forma como o sujeito/leitor enxerga e atua na sociedade em que vive, utilizando, no caso em tela, uma personagem da cultura local como modelo.

### **1.1 Teoria da Recepção**

Na perspectiva de Ivanda Maria Martins Silva (2003) e Mirian Hisae Yaegashi Zappone (2004), os estudos sobre as relações entre o leitor, o livro, a leitura e a literatura ganharam considerável espaço nos últimos anos. É certo que há várias pesquisas que

comprovam o ato da leitura “enquanto processo, habilidade e atividade social ou coletiva” (ZAPPONE, 2004, p. 152), não obstante se saiba que os estudos literários tenham tematizado a relação entre leitura e literatura somente nas primeiras décadas do século XX (BORBA, 2004; ZAPPONE, 2004).

O fato é que as quatro instâncias – o leitor, a leitura, o livro e a literatura – possuem pontos de tangenciamento (TRAGINO, 2013). A estética da Recepção, com início nos anos 60, na Alemanha, procurou compreender a arte literária tendo como referencial a sua finalidade maior: a leitura e, portanto, estabeleceu o leitor como figura central no ato da interpretação (JAUSS, 1994; TRAGINO, 2013).

A relevância com que o leitor passou a ser tratado – como objeto de estudo científico – fez com que, posteriormente, nos anos 1970, a interpretação histórica também passasse a ser problematizada (BURKE, 2008; SELDEN, 1997). Wolfgang Iser, cofundador da Estética da Recepção, perscrutou teoricamente a leitura do texto literário, assim como o fez Hans Robert Jauss. Porém, para ele, era preciso dar uma atenção maior à forma de interação que a obra estabelece com o leitor no ato da leitura. Há, destarte, uma preocupação enfática com o efeito e seus desdobramentos (TRAGINO, 2013).

Chartier (1996), pensador francês, por sua vez, faz considerações sobre a utilização do livro e das práticas de leitura, na tentativa de compreender a cultura escrita da modernidade europeia. De posse de aspectos morfológicos e materiais dessa cultura, Chartier (1996) supunha a presença de um “leitor implícito”, “um indicador” capaz de destacar as características que um texto traz em seu bojo, “supondo suas informações, seus repertórios e seus valores comuns” (TRAGINO, 2004, p. 25).

Independentemente das especificidades destas vertentes da Estética da Recepção, é importante destacar que o princípio unificador de todas elas é a tentativa de recuperação da experiência de leitura, apresentando-a como ponto central para se analisar tanto o fenômeno literário quanto a história da literatura (ZAPPONE, 2004).

### **1.1.2 Hans Robert Jauss: história literária e Estética da Recepção**

O aparecimento de Hans Robert Jauss no contexto da teoria literária moderna se deu no final dos anos 1960, quando, numa universidade alemã, teceu críticas duras às teorias literárias que o antecederam, bem como à historiografia literária vigente à época (HOLUB, 1984; ZAPPONE, 2004).

Para Jauss (1994), a história da literatura, em aspectos gerais, é muito vinculada a uma ordenação cronológica, em que “o historiador da literatura limita-se à apresentação de um passado acabado (...) e, apegando-se ao cânone seguro das obras primas, permanece ele o mais das vezes, em sua distância histórica uma ou duas gerações atrasado em relação ao estágio mais recente do desenvolvimento da literatura” (JAUSS, 1994, p. 8). A qualidade de uma obra literária não pode ser mensurada tão somente a partir das condições históricas e ou biográficas a ela vinculadas, mas a partir dos juízos e do discernimento proporcionados pela sua recepção e por todas as suas contribuições deixadas para as gerações futuras (JAUSS, 1994).

Jauss (1994) trata a literatura como um processo dialético da produção e da recepção. Para ele, a literatura e a arte só são capazes de fazer história quando a execução de seus trabalhos é mediada tanto pelo sujeito da produção quanto pelo sujeito do consumo, ou seja, a interação entre o autor e o público é tida como o elemento mais importante. Robert Holub (1984) argumenta que a obra literária é uma combinação perfeita da subjetividade do leitor e da presença material do texto, não havendo como excluir qualquer destas marcas.

Silva (2013), em sua tese de doutorado acerca das relações entre o leitor e a obra literária no âmbito da escola, salienta que Jauss (1994) resiste à ideia de que a obra literária é um reflexo de nossa sociedade. Para Silva (2013), Jauss (1994) destaca que o ofício da literatura é de orientação formadora. A literatura instrui a compreensão de mundo, algo que terá reflexos na vida social do cidadão leitor:

O conceito de leitor apresentado por Jauss está baseado em duas categorias: o horizonte de expectativas e a emancipação (...). O horizonte de expectativas relaciona-se aos códigos vigentes e à soma de experiências sociais acumuladas, ao passo que a emancipação é entendida como efeito alcançado pela obra de arte que libera o destinatário das percepções usuais e lhe confere nova visão da realidade (SILVA, 2013, p. 21).

Para Holub (1984), Silva (2013) e Zilberman (1999), Jauss (1994) faz uma conexão entre a literatura e a história geral, o que é considerado como uma contribuição importante para a teoria literária. Jauss (1994) argumenta que o trabalho da história literária é completo quando a produção literária não é apenas representada de forma sincrônica e diacrônica na sucessão de seus sistemas mas também como uma história especial na sua relação singular com a história geral. O autor salienta que o horizonte de expectativas é formado através das experiências de vida do leitor, costumes e entendimento de mundo, fatos que têm reflexos e efeitos no comportamento social do leitor.

Mais do que os efeitos mencionados, Rothe (1978) e Zappone (2004) ponderam que Jauss (1994) deixa claro que o “acontecimento literário” só terá êxito se a recepção de um texto atingir o público da posteridade, com sua conseqüente retomada e ou questionamento das ideias, posto que o propósito da obra é justamente provocar reflexões no momento presente e futuro.

Nesse sentido, Zappone (2004) assinala que para Jauss (1994), o espaço de uma obra literária não pode ser demarcado necessariamente tão somente em virtude de sua recepção preliminar, com base apenas na oposição entre o novo e o velho no momento de seu aparecimento. Muitas vezes, a relevância de uma obra não é estimada no momento de sua apreciação inicial, uma vez que a distância estética entre o horizonte de expectativa da obra e do público é extensa, sendo preciso um longo caminho de recepção para que ela venha a ser devidamente contextualizada e entendida.

A perspectiva de Jauss (1994), portanto, privilegia a recepção, ao levar em conta as várias leituras realizadas pelo receptor ao longo do processo histórico, havendo, pois, um fato social estabelecido através dos horizontes de expectativas comuns (SILVA, 2003). Já a tese apresentada por Iser (1996), como observaremos adiante, enfatiza o efeito que a obra suscita no leitor, levando em consideração “as inter-relações entre a estrutura interna da obra e o papel dinâmico do receptor na atualização do texto” (SILVA, 2003, p. 24).

### **1.1.3 Wolfgang Iser: proximidades e distanciamentos de Hans Robert Jauss**

Wolfgang Iser (1979), ex-professor de Literatura Comparada da Universidade de Constance na Alemanha, no século XX, considerado como uma das figuras mais importantes da Teoria da recepção, ao lado de Jauss (1994), enfatiza também o papel preponderante do fator literário. Iser faz uma abordagem fenomenológica da obra e descontextualiza e desistoriciza o texto e o leitor, argumentando que o envolvimento deste coincide com a produção de significado na literatura.

Para Iser (1979), a obra literária não pode ser completamente idêntica ao texto, ou à percepção do texto (pelo leitor), mas deve estar no meio dos dois. A obra é mais do que o texto em si, uma vez que a compreensão jamais está desvinculada da disposição individual do leitor.

Isso sugere que a teoria da recepção define a literatura como um processo no qual o leitor e o texto interagem-se um com o outro, o que foi considerado um marco para a época. Diverge-se, portanto, do pensamento segundo o qual o texto é apenas um conjunto

de enunciados carregados de sentido; os autores em questão apontam que o efeito da produção textual e o seu impacto na vida do leitor são fundamentais para o estabelecimento desta definição (ZAPPONE, 2004).

Tragino (2013) e Bordini e Aguiar (1993) reforçam que Iser não reflete sobre o ato da leitura como um processo que transfere as clássicas perspectivas de interpretação, em que existe um autor ou um texto incondicionais que delimitariam suas possibilidades de compreensão. Para Iser (1979), o exercício da leitura faz com que o leitor seja compelido a transmutar a imagem material do texto a uma imagem virtual apta a produzir significados.

Silva (2003, p.31), ao discorrer sobre o diálogo texto-leitor, sob o ponto de vista estético, faz as seguintes considerações sobre a abordagem de Iser:

A abordagem de Iser é influenciada pelas ideias de Ingarden que assinala a participação do leitor como essencial à obra literária. Para Ingarden (1973), a obra é caracterizada pelos índices de indeterminação. Na ótica deste autor, o mundo imaginário representado num texto ficcional, mostra-se de todo esquematizado, ou seja, a obra apresenta-se repleta de lacunas, as quais devem ser preenchidas pelo receptor. Cada obra requer a atualização de seus índices de indeterminação no momento da leitura, especialmente em se tratando de uma leitura estética (...) uma obra literária atinge sua plenitude estética quando é concretizada na recepção do leitor (SILVA, 2003, p. 31).

A partir das constatações acima, vê-se que um texto literário é eficaz quando cria expectativas baseadas na familiaridade e as nega no texto, criando para o leitor algo que não é familiar. O leitor é forçado a modificar seus preconceitos para acompanhar a ilusão que o texto cria. Isso induz uma mudança no leitor. "Quando lemos, ocorre uma divisão artificial de nossa personalidade, porque tomamos como tema para nós mesmos algo que não somos". (ISER, 1990, p.293). Existe a personalidade do leitor que está imersa na história e está sujeita aos pensamentos do autor e existe o eu anteriormente existente (ISER, 1979).

Silva (2013) argumenta que Iser (1979) evidencia que o diálogo do leitor com o texto é um processo ativo de autocorreção, em que os conceitos criados pelo leitor são sucessivamente alterados no decorrer da leitura. A permanente relação entre o texto e o leitor cria um sentimento de ilusão, como se estivéssemos mergulhados na realidade, no ato da leitura.

A partir destes contrapontos, embora seja nítido o tangenciamento entre Jauss (1994) e Iser (1979), observa-se que este último acabou dando contornos muito genéricos e amplos à interação texto-leitor. Sob a égide de uma concepção de antropologia literária,

Iser (1979) deixa claro que a literatura não pode ser condensada tão somente a uma função independente da arte ou a uma simples documentação. A possibilidade de várias interpretações, que direciona o conhecimento literário, somente será uma verdade quando existir uma real circulação de livros que sejam capazes de regular a flexibilidade da natureza humana para se comunicar, se interagir e mudar a partir dela. É nesta toada que a teoria de Iser (1979) ganha um destaque preponderante: o livro tem o seu valor por se constituir num ato comunicativo sem o qual a literatura não seria realizada (ROTHER, 1978; TRAGINO, 2013).

Para a nossa pesquisa, contudo, é evidente que a visão de um não exclui e não supera a do outro, visto que tanto Iser quanto Jauss consideram a multiplicidade de interpretações a quem está sujeito o texto literário, num universo variado de recepções.

Portanto, para Iser o texto só é plenamente existente no momento da leitura, cujos resultados e efeitos são considerados indispensáveis para a produção do sentido. A concepção de Jauss (1994), segundo a qual, o texto é uma estrutura de onde parte um significado é o principal ponto de divergência entre os dois autores (MATOS, 1987; ZAPPONE, 2013).

Nesta relação conflituosa e dialógica entre leitor e obra, proposta por Jauss (1994) e Iser (1979), Chartier, como veremos a seguir, procurará focalizar aspectos da história cultural da sociedade, usando como fundamento que a apropriação de textos é que forneceria condições para se criar bons leitores.

#### **1.1.4 Chartier e a Sociologia da Leitura**

Roger Chartier, historiador francês da Escola dos Annales, nascido em 1945, em Lyon, faz parte de um grupo de autores seguidores de Robert Escarpit (1969), segundo os quais, os estudos literários são intermediados por elementos que dão alicerce para sua existência, ou seja, o público, o livro e a leitura. Chartier (1996), mais especificamente, volta seu olhar com mais propriedade ao livro e à leitura, ressaltando o aspecto das percepções que os leitores são capazes de abstrair das obras assim como a materialidade dos textos como um aspecto que possui uma importância direta sobre a leitura que se realiza (ZAPPONE, 2004).

Navarrete (2004), ao discorrer sobre Literatura e Roger Chartier (1996), faz menção a um texto do referido autor no qual ele assinala:

(...)Tal dissociação entre texto e objetos foi comum na tradição da Crítica Literária e na História, e há explicações, na longa duração, para isso: (...) de modo durável – e paradoxalmente – a história do livro separa o estudo das condições técnicas e materiais de produção ou de difusão dos objetos impressos e a dos textos que eles transmitem, considerados como entidades cujas diferentes formas não alteram a estabilidade linguística e semântica. Há na tradição ocidental numerosas razões para essa dissociação: a força perdurável da oposição, filosófica e poética, entre a pureza da ideia e sua corrupção pela matéria, a invenção do copyright que estabelece a propriedade do autor sobre um texto idêntico a si mesmo, se já qual for seu suporte, ou ainda a definição de uma estética que considera as obras em seu conteúdo, independentemente de suas formas particulares e sucessivas (CHARTIER, 2002, p. 62).

Navarrete (2011) vem nos mostrar que Chartier (2002) coaduna com a ideia de que os modos de ver, de ler e de ouvir o texto influenciam também no construto de sua significação para o leitor. “O “mesmo” texto, fixo em sua letra, não é o mesmo se mudam os dispositivos de sua inscrição ou de sua comunicação” (NAVARRETE, 2011, p. 26).

De acordo com Tragino (2013), ao investigar a história cultural da sociedade proposta por Chartier (1996; 2002), vê-se que, “no caso do leitor, essa modificação ocorre quando se observa a historicidade por qual ele passou: as transformações de suas práticas em se apropriar dos objetos impressos corroborou para novas produções de significados na leitura” (TRAGINO, 2013, p. 28). Chartier, destarte, salienta que a posse e a experiência do texto é que forneceria condições para se criar leitores: com o surgimento da imprensa e toda a propagação da leitura, os materiais impressos deram um caráter democrático de acesso ao conhecimento, o que geraria uma representação da “função leitor” (CHARTIER, 1996, p. 34; ROTHE, 1978, p. 45; TRAGINO, 2013, p. 28).

Para o pensador francês, é fundamental, tão logo, sobrepujar o excesso do que foi dito. O que é importante, nas percepções do autor, é tecer uma análise que considere os constrangimentos e os ajustes que demarcaram o texto, bem como os efeitos de sentido que ele gera enquanto um produtor de representações, isto é, enquanto um produtor de “esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado.” (CHARTIER, 2002, p. 45; NAVARRETE, 2011, p. 31).

O que se prioriza aqui é a produção de significações, o significado que o criador e o receptor são capazes de conferir aos objetos culturais. Não é necessariamente, como ocorria com as abordagens reducionistas, de uma determinação causal, mas de uma permuta entre, de um lado, o criador e, de outro, as instituições e as práticas sociais (NAVARRETE, 2011).

É possível, pois, conforme declina Matos (1987) e Tragino (2013), perceber que Roger Chartier analisa a leitura sobre uma outra ótica: considerando a formação de uma cultura escrita após a propagação dos objetos impressos, a leitura vai além de uma simples comunicação leitor e texto. Muitos outros atores se interconectam neste processo, como as livrarias, os meios de comunicação, os editores, os funcionários responsáveis pela impressão, os revisores, os professores etc. Há uma preocupação em ver a leitura como um processo comum de criação de sentido do texto e não somente de um ato silente e individualizado (BORDINI; AGUIAR, 1993; CHARTIER, 2002; INGARDEN, 1986; NAVARRETE, 2011).

Dessa forma, ao colocar a leitura entre emancipações e circunstâncias, Chartier (2002) atribui a esta ação uma relevância inquestionável em suas análises. E, efetivamente, de acordo com os estudos estabelecidos por ele, uma percepção crítica da história da literatura leva à compreensão de como cada obra é recebida, uma vez que um texto só existe, realmente, a partir do momento em que é lido (NAVARRETE, 2011). Impende destacar, nesta linha investigativa, que não se pode analisar a literatura apenas como um devaneio, não verificando que sua realidade se deu por intermédio de livros, ou supondo que ela foi configurada a partir de atividades humanas, quase como um presente de Deus. Por outro lado, não se deve imaginar a literatura apenas como um objeto impresso que possui uma escrita oriunda de utilizações estéticas e processos históricos, não observando seu alcance discursivo e ideológico na sociedade em que vivemos, ou subtraindo a sua importância na formação de homens críticos (TRAGINO, 2013; ZILBERMAN, 1999).

É importante que a literatura, materializada na obra escrita e no uso da palavra, da linguagem verbal, seja capaz de exprimir, para o leitor, um universo de possibilidades de leituras que lhe permitam repensar e recriar o mundo em que vive.

### **1.1.5 Pontos de convergências**

Ao apresentarmos as ideias de Jauss (1994), Chartier (1996) e Iser (1979), percebemos que os estudos de Jauss foram decisivos e muito significativos para uma nova configuração da literatura tanto do ponto de vista estético quanto do historiográfico.

Conforme fundamenta Zappone (2004), Jauss acaba por conceituar e propor um leitor especializado e não um leitor real. No entanto, suas ideias são capazes de fomentar uma discussão clara e histórica sobre o papel da recepção dentro da literatura e no campo

dos estudos literários, formando um horizonte positivo no diálogo autor/obra/público, no qual a literatura se sustenta.

Da discussão acerca do tangenciamento entre Chartier (1996) e Iser (1979), como destaca Tragino (2013), faz-se mister compreender que é possível o estabelecimento de um diálogo entre os mesmos na medida em que, em suas perspectivas de leitura, o “leitor” se transmuta’, ora possuindo um comportamento fantasiado, ora participando de uma ação. Não há, desse modo, uma ausência de compatibilidade de situações, ainda que se considere que “as duas existências de leitores” sejam divididas pelas duas vertentes.

Iser analisa a literatura pela “sua necessidade antropológica, em que há uma ficcionalização comunicativa que constitui as relações humanas” (TRAGINO, 2013, P. 31). Chartier, de outra maneira, mas com o mesmo objetivo, vê a literatura como “uma especificidade no uso da linguagem sendo marcada por uma estética de um contexto histórico bastante representativo para o homem” (TRAGINO, 2013, p. 32).

As concepções de Jauss (MATOS, 1987; ZAPPONE, 2004) não abarcam todas estas questões de historicidade balizadas nos autores acima mencionados; no entanto, sua forma de entender a função da literatura é capaz de propor caminhos de transformações de percepções da vida e do mundo, com um novo modelo de enxergar o leitor, o mesmo homem que vive e que se relaciona diariamente com a sociedade e os demais seres que nele residem.

Para o estudo aqui empreendido, acerca da recepção em torno da obra de Cora Coralina, é fundamental que o leitor encare a leitura como um instrumento valioso para a apropriação de conhecimentos.

No processo da leitura literária, levamos em conta que o homem é um ser de múltiplas dimensões e representações; que os seres humanos são capazes de ler, aprender, apreciar e valorizar a arte, em momentos e tempos diferentes; que estamos continuamente revendo nossos conceitos, opiniões e valores haja vista a dinâmica e as modificações do nosso espaço e das nossas percepções; e que o nosso conhecimento deve ser construído e reconstruído de forma processual, dando-nos a possibilidade de buscar as transformações que almejamos para a nossa vida e para a nossa sociedade.

## **1.2 Cultura e sociedade na poética coralínea: leituras de mundo traduzidas na poesia**

No estudo sobre a estética da recepção, percebemos a importância que o leitor e sua percepção assumem na construção do objeto artístico.

O leitor é, acima de tudo, um ser social. Temos a concepção de texto como construção cultural, que implica aliar à prática de leitura ao compromisso de criar condições para que o leitor se aproprie aos poucos de universos de conhecimentos que o auxiliem a estabelecer múltiplas relações para melhor desenvolver sua competência leitora.

Em se tratando de Cora Coralina, o diálogo que a mesma estabelece entre sua escrita e os desenhos da cultura e da sociedade goiana dos séculos XIX e XX, permite leituras que levam em conta o conhecimento prévio do leitor. Através dos poemas catárticos e autobiográficos da referida autora, insta avaliar o percurso sociocultural da poetisa, seus esforços para estar presente no cenário artístico e literário brasileiro e suas relações com os diversos personagens da época bem como reconhecer que sua obra traduz-se numa fidedigna representação da sociedade de Goiás nos tempos coronelistas: um cenário de rejeição da mulher, no que se refere ao seu posicionamento do ponto de vista da vida pública e institucional, realidade esta que permanecerá intacta até as primeiras décadas do século XX, quando em toda a nação, muitas delas iniciam a luta pela participação na política e pelo direito ao voto (BRITO, 2006; LEMES, 2009).

De acordo com Laraia (2001, p. 84) “o importante, porém, é que deve existir um mínimo de participação do indivíduo na pauta de conhecimento da cultura a fim de permitir a sua articulação com os demais membros da sociedade”. Com base nessa visão cultural, Cora utiliza-se de sua obra para expor as amarguras e desafios de sua condição de mulher, seu comprometimento com as camadas mais sofridas do meio social e seu pacto com a história da cidade de Goiás, espaço este que a fez poeta, doceira e um ser humano em busca de transformações das formas de enxergar o mundo e seus dissabores através da arte poética.

A obra de arte literária é “um sistema complexo” (SAMUEL, 2012, p. 13), cujo meio de expressão é a palavra. No entanto, tem-se que a utilização da palavra não é adstrita somente ao poeta, uma vez que ela é uma ferramenta de comunicação para todos os indivíduos (BENJAMIN, 1989; CÂNDIDO, 2000).

Ao problematizar sua vida, a sociedade goiana e todas as suas visões sobre o mundo e suas desigualdades, por meio de sua escrita, Cora Coralina traz em seus versos, a cultura de uma mulher que vivia além de seu tempo, pelo viés da memória (VELASCO, 1990).

Na esteira de Araújo e Moraes (2010), a memória representa uma das molas propulsoras da modernidade, uma vez que ela nos permite resgatar o passado de uma sociedade, os traços culturais de um povo, o imaginário de um artista e as características de

seu tempo. No intuito de criar, o poeta rende-se ao ato de representar, consagrando sua habilidade de apreciar, suas emoções, suas percepções culturais, sua visão sobre a sociedade na qual está inserido.

Nesse sentido, é possível investigar as confluências entre cultura e sociedade na poética coralineana, na perspectiva do leitor, considerando a recepção como um viés de aproximação e de compreensão da arte poética.

É possível, neste interim, levar também em conta, as vivências e experiências pessoais de Cora Coralina na antiga Vila Boa, numa linha memorialística que se refere ao contexto histórico-cultural da poetisa, transformados em material poético a partir das descrições da cidade de Goiás, “seus becos e sobrados, seus costumes e tradições, sua gente humilde e a velha casa da ponte” (SIQUEIRA, 2016, p. 167).

Por meio da cultura e das representações de seu povo e de sua gente, Cora reinventa e recria a imagem da sua terra natal, potencializando, através da literatura, suas experiências, vivências e sentimentos, dimensionando o espaço e o discurso, através da linguagem e de suas impressões individuais.

### 1.2.1 A poética coralineana numa perspectiva autobiográfica e cultural

Cora Coralina, Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, tem em sua vivência, cultura e em suas experiências singulares, seus instrumentos fundamentais para a construção de sua lírica (ARAÚJO; MORAES, 2010). Ao reconhecer, autorizar e poetizar as trapaças da memória, Cora Coralina é capaz de preencher as lacunas deixadas, através de um resgate do seu imaginário, o que faz com que obras como *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (2003) e *Vintém de Cobre* (2001) – dentre tantas que compõem seu universo artístico – representem seus anseios e visões pessoais da sua vida, da cidade de Goiás e da sociedade em que viveu (BRITO, 2007; SIQUEIRA, 2016). A partir dessas singularidades que marcam o legado coralineano, entendemos que a preservação da memória desta autora é uma forma não só de preservar a história e a cultura da velha Goiás do século XIX e XX, mas também de evidenciar a importância que a consciência e as intuições apreendidas favorecem a longevidade de seus versos e o estabelecimento de sua memória poética.

A leitura em Cora Coralina supõe enveredar-se pelas ruas e pelos becos de Goiás e abraçar a gente humilde e, muitas vezes, menosprezada e rejeitada de seus cantos marginalizados – lavadeiras, prostitutas, menores abandonados, bêbados, mulheres etc. Um

processo de comunicação que pressupõe a observação da relação entre o leitor e a poetisa, algo que supõe a dialogicidade como condição para o desenvolvimento da criticidade, da capacidade de posicionar-se frente à realidade, de interagir com o outro nas relações sociais, de apresentar e de defender ideias e de apropriar-se criticamente do conhecimento que a literatura nos proporciona (VELASCO, 1990).

Como uma expressão inequívoca e singular da cultura vilaboense, Cora Coralina (1889-1985), utiliza-se de sua poesia para, através da língua, estabelecer relacionamentos sociais no dia-a-dia, ordenar os dados da realidade social e cultural, traduzir as linguagens dos becos e das ruas da cidade de Goiás, avaliar o dito e o escrito, organizar e registrar os conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida (VELASCO, 1990). Nascida em Goiás Velho, em 1889, Cora registra em seus versos a vida simples e os traços do cotidiano e da vida goiana. A poetisa “se coloca junto aos humildes, defende-os com espontânea opção, exalta-os, venera-os. Sua consciência humana não é menor que sua consciência da natureza” (ANDRADE *apud* CORALINA, 2013, p. 9; FERREIRA; OLIVEIRA; NEVES, p. 02).

Em seus versos, constata-se, também, as cenas abundantes de teor sociológico, em que as representações dos becos de Goiás se mesclam e se intercalam com as representações do que as pessoas enxergam como imundos, indignos e perdidos (BRITO, 2007).

De posse de tamanho material humano e literário, os leitores são capazes de desenvolver, ao longo dos anos da história, uma gama de percepções sobre a referida poeta, que sofreu por estar além do seu tempo:

Cora antecipou o seu tempo, rompendo com preconceitos e com uma sociedade discriminadora quanto ao papel social da mulher. E, muitas vezes, suas história de vida, o mito que se criou da senhora de cabelos brancos declamando com voz trêmula seus versos sobrepõe e ofusca a sua poesia, contribuindo para leituras apressadas que não reconhecem o seu valor literário. Suas faces não poéticas, como as representações sociais, históricas e da cultura popular, que podemos encontrar em sua obra, são iluminações veladas do próprio poético (CAMARGO, 1999, p. 03).

A partir de variados pontos de vista e interações do público leitor, as pessoas são capazes de fazer com que suas concepções sobre a poesia, a vida e o legado coralineanos se tornem objetos de comunicação e apreciação, constantemente avaliados e reapreciados pela comunidade em que vivemos (DELGADO, 2003).

Conforme Siqueira (2016), é altamente compreensível que, ao longo dos anos, as crenças sobre a relevância da poesia desta escritora venha mudando, visto que até a década

de 80, sua construção literária era vítima de preconceitos por parte de muitos intelectuais que ignoravam a capacidade da poeta de ter sua obra submetida a uma leitura mais extensiva. Siqueira (2016) aponta que tais crenças foram sobejamente transformadas visto que nos últimos anos, vários trabalhos acadêmicos, tanto em nível de graduação como de pós-graduação, sobre a poeta e sua obra, vem sendo realizados no Brasil e no exterior.

De acordo com Velasco (1990), o construto literário de Cora Coralina faz com que o leitor sinta, que a poeta era um ser ativo na configuração da sua própria história, reunindo à poesia, traços do passado, ressignificados pela estética modernista. A poesia coralineana suscita no leitor a capacidade de identificação com momentos marcantes da vida da poetisa, na medida em que a autora agrega a sua escrita libertadora, uma infância isenta de carinho, de proteção de sua família, da “menina-mal-amada” (CORALINA, 2001).

Cora Coralina, neste sentido, é capaz de resgatar o gosto amargo da sua infância, através da poesia, tirando do baú, suas memórias de menina, que lhe fez também uma contadora de histórias (VELASCO, 1990; YOKOZAWA, 2002). O fato de reviver sua cidade e cada momento de sua história em sua casa que “cochichava uma com as outras” (CORALINA, 1996, p.34), torna sua escrita capaz de metamorfosear todos os obscuros da sociedade. No espaço da cidade de Goiás, nas ruas de pedras, há uma simbiose entre a autora e sua gente, pois é neste lugar de múltiplas representações sociais e culturais, que ela encontra seu material poético e o transforma em arte, em memória, em recriação.

Por considerar a forte presença do fator cultural e autobiográfico nos versos coralineanos, impende destacar que cultura e sociedade se fortalecem na construção de sua lírica, na medida em que o reencontro com a cidade de Goiás<sup>1</sup>, após 45 anos longe de sua terra, lhe permite, em forma de catarse, criar e recriar sua nova vida.

Neste sentido, Porto (2011) se afilia a Durkheim (2007), ao considerar que cultura se constitui na dimensão da personalidade social dos seres humanos que se configuram por intermédio da internalização e das representações dos valores sociais e estéticos rumo à construção de uma história. Destarte, leva em conta os seres enquanto produtos da existência e das ações da sociedade, uma vez que a cultura é a própria identidade construída através da história, que ao mesmo tempo nos individualiza e nos torna

---

<sup>1</sup> Cora Coralina viveu durante 45 anos longe da cidade de Goiás. Envolveu-se por um advogado, graduado na famosa Escola do Largo de São Francisco de São Paulo e que assumiu a função de chefe de polícia na antiga Vila Boa: Doutor Cantídio Tolentino de Figueiredo Brêtas encantara a jovem Cora. Quando soube que ele já tinha sido casado, o que representava um grande tabu àquela época, sua mãe fez forte oposição àquele relacionamento. Pressionada, e sem avisar a ninguém, Cora Coralina parte da cidade de Goiás em companhia de seu parceiro (DENÓFRIO; 2004; SIQUEIRA, 2016).

infindáveis. Revela-se como um espaço da diversidade, da invenção e dos conflitos. (CAMPOMORI, 2008; CRESPI, 1997; LARAIA, 2001; PORTO, 2011).

Pensando por este viés, Siqueira (2016) estabelece que, através dos preconceitos e dificuldades que viveu, Cora se fortaleceu por intermédio de sua cultura e seus valores individuais. Quando da publicação de um de seus principais livros *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, publicado pela primeira vez em 1965, a poeta dá início ao seu trabalho poético, trazendo para si todas as vidas, como está posto na poesia “Todas as vidas”:

Vive dentro de mim  
 uma cabocla velha  
 de mau-olhado,  
 acocorada ao pé do borralho,  
 olhando pra o fogo.  
 Benze quebranto.  
 Bota feitiço...  
 Ogum. Orixá.  
 Macumba, terreiro.  
 Ogã, pai-de-santo...  
 Vive dentro de mim  
 a lavadeira do Rio Vermelho,  
 Seu cheiro gostoso  
 d'água e sabão.  
 Rodilha de pano.  
 [...]

Vive dentro de mim  
 a mulher cozinheira.  
 Pimenta e cebola.  
 Quitute bem feito.  
 Panela de barro.  
 Taipa de lenha.  
 [...]

Vive dentro de mim  
 a mulher do povo.  
 Bem proletária.  
 Bem linguaruda,  
 desabusada, sem preconceitos,  
 de casca-grossa,  
 de chinelinha,  
 e filharada.

Vive dentro de mim  
 a mulher roceira.  
 – Enxerto da terra,  
 meio casmurra.  
 Trabalhadeira.  
 Madrugadeira.  
 [...]

Vive dentro de mim  
 a mulher da vida.  
 Minha irmãzinha...

tão desprezada,  
tão murmurada...  
Fingindo alegre seu triste fado.  
Todas as vidas dentro de mim:  
Na minha vida –  
a vida mera das obscuras. (CORALINA, 2003, p.33).

Numa cultura e numa sociedade patriarcal e dominada pelas práticas coronelistas e machistas, Cora Coralina, que, em algum momento de sua vida, foi vítima de preconceitos e excluída em razão de suas escolhas e modo de vida, visto que ao retornar depois de 45 anos residindo no interior de São Paulo, à cidade Goiás, sente na pele o julgamento e o desdém dos vilaboenses mais antigos, opta, na sua materialidade poética por acolher as vidas das pessoas menosprezadas pela sociedade: a roceira, a prostituta, a lavadeira, a cabocla, a mulher do povo. Neste poema, Cora Coralina abre o caminho para que as mulheres subjugadas e oprimidas tenham o papel de heroínas no espaço do seu construto literário (BRITO, 2006; SIQUEIRA, 2006; VELASCO, 1990).

Ao se dedicar às pessoas mais humildes e rejeitadas pela sociedade, Cora Coralina também resgata em sua poética, aquela cidade que lhe deu uma dimensão humana, identitária e cultural: a cidade de Goiás. Num processo de personificação/prosopopeia, o eu lírico em “Minha Cidade” dá vida ao espaço que lhe proporcionou o sentimento de pertencimento e amor:

Goiás, minha cidade...  
Eu sou aquela amorosa  
de tuas ruas estreitas,  
curtas,  
indecisas,  
entrando,  
saindo  
uma das outras.  
Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.  
Eu sou Aninha.  
Eu sou aquela mulher  
que ficou velha,  
esquecida,  
nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,  
contando estórias,  
fazendo adivinhação.  
Cantando teu passado.  
Cantando teu futuro.  
Eu vivo nas tuas igrejas  
e sobrados  
e telhados  
e paredes.  
Eu sou aquele teu velho muro  
verde de avencas  
onde se debruça

um antigo jasmineiro,  
 cheiroso  
 na ruinha pobre e suja.  
 (...)
   
 Minha vida,  
 meus sentidos,  
 minha estética,  
 todas as vibrações  
 de minha sensibilidade de mulher,  
 têm, aqui, suas raízes.  
 Eu sou a menina feia  
 da ponte da Lapa.  
 Eu sou Aninha.  
 (CORALINA, 2003, p. 34-25)

Na esteira do professor Antônio Cândido (1989, p.56) *apud* Siqueira (2016, p. 169), “a experiência pessoal se confunde com a observação do mundo e a autobiografia se torna heterobiografia, história simultânea dos outros e da sociedade”. Desse modo, tanto a poesia “Minha cidade” quanto “Todas as vidas” bem como as várias escritas em que o eu poético coralineano se volta para personagens como “Maria Grampinho”, “os becos mal afamados”, “as lavadeiras”, “os presidiários”, “os menores delinquentes” etc., auxiliam na construção da biografia cultural e ficcional de “Aninha”, nome este que Cora também encontrou para se referir a si mesma, como “a menina feia da ponte da lapa” (CORALINA, 2003, p. 23). No seu acervo literário-poético, residem impressões e histórias dos outros, da sociedade e de sua própria vida (SIQUEIRA, 2016, p. 168), que para Woodward (2007, p. 18) é uma “identificação”, (...) “processo pelo qual nos identificamos com os outros, seja pela ausência de uma consciência da diferença ou da separação, seja como resultado de supostas similaridades”.

Num encontro de culturas e visões de mundo, Cora Coralina produz sua arte que provoca e mobiliza. Há a imaginação do mundo ideal que problematiza a realidade do mundo real, numa tentativa de apresentar uma nova maneira de enxergar a realidade, abordando seus sentimentos, anseios, frustrações e desejos.

### 1.2.2 Identidade, diferença e cultura na produção poética coralineana

A poetisa Cora Coralina, por intermédio de sua escrita, se aprofunda na velha cidade de Goiás, configurando o monumento de um passado histórico através das imagens que criou e recriou. Seus gestos artísticos, demonstrados na sua lírica, transubstanciada em paisagens e personagens historicamente emudecidos, estabeleceu uma forma de resistência

e de luta. Ao voltar a sua antiga Vila Boa, Cora Coralina personifica a sua cidade em seus versos, apontando fases da sua infância, da sua juventude e velhice. Mesmo estando em São Paulo por tanto tempo, opta para retornar para sua terra natal, para o seu espaço identitário e cultural, lugar de sua memória, das suas lembranças. A bem da verdade, a poetisa deu corpo a maior parte de sua escrita, na velha Goiás, sob o manto e na solidão da Casa Velha da Ponte, enquanto observava as ruas de pedras, sua gente e as águas do Rio Vermelho, perfazendo, pois, o estabelecimento de sua memória (BRITO, 2006).

De acordo com Yokozawa (2005, p. 126), “um dos mais bem realizados poemas em que Cora Coralina revisita freudianamente a infância, “Antiguidade” (CORALINA, 2003, p. 53-62), começa com uma espécie de fórmula de abertura ‘Quando eu era menina’”:

Quando eu era menina  
bem pequena,  
em nossa casa,  
certos dias da semana  
se fazia um bolo,  
assado na panela  
com um testo de borralho em cima.  
Era um bolo econômico,  
como tudo, antigamente.  
Pesado, grosso, pastoso.  
(Por sinal que muito ruim.)  
Eu era menina em crescimento.  
Gulosa,  
abria os olhos para aquele bolo  
que me parecia tão bom  
e tão gostoso.  
A gente mandona lá de casa  
cortava aquele bolo  
com importância.  
Com atenção.  
Seriamente.  
Eu presente.  
Com vontade de comer o bolo todo.  
Era só olhos e boca e desejo  
daquele bolo inteiro.  
(...)  
E sonhava com o imenso armário  
cheio de grandes bolos  
ao meu alcance.  
De manhã cedo  
quando acordava,  
estremunhada,  
com a boca amarga,  
- ai de mim -  
via com tristeza,  
sobre a mesa:  
xícaras sujas de café,

pontas queimadas de cigarro.  
O prato vazio, onde esteve o bolo,  
e um cheiro enjoado de rapé.

Em seus estudos sobre a mescla entre a lírica e a narrativa no construto literário em Cora Coralina, Yokozawa (2005) observa que a autora faz, por meio dos versos acima, um acerto de contas com seu passado marcado pela economia feita dentro de casa, em momentos de dificuldades financeiras, pela ausência da figura paterna, pela desatenção e frieza de sua mãe e por uma educação que preteria a figura da criança. Cora Coralina, ao narrar, poeticamente, os dissabores da sua infância, convivendo com a vontade de comer o bolo e de ter mais liberdade dentro de sua própria casa, recupera seu passado de forma emocionada. “Assim, em lugar de imagens esgarçadas, destroços de um passado que se sobrepõem liricamente ao presente, tem-se uma narrativa épico-lírica de uma estória pessoal” (YOKOZAWA, 2005, p.127).

Por outro lado, é importante destacar que, ao retomar seu passado através de seus versos livres, Cora Coralina produz significados criados pelas representações que dão a sua experiência cultural e àquilo que lhe transformou em mulher, o sentido necessário para a geração do seu material poético. De acordo com Hall e Woodward (2004, p. 18),

Pode-se levantar questões sobre o poder da representação e sobre como e por que alguns significados são preferidos relativamente a outros. Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade – tal como a da feminilidade loira e distante ou a da masculinidade ativa, atrativa e sofisticada dos anúncios do Walkman da Sony (...). Somos constrangidos, entretanto, não apenas pela gama de possibilidades que a cultura oferece, isto é, pela variedade de representações simbólicas, mas também pelas relações sociais. Como argumenta Jonathan Rutherford, (...) “a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais, e econômicas nas quais vivemos agora (...) a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação (...)

Por viver num tempo marcado pela subordinação e dominação da mulher, o conjunto da produção poética de Cora Coralina está cercado por fatos traumáticos que fizeram parte de sua vida e, em razão de sua habilidade com o fazer artístico, foi transubstanciado em versos que apresentam sua individualidade, sua cultura, sua forma de enxergar a vida, o mundo e as pessoas (SIQUEIRA, 2016, p. 172). Ao transportar para o centro de seus textos líricos traços de sua subjetividade, Cora Coralina dá vazão a uma intenção autobiográfica e identitária, revelando um movimento de subjetivação:

Pelo arquivamento do eu, por meio da autobiografia, certos acontecimentos de uma vida são selecionados e organizados numa forma narrativa. Tal procedimento faz com que o sentido de nossas vidas resulte das operações de escolha, classificação e organização dos acontecimentos que a marcaram (...) Arquivar a própria vida possibilita forjar uma imagem íntima de si mesmo, como contraponto à imagem social (MARQUES, 2003, p. 147 apud SIQUEIRA, 2016, p.172).

Em todas as situações de sua vida, Cora Coralina se sentiu literalmente como sendo a mesma pessoa, mas nós somos, a bem da verdade, distintamente posicionados pelas diferentes possibilidades e limitações sociais que em cada momento de nossas vidas, representa-nos, perante os outros, de modo diferente, em diversos contextos do nosso cotidiano. “Em um certo sentido, somos posicionados – e também posicionamos a nós mesmos – de acordo com os campos sociais nos quais estamos atuando”. (HALL; WOODWARD, 2014, p. 31).

É importante, destarte, perceber que, no seu ato de criar e recriar a cidade de Goiás e todos os seus personagens, Cora Coralina apreendeu a cultura do seu povo, revelando, pela sociedade vilaboense, uma afetividade repleta de significados devidamente traduzidos em seus versos, que resgatam a história da cidade de Goiás, a sua própria história e suas percepções sobre as limitações do seu tempo.

A partir das leituras aqui realizadas, em que procurou-se evidenciar a relação entre a cultura e sociedade vilaboense na poética coralineana, observamos que a compreensão da escrita da referida autora é uma possibilidade de análise de textos que se enveredam pela polissemia das mais diferentes vozes sociais – a “menina rejeitada pelos familiares”, a “lavadeira”, a “prostituta”, a “doceira”, a “mulher que partiu de Goiás com um homem casado” etc. - e pelo encontro dos mais variados espaços da cidade de Goiás – “becos mal afamados”, “igrejas”, a “Casa velha da ponte”, o “Rio Vermelho” – que juntos (espaço e vozes) se fundem na construção da memória e da reminiscência de Cora Coralina. Construção em que “memória e poesia, lembrar e criar estão intimamente entrelaçadas, que recria as estórias de sua bisavó, porque as enriquece, interpreta-as, altera-as com a sua visão” (YOKOZAWA, 2005, p. 142).

O trabalho, portanto, com o texto poético-literário é um ato cultural, que dependerá das nossas leituras prévias, das formas de encarar o mundo e as relações sociais, de como lidamos com os preconceitos e as limitações do ser humano. Nossa recepção, nossas crenças dependem da nossa abertura para o novo, para o desafio do olhar. Cora Coralina, na produção de seu discurso literário, apodera-se da sua cultura, das suas percepções sociais, criando uma arte que provoca e mobiliza, ao revelar as mazelas do ser humano, as

hipocrisias do homem e as necessidades que temos de ajustar-nos às demandas de nosso tempo.

Cora Coralina, como tantos outros importantes poetas modernos, cantou o anti-herói, o herói oprimido, em oposição à sociedade capitalista, caracterizada pelas desigualdades e pela indiferença aos problemas sociais.

### **1.2.3 Possibilidades e rupturas sociais na poesia de Cora Coralina: diálogos com a Modernidade**

Ainda que Cora Coralina estivesse “limitada” pelo isolamento de Goiás das grandes manifestações culturais e literárias do Brasil, não obstante ter vivido tanto tempo longe da sua cidade, sendo inclusive discriminada no ato do seu retorno à cidade em 1956, é fato que esta poetisa contempla em seu material poético o herói pobre, marginalizado, indefeso e discriminado numa sociedade baseada na divisão de classes, o que torna possível o encontro de convergências nas escolhas sógnicas e textuais com grandes escritores da Modernidade, a exemplo de Baudelaire, principalmente no que se refere à repulsa pelas desigualdades da sociedade capitalista e os preconceitos que são disseminados neste espaço.

Conforme Benjamin (1989), não cabe mais à arte contemporânea a função de conforto ou consolo, porém denunciar a alienação dos sujeitos decorrente das transformações sofridas pela sociedade capitalista. Neste mundo de desigualdades proporcionadas pelo sistema de produção, a escrita do poeta moderno revela um ser apaixonado pelos menos favorecidos, pela pobreza, pelos rejeitados, sendo que a “ela quer ele se misturar, fazer do mundo sua família, fitando a todos com olhar fervilhante de desejo, ao mesmo tempo em que permanece a eles incógnito”. Nisto se expressa seu espírito de Modernidade, sendo os acontecimentos cotidianos e mundanos o objeto de sua mais viva contemplação estética (BAUDELAIRE, 1988). “A massa é de tal forma intrínseca que em vão buscamos nele a sua descrição” (BENJAMIN, 1989, 115).

Em Cora Coralina, autora da Modernidade, há uma poeta que declara seu desejo de cantar a geografia física e humana da terra que lhe fez uma mulher, no caso, na cidade de Goiás (SIQUEIRA, 2016). Autora, cuja imaginação do mundo ideal a faz problematizar a realidade do mundo real, o que não quer dizer que a mesma assuma uma postura idealista, que é capaz de transformar em monumentos as casas pobres e a gente simples feita de doceiras, prostitutas, roceiras e lavadeiras. Com uma postura crítica e catártica, a poeta é capaz de entrar fundo em sua subjetividade de mulher forte e decidida, que busca as pedras

que atiraram contra si, e com elas, produz versos que podem ser lidos e transformados em objetos de reflexão (SIQUEIRA, 2016; VELASCO, 1990).

A busca por escritores como Cora Coralina no intuito de discutir conceitos e traços sobre a modernidade vem sendo bastante utilizada por muitos pesquisadores no campo da Literatura (AMORIM, 2006; BENJAMIN, 1989; LIMA, 2016; FURTADO, 2012; VALTINO, 1996, entre outros). Tal recorrência está vinculada, em boa parte, ao conceito teórico de modernidade, que, varia entre o efêmero e o imortal, o fugaz e o inalterável.

Na análise dos desdobramentos acerca da condição moderna imposta pelo poeta da modernidade, Harvey (1992), Furtado (2012) e Valtino (1996) se voltam para uma verificação atenta em torno da oposição entre desintegração e renovação. Trata-se, pois, de um rompimento com qualquer tradição histórica anterior e, de igual modo, de dissoluções internas, o que confere a esse tempo moderno a função crítica do passado e também de si mesmo, num processo contínuo de criação e recriação.

A definição de modernidade é um ato complexo principalmente quando está em questão demarcar as peculiaridades desse momento da história ocidental. Na realidade, mesmo a delimitação mais exata desse momento histórico é imprecisa. Existem pesquisas em que o vocábulo modernidade refere-se ao século XX, ao passo que outros estudiosos abordam esse tempo como remontando ao período do Renascimento. Sem, no entanto, pretensões de demarcações históricas, tentamos, contudo, analisar os conhecimentos filosóficos de teóricos que reputamos essenciais – não obstante haver aspectos importantes que são contraditórios e diferenciados – para a compreensão da modernidade, incluindo as mudanças sociais, estéticas e culturais que se fizeram presentes neste período, (BERMAN, 1986; CERQUEIRA, 2011), buscando em Baudelaire e Cora Coralina algumas aproximações estéticas e estilísticas.

No intuito de perceber as características intrínsecas de uma poetisa que esteve inserida neste contexto de conflitos e rupturas, como é o caso de Cora Coralina, achegamos à função de localizar o “surgimento dos movimentos artísticos das vanguardas enquanto realização cultural no âmbito da configuração histórica da metrópole moderna” (CERQUEIRA, 2011, p. 18).

Estudiosos como Habermas (1980), Benjamin (1989) e Cerqueira (2011) denominam o caráter de autoconfirmação da modernidade, o desejo de afastar a possibilidade de representação das figuras modelos do passado e de expor, neste tempo em que harmonizou-se reputar de modernidade, seus próprios padrões peculiares. Tal quebra ocasionou a abertura de uma fresta, levando a um tempo que “tem a constante necessidade

de compreender a si mesmo, ou, nas palavras de Habermas, de despertar para a consciência de si” (*apud* CERQUEIRA, 2011, p. 19).

Cerqueira (2011, p. 19) ao dissertar sobre a modernidade na perspectiva da construção da poesia, assim se posiciona:

[...] Portanto, o caráter da autorrevisão tem intrínseca a ambiguidade, a tensão permanente entre valores opostos, que gera a quebra de uma unidade de pensamento e, conseqüentemente, de expressão. Se, num primeiro momento, a modernidade aspirou às grandes narrativas, à unidade de pensamento, à progressividade do tempo, ao sujeito absoluto, não se pode negar que desde seus primórdios surgiram pensadores e artistas que sentiram o mal-estar dessa forma de apreensão da realidade, que pressentiram o esfacelamento dos paradigmas burgueses e a decadência dos valores pregados. Essas contradições internas demonstram nada mais que o caráter de autocertificação de uma época que se faz independente do passado e responsável pelo futuro.

A partir desses pressupostos, observa-se, tendo em vista o que se convencionou chamar “esfacelamento dos paradigmas burgueses”, que Cora Coralina vem compreender a realidade, revelando o papel primordial que os seres marginalizados possuem nas suas reflexões sobre as inquietudes da sociedade (AMORIM, 2006).

Temos, no contexto deste estudo, uma mulher nascida em 1889 na cidade de Goiás, de forte tradição patriarcal, que, em 1911, deixa sua cidade, em companhia de aquele que viria a ser seu esposo, para conhecer outras culturas. Permanece durante 45 anos no interior e na capital de São Paulo e, quando de sua viuvez, com todos os seus filhos já crescidos, retorna a sua velha cidade, para rever suas experiências, suas raízes, sua identidade, aquele espaço que lhe formou como mulher (CORA CORALINA, 2003; YOKOZAWA, 2005).

Não sendo bem recebida de volta em sua cidade, uma vez que teria deixado em companhia de um senhor casado, que viria ser o seu marido, é no espaço desta cidade, pequena e cercada de morros, que Cora encontra os elementos da sua poesia. Cidade marcada pelas tradições, pelo coronelismo e as desigualdades sociais, Cora via sua solidão, a exemplo de Baudelaire, na pequena “multidão” da cidade. Não obstante a presença dos filhos, foram poucos que estenderam a mão a mulher que teria “traído” os costumes do seu povo. No seu recanto, com um trabalho manual, possuía uma forma artesanal de contar histórias e de escrever poesias. Yokozawa (2011) ao dialogar com Benjamim (1994), aponta que as histórias, que foram durante muitos anos criadas num meio artesanal, deixam registradas as marcas do narrador como os traços das mãos do oleiro no vaso de argila. É diferente, pois, dos relatos simples e duma crônica jornalística, que procuram trazer os

fatos com a pureza e a imparcialidade do momento. Yokozawa (2005, p. 125) ainda pondera,

Como os doces de Goiás velha, que trazem a identidade das doceiras, a rosa de coco de Dona Alice, o doce de limão com leite de Dona Sílvia, Cora Coralina dispensou às suas estórias, em verso e prosa, o mesmo cuidado artesanal que dispensava ao fabrico dos doces. Suas estórias, fruto de vivências, colhidas na observação ou recebidas oralmente, são assimiladas à sua matéria interior antes de serem comunicadas aos ouvintes como experiência. O resultado é que o leitor, em lugar de ler as suas crônicas poéticas do passado com a mesma indiferença com que acompanha o relato histórico ou jornalístico, sente as suas ressonâncias vibrando nas cordas da alma.

Sentindo-se muitas vezes sufocada por estar a frente do seu tempo, numa cidade interiorana cuja coletividade muitas vezes a desprezava por não se ajustar aos padrões ali estabelecidos, Cora Coralina possui uma objetividade e um espaçamento imprescindíveis ao ato de escrever e detalhar um tempo que se eterniza na memória (YOKOZAWA, 2005; VELASCO, 1990). Destarte, ao invés “de imagens esgarçadas, destroços de um passado que se sobrepõem liricamente ao presente, tem-se uma narrativa épico-lírica de uma estória pessoal” (YOKOZAWA, 2005, p. 127), estórias contadas em versos de uma mulher que encontrou na arte a forma mais politizada e mais inteligente de registrar para sempre seus sufocos e superações.

Diante desse cenário, cumpre salientar que as imagens da cidade de Goiás em Cora Coralina, entre as pessoas que ela abraçava na sua poesia, entre os que não a compreendiam e entre aqueles que sustentavam a cidade sob o pátio de uma ditadura conservadora e coronelista, transmutam-se num caminho multidimensional, em cujos espaços palmilha e vai apreendendo tudo o que está à sua volta: colhendo as flores e as plantas dos becos, apreciando a singularidade das águas do Rio Vermelho, entristecendo-se com as desigualdades dos menos favorecidos – prostitutas, crianças abandonadas, lavadeiras, doceiras etc – ou enxergando com consternação o declínio dos monumentos que fizeram parte da sua história para metamorfoseá-los em outros ambientes (OLIVEIRA, 2006).

O material de produção de Cora Coralina é recolhido em sua própria vivência, na natureza e nas tradições, ressaltando os valores da própria família. Embora a poetisa tenha sido educada segundo as normas rígidas do patriarcalismo e seja de uma família socialmente privilegiada – havendo diversas passagens de sua escritura que apontam para suas raízes - ela contraria tais normas ao se colocar no lugar e ao lado dos menos afortunados, assumindo atitudes não adequadas aos padrões vigentes na época, como por

exemplo, sair de casa para constituir uma nova família com um homem casado, o que era um grande tabu naqueles tempos (OLIVEIRA, 2006; VELASCO, 1990).

Há a procura do que é fugaz, transitório, fugidio. Fugacidade naquele espaço em que o poeta é capaz de transver a realidade, sem se preocupar com as conotações tradicionais da beleza artística. De acordo com Baudelaire (1988), a modernidade se traduz, portanto, na reconstrução e na afobação da humanidade no espaço urbano. Mesmo que ele afirme que “não há nada mais moderno que a vida nas grandes cidades” (SENE, 2011, p. 83), o artista também pondera que a modernidade está intrinsecamente vinculada às percepções de conflito, uma vez que a aceleração e a perda de controle das atividades humanas distanciam o homem da sua verdadeira identidade humana, numa sociedade caracterizada pela busca do capital, da presença das desigualdades e da efemeridade da existência (BAUDELAIRE, 1996; SENE, 2011).

Cora Coralina, numa cidade pacata e de poucos habitantes, conseguiu perceber-se nos seres vítimas desta sociedade esfacelada, o imenso vazio presente em sua alma, manifestando o imaginário das pessoas e da cidade como uma consequência das lutas de classes, das relações de poder e de pouca atuação da mulher na vida pública.

Gomes (2004) e Siqueira (2011) observam, em seus estudos sobre Cora Coralina, principalmente quanto ao seu retorno à cidade natal, que a referida autora, no seu gesto de autonomia para com a vida e suas crenças e percepções sobre a sua realidade e sua convivência com as pessoas, traduziu-se em uma atitude de rompimento com as tradições familiares e os costumes de seu tempo. Ainda nos seus tempos de moça, quando começa a aparecer na sociedade da velha Goiás, escolhe para si seu pseudônimo Cora Coralina. Essa atitude, segundo Cora, daria-lhe algumas garantias, tendo em vista sua condição de mulher, num país do começo do século XX, com forte tradição patriarcal. Tratava-se de uma ação que lhe permitiu criar para si uma identidade alternativa, quando de sua escolha de sair de sua terra natal, em 1911, acompanhada daquele que viria ser seu esposo. Tal ato fez com que ela experimentasse, quando do seu retorno à Goiás, em 1945, de muitos desgostos e mágoas. Deste retorno, Ana Lins dos Guimarães Peixoto conferiu-lhe um segundo pseudônimo, Aninha, com o intuito de restabelecer, em primeira pessoa, momentos de sua infância, na cidade de Goiás, na casa velha da ponte. Com forte influência modernista e inspirada por sentimentos catárticos, Cora Coralina passa a poetizar sobre suas mazelas e demônios pessoais, sem, entretanto, deixar de reconhecer seu universo histórico, suas raízes, sua realidade social e cultural. Um forte traço autobiográfico caracterizará a sua

escrita, assim como características modernas, uma vez que ela rompe totalmente com os paradigmas poéticos tradicionais e passa a escrever poemas narrativos e com versos livres.

Em uma de suas obras mais marcantes, *Poema dos Becos de Goiás e Histórias mais* (CORALINA, 2003), a poeta Cora dá início ao seu trabalho poético, resgatando as multidões, todas as vidas “obscuras” de sua cidade – como no poema “Todas as vidas”, aqui já citado, como uma forma de resistência, como uma forma de resgate da sua autodeterminação como mulher, que um dia foi rejeitada, passado este que se traduzia, dia-a-dia no seu presente, quando do retorno a Goiás (SIQUEIRA, 2016, p. 168). Seus poemas são bastante elucidativos quanto à percepção de Cora Coralina em torno de sua realidade, pois é na condição de mulher “rejeitada” e que não atendia o que a sociedade lhe pregava como o correto em sua época, em relação à submissão da mulher e dos seus escassos direitos, é que Cora Coralina se vê na “multidão” dos menos favorecidos, “na lavadeira, na cozinheira, na mulher do povo, na mulher da vida, na mulher roceira”, como uma possibilidade de resgate da sua autoestima, do seu valor enquanto mulher, enquanto cidadã. Para ela, são “multidões” de pessoas, de seres humanos, com os quais convive, seres que compõem o seu universo, sua identidade, sua história, suas raízes, na cidade de Goiás (GOMES, 2004; SIQUEIRA, 2011; YOKOZAWA, 2005; VELASCO, 1990). A beleza estética da poesia coralineana não se revela na descrição das paisagens românticas, e nem no conceptismo barroco ou parnasiano, pois o belo para a poetisa correspondia a transmutar e a transfigurar a realidade, através dos seres menos favorecidos.

Sua sensibilidade e perspicácia estética permitiram-lhe captar e viver de forma intensa esse período de transição do Império para a República em Goiás, algo que remodelou a vida cotidiana das pessoas e das famílias, especialmente dos tempos de crise. Nesse sentido, convém ponderar, na leitura dos poemas de Cora Coralina, como em a “Oração do Pequeno Delinquente”, que a poeta, se volta para as mazelas sociais, responsabilizando àqueles que não se preocupam com a dor e os problemas do próximo e chamando a atenção para o que tudo isso acarreta para a sociedade.

Fazei, Senhor, presente  
a razão dos que me julgam,  
que enquanto os filhos de pais abastados  
tinham escolas escolhidas,  
alimentos, recreação, carinho e brinquedos,  
eu, filho de pais ignorantes e pobres,  
era criança marginalizada,  
perdida pelas ruas,  
detida no pátio das Delegacias  
driblando os guardas,

solerte e malandrim  
às voltas com o Juizado de Menores.  
Eu tinha fome.  
Sonhava com um bife bem grande.  
Um pastel enorme, uma fruta.  
Um doce sem tamanho.  
Eu era Menor Abandonado.  
Correndo dos guardas  
sozinho, sem escola e faminto.  
Meu Deus, acordai o coração dos meus juízes.  
[...]  
Aumenta o número  
de adultos analfabetos na razão  
direta da criança sem escola,  
aumenta a criminalidade jovem  
na razão direta do Menor Abandonado,  
infrator, corrompido, delinquente  
a caminho da criminalidade do adulto  
pela falta de escolas profissionais,  
escolas de salvação social.

De acordo com Brito (2006) e Anjos (2012), Cora foi bem-sucedida através de sua produção poética ao expor vários problemas que foram olvidados pela história e seus personagens, trazendo à baila e denunciando por meio de seu material lírico, cenas e bastidores importantes à compreensão da sociedade vilaboense. No poema acima, a antítese proporcionada pelas expressões “filhos de pais abastados”/”criança marginalizada”, e todas as consequências advindas destes impropérios sociais – analfabetismo, criminalidade, roubos, prisões – nos fazem testemunhar uma poetisa também presente em uma multidão esfacelada, diminuída, uma vez que o sofrimento do próximo se traduz também em nosso sofrimento.

Mesmo numa cidade pequena, acanhada e patriarcal, a voz de Cora Coralina ecoava entre todos. Enfrentadora de posturas e amplificadora de vozes muitas vezes caladas e silenciadas, a poetisa não se furta em demonstrar amor, admiração e respeito pelo espaço que lhe dá identidade – a Cidade de Goiás-, porém as vozes marginalizadas que correspondem aos menos favorecidos que estão ali tão próximos das pessoas, das autoridades e das repartições públicas são ecoadas pelo eu poético, uma vez que, na realidade, elas não são ouvidas e tão pouco representadas.

Assim, é possível perceber que Cora Coralina, apesar da felicidade em compor espaços que revelam sua identidade cultural – as peculiaridades históricas e estruturais de uma cidade pequena como Goiás - não negligencia as manchas e os desvios de uma sociedade desigual, que expõe de um lado a agitação da vida dos mais ricos e a miséria de

grande parte da população. “A automatização, que leva à produção de manufaturados em série, transforma o operário numa engrenagem da máquina” (GOMES, 1994, p. 08).

A partir da leitura de algumas das produções de Cora Coralina (2003), pudemos perceber que o homem moderno é um grande observador, na sociedade capitalista, seja na patriarcal e coronelista Cidade de Goiás, seja em outras regiões “das dessemelhanças humanas que tomam os centros urbanos, onde o camponês divide o mesmo território com o burguês, onde as grifes se misturam, onde as relações são abaladas, onde as disputas acontecem por motivos distintos, onde o “ter” ganha lugar do “ser” (BENJAMIN, 1989; SENE, 2011).

A admiração e o respeito pelos lugares que lhes deram identidades não lhes fazem esquecer de ter críticas à modernidade, sendo que para os poetas, tal momento histórico “trouxe certa ruína para o mundo moderno” (SENE, 2011, p. 88). Observa-se, a partir das denúncias de desigualdades e das relações esfaceladas entre os seres humanos, que não há mais confiança entre os indivíduos, num mundo caracterizado pela presença do fugidio, do artificial, do passageiro, trazendo angústia e solidão ao homem moderno (AMORIM, 2006; SENE, 2011).

Neste ato de produzir o discurso literário, Cora Coralina revela uma criação artística que desafia e impulsiona, com sua visão, com sua negação, com sua recusa, a possibilidade daquilo que se situa fora e dentro do mundo em que vivemos.

Assim, por todas as razões aqui esposadas, observa-se que o trabalho com a mediação da poesia em sala de aula, sobretudo da poética coralineana, entre os alunos das nossas escolas na cidade de Goiás, é uma ação salutar. Nossos alunos têm o direito de conhecer a cultura local, a arte local, como instrumentos de transformações, de fomento de debates, de questionamentos, num país tão criticado por seus índices alarmantes de baixo aprendizado, de deficiência na leitura e interpretação de texto e outros desatinos observados na Educação.

A literatura, neste vínculo leitor, obra e autor, é um caminho pertinente para a busca de alternativas que sejam capazes de aliviar as mazelas encontradas em nossas salas de aula.

### **1.3 Literatura e formação do público leitor: desafios e perspectivas**

Ao teorizar as relações intrínsecas entre obra, leitor e autor, a estética da recepção tem como foco a figura do leitor, no processo de compreensão da leitura, posto que “a arte,

como meio de comunicação, conta com a ação recíproca do criador e do leitor que, como tal, não desempenha uma ação meramente receptiva (SAGRILLO, 2007, p. 1010). Como acontece em todas as produções, a obra de arte literária é a materialização de uma ideia e se desenvolve por meio de uma linguagem, o que nos permite declarar que a literatura, enquanto arte, significa, ou seja, ela fala, comunica, pode e deve ser lida pelo outro: o leitor. As significações de uma obra é configurada pelo poeta/artista, que a produz, e pelo leitor da arte, que a redimensiona, examina e traz tal significado para sua vida (ARGAN, 1992).

Embora o foco do nosso trabalho seja a recepção dos alunos do ensino médio acerca da obra e o legado de Cora Coralina, insta frisar que não temos em nosso país uma forte cultura de leitura da obra literária e isso é impactante quando tratamos de qualquer estilo de época literária, de qualquer poeta ou autor, em suas singularidades (LIMA, 2002). Neste contexto, a criação de um público leitor que entenda a importância da literatura depende de enxergar a obra de arte não como “pura receptividade imitativa ou reprodutiva, nem pura criatividade espontânea e livre, mas expressão de um sentido novo, escondido no mundo, e um processo de construção do objeto artístico (...)” (CHAUÍ, 1995, p.34). Depende também de uma articulação entre diferentes linguagens – cinema, fotografia, pintura, música, literatura -, evidenciando para uma inserção “no universo simbólico que não é a que temos estabelecido na escola” (ORLANDI, 1999, p. 50). Tal criação vincula-se, sobretudo, a um trabalho com a literatura, enquanto uma expressão das relações humanas, com a capacidade de recriar as crenças e as percepções que o homem têm de suas ações e experiências no lugar em que vive. Temos que a leitura literária, em razão de sua força estética, contribui de forma significativa com a formação do sujeito, influenciando na maneira deste encarar, sentir e redimensionar sua vida (SILVA, 1993).

No entanto, Pires e Matsuda (2013), em seus estudos sobre as perspectivas de formação do leitor, dialogam com Regina Zilberman (1991), em torno de suas reflexões sobre as dificuldades de formação do leitor na escola, no seu livro “A leitura e o ensino da literatura” (1991), apresentando-nos um país que não reúne esforços conjugados a fim de suplantar, na seara educacional, uma situação de atraso cultural:

O exercício dessa função [...] é delegado à escola, cuja competência precisa tornar-se mais abrangente, ultrapassando a tarefa usual de transmissão de um saber socialmente reconhecido e herdado do passado. Eis porque se amalgamam os problemas relativos à educação, introdução à leitura, com sua consequente valorização, e ensino da literatura,

concentrando-se todos na escola, local de formação do público leitor (1991, p.16).

Estudos apontam que grande parte de nossas escolas não empreendem esforços de estímulo à prática da leitura, sobretudo, a literária. Muito além de práticas que fazem com que alunos leiam sem prazer, a escola carece de professores capacitados, com um deficiente apoio teórico-metodológico, em que a leitura literária é levada para a sala de aula como um mero pretexto de planejamento, sem levar em consideração o caráter humanizador da arte literária, que precisa refletir contextos que fazem parte da vida dos alunos (BORDINI, 1993; PIRES; MATSUDA, 2013; ZILBERMAN, 1991, entre outros).

Galvão e Silva (2017), em suas reflexões acerca dos principais entraves no ensino de literatura em nosso país, ponderam que, no que tange aos docentes, há que se considerar a maneira como sua formação se constitui, o que traz consequências na prática em sala de aula: uma vez capacitados e providos de uma formação adequada, podem favorecer, de modo mais ativo, na criação de um espaço de leitura dentro da escola.

A melhoria da capacidade e das competências vinculadas a leitura do aluno estão, sem dúvida, atreladas às práticas de ensino e metodologias empregadas pelos professores, que devem, também, buscar formação continuada e específica, sempre vindo no exercício da leitura, uma oportunidade de correlacionar as práticas de leitura na sala de aula, o contexto de vida do aluno, suas necessidades, suas especificidades, história, conhecimentos prévios e expectativas pessoais. Visando uma prática que favoreça este trabalho, é essencial uma preparação profissional que estabeleça um contato efetivo do professor com a realidade na qual irá intervir, considerando suas muitas particularidades como as condições da escola, a realidade cultural dos estudantes, o debate sobre currículo e a prática docente, o trabalho com os valores éticos, estéticos e emocionais dos estudantes, entre outras variáveis (BARROCO, 2004; COSTA, 2012; GALVÃO; SILVA, 2017).

A apreciação do objeto literário em sala de aula depende, outrossim, do desenvolvimento de conhecimentos que levem os discentes a interagir com práticas do discurso em sua esfera social. O gosto pela leitura é suscitado a partir destas práticas sociais radicadas em um determinado grupo, num ambiente onde se propõe atividades que encorajam um trabalho crítico com as condições de produção do texto, sentidos que não estão precisamente dentro do texto e interpretações que levam em considerações diferentes visões e expectativas (ALLIENDE; CONDEMARIN, 2005).

Leitura pressupõe liberdade, independência, iniciativa. Sagrilo (2007, p. 1005) obtempera que a emancipação é a “finalidade e efeito alcançado pela arte, que libera seu destinatário das percepções usuais e confere-lhe nova visão da realidade” (ZILBERMAN, 1989, p. 50), trazendo o leitor para a realidade do texto, de acordo com sua existência histórica, suas particularidades culturais e crenças.

Diante desta assertiva, a escola precisa, na formação de seu público leitor, assegurar condições para que haja um engajamento discursivo do aluno no ambiente em que vive, através de um diálogo com suas práticas de leitura, redefinindo sua identidade e contribuindo para a construção de sua cidadania e para sua integração com as pessoas e as diferentes formas de encarar a existência humana.

Silva (2003), em sua tese de doutorado sobre a interação texto-leitor, observa que, no âmbito escolar, leitura, literatura e teoria literária deveriam estar interconectados, uma vez que o ato de ler possui uma natureza interdisciplinar que suscita conhecimentos de diversas áreas. A interação entre o leitor e o texto é determinada por fatores cognitivos, linguístico-culturais, percepções sobre gênero e obras literárias, conhecimentos historiográficos acerca do momento no qual o texto está introduzido e outras situações que marcam o diálogo interacional do leitor com a obra. Além do mais, tal interconexão favorece a compreensão de que a acepção da arte literária pode ser configurada quando se leva em conta a participação ativa do receptor, o que comprova as relações interdependentes entre leitor e literatura.

A experiência da leitura em *Cora Coralina*, como não poderia deixar de ser, pressupõe essa dialogicidade, haja vista que, ao retratar sua vida, seus anseios e suas ânsias no espaço da cidade de Goiás, na casa velha da ponte, a autora chama o leitor para conhecer o mundo, através das experiências locais e do exercício da alteridade.

Nesse sentido, se temos um problema entre nossos alunos diante da percepção da leitura como instrumento de fruição e abstração (GALVÃO; SILVA, 2017), impende destacar que estes discentes só poderão trilhar rumo ao caminho da formação do leitor, quando o professor e a escola notarem que todas as atividades de leitura, literárias ou não, deverão comunicar-se com as experiências individuais do estudante, considerando suas especificidades, seus conhecimentos prévios e interesses pessoais.

Assim, haja vista que encerramos os pressupostos teóricos do estudo aqui produzido, dirigimo-nos aos aspectos metodológicos utilizados pra a coleta e análise dos dados.

## CAPÍTULO 2

# PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS: BUSCA, SELEÇÃO E APROPRIAÇÃO DOS DADOS

*Estas estorinhas, sem princípio nem fim.*  
*Estórias de Carochinha, edição antiga, desenho antigo, preto e branco.*  
*Meus filhos, meus sobrinhos, meus netos... Minha descendência tão linda e sadia, minhas raízes ancestrais,*  
*minha cidade.*  
*Meu rio Vermelho debaixo da janela, janelas da vida, meu Ipê florido, vitalizado pelo emocional de Clarice*  
*Dias.*  
**Cora Coralina**

Neste capítulo, abordamos o modo como a pesquisa foi realizada, os motivos de termos selecionado o estudo de caso para a sua configuração, os instrumentos que foram manejados para a coleta e seleção dos dados, tendo em vista as características da pesquisa qualitativa. Versamos, também, sobre traços dos colaboradores, tais quais, a professora e os alunos. Por fim, apresentamos os critérios adotados para a análise dos dados.

### 2.1 Linha de Pesquisa em que o estudo está vinculado

A presente investigação está vinculada à língua de pesquisa 2 do Programa de Pós-Graduação em Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade, Estudos Literários e Interculturalidade. Este ramo aglutinador prioriza as pesquisas que colaboram para a realização de reflexões teórico-científicas acerca das obras literárias. Enfoca a arte literária e a interação interdisciplinar e transdisciplinar com distintas áreas do conhecimento bem como da conexão com variadas expressões artísticas e culturais. Concatena a literatura com a diversidade cultural e explora temáticas pertinentes o cenário local, regional, nacional e estrangeiro, especialmente, para a cultura goiana. Estabelece interfaces entre literatura e cultura no âmbito da escola e, também, auxilia na formação de docentes, uma vez que traz para discussões métodos de pesquisa e de ensino de literatura em diferentes etapas do ensino, primando sempre pela orientação da interculturalidade (POSLLI, 2018).

A pesquisa é caracterizada como qualitativa, posto que compreende-se que a interação com o fenômeno investigado se dá de forma indireta e nos impõe como responsabilidade tecer a interpretação dos significados que o investigador se vê diante

(MOITA LOPES, 1994; DIEZ; HORN, 2003; REGIS, 2017; PEIXOTO, 2016<sup>2</sup>). As interpretações desenvolvidas levam em conta cenários contingentes, peculiares e singulares, o que nos impede de ter as variáveis de um determinado espaço como algo padronizado e generalizado. Impõe destacar que outro traço da pesquisa qualitativa é sua utilização para averiguar os processos de ensino/aprendizagem, em que se dá menor atenção no produto alcançado e se ressalta as práticas, as transformações e as interligações que construímos ao longo do processo (ANDRÉ, 1995; REGIS, 2017).

Segundo Oliveira (2010), a pesquisa qualitativa caracteriza-se por ser analítica e interpretativa, tem como função analisar e examinar os dados, “que podem apresentar regularidades para criar um profundo e rico entendimento do contexto pesquisado” (OLIVEIRA, 2010, p. 22). Esta propriedade da pesquisa em comento demanda habilidades na coleta e seleção dos dados, uma profunda habilidade no processo de descrição destes e uma escolha metodológica que ofereça uma estrutura de suporte para o procedimento e a concretização da investigação. Tem-se que os atos da observação e da realização de entrevistas revelam-se como instrumentos apropriados na pesquisa qualitativa, haja vista que a observação te proporciona uma verificação descritiva do objeto investigado e o segundo favorece a configuração de uma leitura subjetiva dos participantes, fornecendo, destarte, amplo material para posterior análise (MARCONI; LAKATOS, 2017; OLIVEIRA, 2017).

Uma vez que abordamos o caráter interpretativista da pesquisa aqui realizada, insta frisar que a “realidade não pode ser independente do indivíduo porque ela é construída por ele” (MOITA LOPES, 1994; ALMEIDA, 2017). Diante disso, vê-se que, como fundamenta os referidos autores, o caráter qualitativo-interpretativista adotado no estudo expressa o desejo de, através dos instrumentos de pesquisa, compreender como um indivíduo singular se posiciona diante de um determinado fenômeno, ciente de que esse conhecimento adquirido não é algo hermético, generalizado e, sim, sempre atento às especificidades do local investigado, à estrutura do espaço, às particularidades dos participantes e outros contextos de caracterização que não individualizam nenhum tipo de comportamento (PEIXOTO, 2016; SANTANA; SOBRINHO, 2007).

---

<sup>2</sup> Nesta pesquisa, sobretudo na parte metodológica, trago algumas contribuições sobre estudos de pesquisa qualitativa que realizei no Mestrado em Educação, Linguagem e Tecnologias, com defesa da Dissertação em 2016 (PEIXOTO, 2016), estudo este que inspirou também o construto da minha introdução, considerando que em ambos, falo da minha experiência em sala de aula. Trago também outras leituras de trabalhos feitos por colegas da mesma área, visto que, até pela natureza interdisciplinar destes estudos literários, é possível observar que pesquisas qualitativas e estudos de casos, em ambas as áreas, possuem convergências muito significativas.

## 2.2 Interfaces entre o estudo de caso e a pesquisa qualitativa

Trata-se de uma pesquisa que se configura em um estudo de caso com observação participante e foi realizada em 02(duas) salas de aula de 3º ano do Ensino Médio, em uma escola pública, da cidade de Goiás, nos turnos matutino e vespertino, entre os meses de maio e agosto de 2018.

Reputamos a referida pesquisa como um estudo de caso, uma vez que, de acordo com André (2005), Deus, Cunha e Maciel (2010), a realização deste método de abordagem de investigação pressupõe a existência de três fases: **uma fase de exploração**, em que o pesquisador desenvolve um diálogo com a situação a ser estudada para definir o caso e o objeto de examinação, oportunidade em que terá para verificar as questões preliminares, fazer e estabelecer os devidos contatos, localizar os possíveis sujeitos objetos da pesquisa e assegurar os instrumentos de coleta dos dados; **fase de coleta dos dados** ou de demarcação da pesquisa e a **fase de análise metódica dos dados** delineadas como linhas gerais para o direcionamento do estudo, momento em que se tem a chance de combinar uma ou mais fases, não necessariamente numa ordem pré-estabelecida, com variações que dependerão das necessidades e das especificidades do pesquisador diante do objeto estudado.

Como na referida pesquisa temos como foco o estudo da recepção da poesia de Cora Coralina, entre alunos do Ensino Médio, numa escola pública de Goiás, é certo que está estabelecido um objeto a ser examinado e a demarcação de um espaço de modo coeso com uma unidade e limites bem determinados.

O estudo de caso, desta forma, traz também como características também o fato de privilegiar a abordagem qualitativa de pesquisa, posto que as particularidades tidas como fundamentais são a interpretação dos dados inserida num contexto próprio e particular; a permanente procura por respostas robustas e novos questionamentos diante do objeto investigado; a descrição fidedigna da realidade circundante; o manuseio de um grande número de informações; o fato de poder fazer generalizações com a expressão de diferentes opiniões e pontos de vista acerca da investigação e suas descobertas (BORTONI-RICARDO, 2008; PEIXOTO, 2016; SABOTA, 2002; VENTURA, 2007).

Cumpramos ressaltar que há inúmeras vantagens no uso de estudos de caso. Primeiramente, a análise dos dados é mais frequentemente conduzida dentro do contexto de seu uso, ou seja, dentro da situação na qual a atividade ocorre. Um estudo de caso pode estar interessado, por exemplo, no processo que um sujeito seja capaz de entender um texto autêntico e original. Para explorar as estratégias que o leitor usa, o pesquisador deve

observar o sujeito leitor em seu ambiente, seja na sala de aula, seja na execução de uma leitura por prazer, em casa. Isso contrastaria com a experiência, por exemplo, que deliberadamente isola um fenômeno do seu contexto, focalizando um número limitado de variáveis (YIN, 1984; ZAIDAH, 2003).

No caso aqui em tela, isso se torna inteiramente possível na medida em que o contexto do estudo almejado, ou seja, a recepção poética por parte de alunos do ensino médio sobre a poesia coralínea, é bem delimitado, dentro de uma escola pública, de uma cidade do Estado de Goiás (Cidade de Goiás). Temos a possibilidade, mediante os passos da pesquisa qualitativa, de explorar e descrever dados num ambiente da vida real, explicando as complexidades das situações ali vivenciadas, que não podem ser capturadas através de pesquisas experimentais.

Em se tratando das salas de aula, espaço onde a coleta de dados se deu nesta pesquisa, temos que há muitos estudos acerca do ambiente de aprendizagem das escolas e tais investigações trazem benefícios diversos à educadores de diversas áreas, mormente quando se leva em consideração as percepções dos alunos como um traço, uma característica da qualidade do ensino ali ofertado. A obtenção de espaços que os alunos recepcionam como capazes de produzir uma relação profunda com o conhecimento e em que possam desfrutar de aprendizagens marcantes para suas vidas configura-se como um desafio à Educação, sobretudo na área de linguagens (PAIVA; LOURENÇO, 2010; RAMSDEN, 1988).

Peixoto (2016, p. 47) aborda André (1995) para salientar que o estudo de caso “realizado numa sala de aula é proveitoso, na medida em que favorece a representação dos mais variados pontos de vista em torno de uma dada realidade social, ou seja, de um espaço de ensino regular”. Com o uso da técnica da observação participante, nesta abordagem de investigação, conforme estabelecem Yin (1984), Deus, Cunha e Maciel (2010), o pesquisador revela um posicionamento dinâmico e consegue participar dos eventos preparados e que estão sendo descritos em seus estudos, sem, contudo, retirar a autonomia e a autoria de quem coordena aquele espaço.

Isto posto, vemos que um estudo de caso é uma pesquisa intensiva em que as interpretações são dadas com base em interconexões concretas e observáveis entre propriedades reais e pessoas dentro de um contexto e espaço reais, revelando-se como um modo profícuo pelo qual podemos refinar a teoria geral e aplicar intervenções eficazes em situações das mais variadas (YIN, 1984).

Nas salas de aula, onde realizamos a coleta de dados, portanto, com alunos do ensino médio, o estudo de caso permitiu ao pesquisador explorar diferentes resultados dos processos gerais sugeridos pelas teorias, considerando a singularidade de diferentes contextos (como alunos que vivem na zona rural, alunos que vivem na cidade), numa habilidade de lidar com uma grande variedade de acontecimentos, exploração de atitudes e percepções das relações estabelecidas entre os seres que ali estão.

### 2.3 Referências éticas na modalidade de pesquisa adotada

Como o estudo em tela demandou pesquisa com seres humanos, fomos orientados a atender as diretrizes da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012<sup>3</sup>, através do Comitê de Ética da Universidade Estadual de Goiás<sup>4</sup>, com sede em Anápolis – GO.

Por intermédio também da Resolução 196/96, de 10 de outubro de 1996, o Conselho Nacional de Saúde oficializou as normas regimentais acerca de pesquisas que demandavam participação de pessoas. Tal resolução institui uma série de procedimentos e obrigações a serem adotados neste tipo de pesquisa, primando, sobretudo, pela segurança, privacidade e bem-estar dos participantes. A institucionalização e competências dos Comitês de Ética em Pesquisa em âmbito nacional estão descritas na Resolução n. 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde e na Resolução em vigor CNS/MS n. 466, de 12 de dezembro de 2012. Estes comitês são habilitados pela CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (POSLI, 2018).

Essa normativa também obriga a criação dos CEPs, que é responsável, no âmbito das instituições, ser “colegiados interdisciplinares e independentes, com “munus público, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criados para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.” (POSLI, 2018, texto digital).

Mediante estas orientações e, uma vez que a nossa pesquisa demandou entrevistas, realização de questionários, rodas de conversas e observação de aulas de alunos do ensino médio de uma escola pública da cidade de Goiás, através da *Plataforma Brasil*<sup>5</sup>, submetemos o projeto de pesquisa com o título desta dissertação para a apreciação dos

---

<sup>3</sup> De acordo com o Plenário O Plenário do Conselho Nacional de Saúde em sua 240ª Reunião Ordinária (2012), “A presente Resolução incorpora, sob a ótica do indivíduo e das coletividades, referenciais da bioética, tais como, autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, dentre outros, e visa a assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado projetos de pesquisa envolvendo seres humanos deverão atender a esta Resolução”.

<sup>4</sup> Disponível no site: <http://www.cep.ueg.br>

<sup>5</sup> Disponível no site: <http://plataformabrasil.saude.gov.br> (2018)

pareceristas do comitê, com todos os documentos exigidos: autorização da escola, anuência da Secretaria de Educação, termo de autorização dos alunos e dos pais e todos os instrumentos de coleta dos dados. Com o número do CAAE - Certificado de Apresentação para Apreciação Ética: 86285318.0.0000.8113, o projeto fora devidamente aprovado para execução (Anexo A).

De acordo com Conceição (2012, texto digital), as ações dos comitês de ética são relevantes para garantir a impessoalidade e a retidão da pesquisa, fornecendo o equilíbrio adequado entre a confidencialidade, a autonomia e a proteção recíproca não é uma questão simples, e estes problemas quando surgem não são facilmente resolvidos”. Trata-se de perspectivas norteadoras que dão visibilidade à direção da pesquisa, desde a criação do projeto à obtenção e análise dos dados, num processo que demanda transparência e rigor científico.

#### **2.4 Contexto e etapas da pesquisa**

Os estudos de caso, conforme já observado, são um dos muitos métodos de fazer pesquisa com experimentação, observação, avaliações de cenário e informações de arquivo, cada qual com um certo tipo de problema de pesquisa, grau de controle do experimentador sobre os eventos e acontecimentos e em relação a perspectiva contemporânea e histórica da sociedade em que vivemos (LUDKE; ANDRÉ, 1986; YIN, 1984). Por esta razão, há uma delimitação da unidade caso, a coleta dos dados, a interpretação dos mesmos e a confecção da análise, não necessariamente obedecendo-se uma ordem rígida e hermética (ANDRÉ, 1986; PEIXOTO, 2016).

Consciente destas características do estudo de caso, e como este pesquisador trabalha na unidade escolar onde foi realizada a coleta de dados, tivemos uma conversa com a professora de Língua Portuguesa do 3º ano do Ensino Médio dos turnos matutino e vespertino, sobre a possibilidade, dado o fato de que tem ela forte vínculo com projetos de leitura, interpretação de texto e literatura na escola, sobre o que a referida docente pensava sobre as crenças e a recepção destes alunos em torno da escrita literária, sobretudo de autores regionais, como Cora Coralina.

Como trata-se do meu objeto de pesquisa, a professora mostrou-se desejosa em aprofundar em estudos e pesquisas sobre a questão levantada, uma vez que critica-se muito o alunado acerca de suas deficiências e falta de motivação para ler livros literários, mas nunca houve, pelo menos em nossa unidade escolar, um interesse em investigar tais premissas levando-se em conta o tripé leitor-escritor-sociedade.

Uma vez aceitado o desafio, a professora criou uma sequência didática sobre leituras da poesia da autora Cora Coralina, focando justamente na recepção do alunado e nas possíveis transformações de atitudes destes quando confrontados com a análise dos textos, os desdobramentos destas leituras no aspecto da arte e com as percepções sobre a relevância desta poesia para a nossa cultura e crescimento pessoais.

A coleta de dados, que ocorreu entre maio e agosto de 2018, teve como instrumentos: realização de exercícios e leituras analíticas de poemas, questionários semiestruturados e abertos, notas de campo, rodas de conversa, transcrição parcial das aulas e debates.

A escolha da unidade escolar em que a coleta se deu levou em consideração algumas características: é uma escola de ensino regular, que possui tanto alunos do ensino fundamental e médio, e como houve o planejamento pela investigação de 02 (duas) salas de aula do 3º ano do Ensino Médio, levamos em consideração que as turmas escolhidas – uma do matutino e do vespertino – são muito diferentes, em termos de públicos (setor rural e setor urbano), foram sugeridas pela professora titular das turmas. Além do mais, tanto os alunos quanto à escola demonstraram interesse pela participação na pesquisa, o que é fundamental neste processo de investigação, caracterizado como não obrigatório e altamente sugestivo de proteção da dignidade e privacidade de seus participantes.

Dadas estas considerações sobre o construto da relação com a escola, professora e alunos acerca da aceitação da execução do projeto, ponderamos, mais uma vez, as especificidades do estudo de caso no campo das pesquisas. Gil (2009), Yin (1984) e Lima, Antunes, Mendonça Neto e Peleias (2012) e Peixoto (2016) consignam algumas finalidades do estudo de caso: a) exploração de situações práticas do cotidiano da vida real, com pouca clareza dos limites lhos impostos; b) preservação do caráter singular do objeto investigado; c) descrição da situação contextual em que está sendo realizado um determinado estudo; d) formulação de hipóteses ou desenvolvimento de teorias e e) explicação das variáveis de um fenômeno específico em situações de complexidade que não contemplam a prática de experimentos.

Desta forma, almeja-se buscar as percepções dos colaboradores da pesquisa, em que não prevalece uma verdade absoluta para uma determinada afirmação, diante de uma coleta grande de informações e detalhes proporcionados pelos dados.

Neste interim, como o intento é observar, de forma participante, aulas de literatura, sobre o legado de Cora Coralina, com foco na recepção de sua poética, entre alunos do ensino médio, em uma escola pública da cidade de Goiás, objetivamos estabelecer um

contato do pesquisador com o ambiente de aprendizagem/alunos/professores objetos do estudo, em que a pretensão maior, em termos de análise, é a ênfase no processo e não no produto, sempre enfatizando a importância da literatura para a formação do cidadão leitor.

#### 2.4.1 A escolha do tema, da escola, da sala de aula e a duração da coleta dos dados

Para este estudo, a coleta de dados se deu no período de dois meses, entre maio e agosto de 2018 (considerando as férias do mês de julho).

Como já evidenciado aqui, a escolha do meu projeto de pesquisa se coadunou com o trabalho desenvolvido pela professora *Kate*<sup>6</sup>, no 3º ano do Ensino Médio dos turnos matutino e vespertino da Unidade Escolar e num momento de planejamento, resolvemos estabelecer a parceria aqui registrada. Levamos em conta as diferenças entre as turmas: 3º ano B do turno Matutino (com alunos residentes na cidade) e 3º ano C do turno Vespertino (com alunos residentes em sua maioria na zona rural), o que implicava pensar e planejar, considerando as singularidades de cada um, em razão de seu espaço de sobrevivência.

Durante o planejamento, a professora reforçou a importância do conhecimento sobre literatura goiana e Cora Coralina, e que sentia necessidade de trazer esta discussão para sala de aula, a fim de promover debates sobre a valorização da cultura local, da literatura regional e da poetisa investigada, numa sociedade onde é fundamental interagir com diferentes linguagens e artes, encaradas como condição de apropriação de conhecimentos e, conseqüentemente, de desenvolvimento sociocognitivo. A professora se responsabilizou por conversar com a turma sobre os propósitos desta pesquisa, tendo sido aceita pela sua importância e pertinência.

A turma do 3º ano B do turno matutino é composta por 17 (dezessete) alunos, que residem na cidade de Goiás. Há 05 (cinco) aulas de Português por semana, tendo a professora a liberdade para trabalhar produção textual, literatura e gramática, conforme as necessidades da turma e o desenvolvimento do planejamento proposto pelo Currículo de Referência do Estado de Goiás (GOIÁS, 2014).

A turma do 3º ano C do turno vespertino possui 32 (trinta e dois) alunos e a grande maioria deles reside na fazenda. Com a mesma quantidade de aulas da turma do matutino, o Currículo de Referência (GOIÁS, 2014) também é a base para o planejamento, no entanto, devido às especificidades dos discentes que vivem no campo, os professores são

---

<sup>6</sup> Os pseudônimos foram escolhidos pelos participantes da pesquisa. Alguns optaram por não selecionar nenhum pseudônimo.

orientados a desenvolverem atividades de acordo com a realidade<sup>7</sup> dos mesmos, atentando para as peculiaridades do setor rural e os conhecimentos que os alunos trazem de lá.

#### **2.4.2 O ensino de língua portuguesa no 3º ano do Ensino Médio: características, planejamento e execuções**

De acordo com a Coordenação Pedagógica e a professora docente, o ensino de língua portuguesa na unidade escolar segue as projeções do Projeto Político-Pedagógico (GOIÁS, 2018), e o Currículo de Referências do Estado de Goiás (GOIÁS, 2014).

Para tanto, não há uma obrigatoriedade na divisão de Língua Portuguesa em Literatura, Gramática e Redação, como algumas escolas costumam fazer. Dentro do Projeto Político Pedagógico, o ensino da língua portuguesa está inserido na área de linguagens, seus códigos e tecnologias e estabelece que o processo de ensino aprendizagem no nível médio indica a sistematização de um conjunto de disposições e atitudes como pesquisar, selecionar informações, analisar, sistematizar, argumentar, negociar significados, co-operar, de forma que o aluno possa participar do mundo social, incluindo-se aí a cidadania, o trabalho e a continuidade dos estudos. “A linguagem pela sua natureza, é transdisciplinar. Ela permeia o conhecimento e as formas de conhecer, o pensamento e as formas de pensar, a comunicação e os modos de comunicar, a ação e os modos de agir. A linguagem é humana e, tal como o homem, destaca-se pelo seu caráter criativo, contraditório, pluridimensional, múltiplo e singular, a um só tempo (GOIÁS, 2018, p. 45)”.

A professora regente da turma relata que trabalha os estudos literários em 02 (duas) aulas por semana e procura levar em consideração a cronologia das escolas literárias para estabelecer as leituras de contos, romances e poesias, mas deixa seu planejamento sempre aberto para novas possibilidades que não estejam contempladas no Currículo. Salienta que o seu foco principal é leitura e produção textual, principalmente pela grande exigência da escola com relação às avaliações externas e os resultados almejados do ENEM.

#### **2.4.3 A configuração da pesquisa e a coleta dos dados**

Durante o mês de maio, a professora regente Kate e este pesquisador realizaram várias conversas acerca dos planejamentos e de como executariam a coleta dos dados nas

---

<sup>7</sup> Grande parte destes alunos são transportados, e precisam sair de casa muito cedo para chegar à escola, na cidade. Muitas vezes, por questões administrativas e de gestão, os alunos perdem aula em razão da falta do transporte escolar, o que deve ser observado no planejamento do professor.

salas de aula. A professora teve oportunidade de, em vários momentos de suas aulas, conversar com os alunos e observar a aceitabilidade do projeto, mediante a relação entre os conteúdos estudados e a proposta.

Nosso primeiro contato com as turmas ocorreu em 28 de maio de 2018. Neste encontro, falamos mais uma vez sobre os propósitos e objetivos da pesquisa, como seria realizada a coleta dos dados e indicamos todas as informações éticas pertinentes ao estudo de caso pretendido.

A professora Kate, tanto no turno matutino quanto no vespertino, explicou aos alunos que eu seria naquela oportunidade um observador participante, com o objetivo de registrar, com os instrumentos disponíveis, as impressões dos alunos em torno da poesia de Cora Coralina e seu legado.

No geral, os alunos se mostraram entusiasmados com a participação no estudo, sobretudo quando a professora apontou que os conteúdos sobre literatura goiana costumam fazer parte de questões de concursos locais e no próprio ENEM. Os alunos levaram para casa os termos de assentimento e consentimento livre e esclarecido (Apêndice A e B) para as devidas assinaturas dos pais ou responsáveis.

Nesta oportunidade, também, eles responderam ao questionário inicial (Apêndice C).

Os encontros foram realizados no período de 28 de maio de 2018 à 10 de agosto de 2018. As atividades trabalhadas encontram-se nos Anexos. O quadro a seguir faz uma descrição das atividades realizadas e suas respectivas datas em ambas as salas (3º A e 3ºB):

**Quadro 01. Atividades e encontros realizados**

<b>Data</b>	<b>Encontros</b>	<b>Textos Trabalhados</b>	<b>Propósitos da Aula</b>
28/05/2018	01 02 aulas	<i>Questionário Inicial, termos de consentimento e um vídeo da história e vida de Cora Coralina.</i>	Explicação da proposta do projeto, discussões preliminares sobre a vida e obra de Cora Coralina e preenchimento dos questionários.
04/06/2018	01 02 aulas	<i>Texto poético, “Nunca estive tão cansada”. Análise e comentários orais.</i>	Leitura interpretativa e expositiva do texto poético bem como realização de exercícios. Realização de uma produção textual oral, “A importância da leitura dos textos de Cora Coralina para minha escola e as pessoas da minha cidade”.
11/06/2018	01 02 aulas	<i>Produção oral e análise de imagens</i>	Leitura e debate em continuidade. Elementos da importância da literatura na vida do cidadão na temática proposta no debate.
18/06/2018	01 02 aulas	<i>Texto poético “Todas as vidas” e outras poesias</i>	Análise e debate. Produção de cartazes com percepções dos alunos sobre em que consistem essas “vidas” trazidas para o mundo de “hoje”. Debate.

25/06/2018	01 02 aulas	Percepções escritas pelos alunos sobre Cora Coralina	Roda de conversa com a presença da Diretora da casa de Cora, Marlene Velasco.
10/08/2018	01 02 aulas	Questionário aberto final	Realização de entrevistas com a professora e alunos.

Fonte: Dados coletados durante a pesquisa, 2018

Os alunos, em sua grande maioria, solicitaram a não gravação das aulas com uso de vídeo. A professora regente e eu, portanto, optamos pelo uso apenas do áudio, com a utilização de 02 (dois) celulares *Android* em pontos estratégicos da sala. Após o primeiro encontro, observamos que a percepção das falas ficou nítida, e como eu não conhecia a turma 3º B, visto que era professor de inglês no 3º C, a professora fez o compromisso de me ajudar na identificação durante as transcrições parciais das aulas.

A opção pela realização dos questionário aberto final em agosto se deu pelo fato de que nos últimos dias do mês de junho, já não havia mais alunos suficientes frequentando as aulas, sendo esta a única intercorrência passível de menção.

Os debates em sala fluíram naturalmente e a professora regente e eu comandamos as discussões em sala. Os alunos eram levados tanto a discutir oralmente sobre os poemas e textos trabalhados quanto a produzir, por escrito, acerca das questões levantadas.

A roda de conversa, com a participação da professora Marlene Velasco, reforçou os aspectos mais relevantes da poesia de Cora Coralina. Para fins de planejamento, a professora regente deu ênfase aos aspectos sociais e de gênero nas poesias lidas e interpretadas, uma vez que, pelo prazo curto, não era possível, trabalhar todas as vertentes de sua poesia.

De acordo com Guarda, Luz, Rodrigues e Beltrame (2017), a roda de conversa apresenta-se uma ferramenta metodológica profícua, uma vez que ela permite que os indivíduos que participam do processo de ensino aprendizagem possam exercer diálogos interativos dentro da escola, alargando suas crenças sobre si e sobre o outro, em um movimento de trocas de experiências contínuas num espaço de construção do saber.

De posse, portanto, dos diversos instrumentos disponibilizados – Roda de Conversa, questionário semiestruturado inicial e questionário aberto final, atividades, notas de campo – o pesquisador está de posse de componentes e ferramentas que permitem a triangulação e análise dos dados.

## 2.5 Análise e triangulação dos dados

Uma vez encerrado a coleta e a transcrição dos dados configurados durante a presente pesquisa, damos início a análise do material selecionado.

Com o fito de tecer a análise, de “demonstrar as evidências a que se chegou através da presente pesquisa” (MARCONI; LAKATOS, 2017, p.252), (...)em que o “pesquisador não pode ser dirigido pelo desejo natural de ver confirmadas suas previsões à custa de dados que as refutam” (MARCONI; LAKATOS, 2017, p. 252), apelamos às transcrições dos questionários, às respostas dadas nas atividades, nas percepções registradas nas notas de campo, fazendo um recorte dos trechos mais relevantes para a temática proposta.

Em se tratando de um estudo que requer uma verificação da recepção de alunos em torno da poesia de Cora Coralina, cotejamos os diversos instrumentos disponibilizados, as estatísticas apresentadas, apresentando as visões que os discentes demonstram ao trabalhar, ler e analisar a poesia desta escritora.

Além das visões aqui almejadas, confrontamos também as perspectivas do trabalho com a literatura de outros personagens como a professora docente, a professora convidada na Roda de Conversa, as contribuições dadas pelos alunos, à medida que as aulas foram sendo realizadas bem como as limitações que emergiram.

Destarte, de posse dos pressupostos metodológicos empreendidos ao longo da presente pesquisa, expomos, no capítulo que se segue, a análise dos dados obtidos na presente investigação.

**CAPÍTULO 03**  
**ANÁLISE DOS DADOS:**  
**NAS TRILHAS PERCEPTIVAS DA POÉTICA CORALINEANA**

*(...)E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.  
Sem infância, sem idade.  
Franzino, maltrapilho,  
Pequeno para ser homem,  
Forte para ser criança.  
Ser indefeso, indefinido, que só se vê na minha cidade.  
Amo e canto com ternura  
todo o errado da minha terra.  
Becos da minha terra,  
Discriminados e humildes,  
Lembrando passadas eras...  
**Cora Coralina***

Neste capítulo, inicialmente, expomos os resultados obtidos em torno dos dados colhidos na pesquisa executada, analisando as observações das aulas de literatura na escola pública investigada, no tocante à exploração da poesia de Cora Coralina e a recepção por parte do alunado do Ensino Médio, oportunidade em que verificamos os diferentes olhares acerca da poetisa em comento e sua produção literária.

Destarte, apresentamos excertos das diversas atividades executadas em sala de aula, a partir da realização dos questionários, das transcrições parcial das aulas, dos exercícios realizados e das notas de campo.

Em diferentes momentos da análise, são tecidas considerações sobre as percepções dos alunos e da docente sobre o trabalho com a poesia de Cora em sala de aula e como isso pode beneficiar as aulas de literatura e criar um ambiente de aprendizagem propício à crítica e ao fomento do debate sobre os valores humanos, a solidariedade e os sentimentos universais.

### **3.1 Percepções preliminares da professora regente em torno das aulas, do projeto de pesquisa e do público discente**

O contato deste pesquisador com a professora Kate foi ainda no mês de abril e maio, uma vez que trabalhamos na mesma escola, com disciplinas da área de Linguagens (Língua Portuguesa e Língua Inglesa) e, diante disso, compartilhamos das mesmas ansiedades, desejos e frustrações quanto ao trabalho em sala de aula.

A professora Kate, ao lhe ser proposto a execução do projeto de pesquisa em suas salas de aula, se mostrou muito receptiva. Através de anotações em notas de campo, conversamos sobre as principais dificuldades e desafios no que diz respeito ao trabalho com a literatura na escola, sobretudo no Ensino Médio.

Concordamos em vários pontos, mormente no aspecto de que a escola e a Secretaria de Educação muitas vezes “engessam” o Currículo, tornam-no difícil de ser aplicado em sala de aula e algumas necessidades que deveriam ter primazia em termos de execução ficam a desejar, no processo de ensino-aprendizagem, como o trabalho com a literatura goiana e, conseqüentemente, com a poesia de Cora Coralina, uma artista tão importante de nossa cidade.

Ao conversarmos sobre a inflexibilidade do currículo e da falta de valorização de aspectos da cultura local, a professora mostrou alguns excertos tanto do Projeto Político-Pedagógico (GOIÁS, 2018), como do Currículo de Referência (GOIÁS, 2014), e fez algumas considerações críticas acerca da ausência da literatura local nos objetivos e habilidades demonstradas. Vejamos este excerto do Projeto Político-Pedagógico:

O processo de ensino aprendizagem no nível médio indicam a sistematização de um conjunto de disposições e atitudes como pesquisar, selecionar informações, analisar, sistematizar, argumentar, negociar significados, cooperar, de forma que o aluno possa participar do mundo social, incluindo-se aí a cidadania, o trabalho e a continuidade dos estudos.

A linguagem pela sua natureza, é transdisciplinar. É considerada como a capacidade humana de articular significados coletivos e compartilhá-los, em sistemas arbitrários de representação, que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade. Ela permeia o conhecimento e as formas de conhecer, o pensamento e as formas de pensar, a comunicação e os modos de comunicar, a ação e os modos de agir. A linguagem é humana e, tal como o homem, destaca-se pelo seu caráter criativo, contraditório, pluridimensional, múltiplo e singular, a um só tempo.

Não há linguagem no vazio, seu grande objetivo é a interação, a comunicação com um outro, dentro de um espaço social. A linguagem verbal é um dos meios que o homem possui para representar, organizar e transmitir de forma específica o pensamento.

A fala como mediadora entre as relações humanas gera sistemas de linguagens, sentidos humanos que se expressam, se concretizam e proliferam em múltiplos espaços simultâneos de forma relacional (...) (GOIÁS, 2014, p. 68-69).

Com o fito de atingir esta transdisciplinaridade no ensino da língua, a Secretaria de Educação determina, desconsiderando os contextos e as diversas realidades sociais presentes em diferentes municípios do Estado, os conteúdos, as expectativas de

aprendizagem que o professor deve levar para a sala de aula, o que torna o planejamento do docente nada aberto para as diversas possibilidades de exploração da realidade local. A título de exemplificação, no 1º bimestre do 3º ano do Ensino Médio, o Currículo estabelece que devem ser trabalhados Poemas, Manifestos e Resenhas. Nesse sentido, foca as seguintes expectativas de aprendizagem:

- Vocalizar e escutar manifestos diversos.
- Vocalizar crônicas e poemas modernos da literatura portuguesa e brasileira (1ª geração).
- Escutar crônicas e poemas modernos da literatura portuguesa e brasileira (1ª geração).
- Apresentar resenhas de obras literárias, artigos lidos, peças, filmes etc.
- Discutir sobre a existência de preconceitos com relação à sexualidade, à mulher, ao negro, ao índio, ao pobre, à criança, ao velho, nos gêneros em estudo (GOIÁS, 2014, 65-66).

Na sua exposição, a professora Kate argumenta que a quantidade de conteúdos, a pressão pelo trabalho com questões relativas ao ENEM e o cumprimento das metas traçadas a partir das expectativas e dos conteúdos levantados, em face do documento legal, impedem-na de criar um planejamento mais autônomo e mais participativo.

A partir destas dificuldades, ela observa que o trabalho de mediadora da aprendizagem de poesia em sala de aula acaba focando, por demais, autores canônicos, como Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e Manoel Bandeira, sobrando muito pouco espaço para a valorização das nossas raízes. As ações em relação à poesia de Cora Coralina acabam sendo muito pontuais, motivo pelo qual ela entende como ousada esta oportunidade de utilizar sequências didáticas para discutir e problematizar a obra, a vida e a construção poética coralineana. Em seu questionário semiestruturado, a professora obtempera:

[...]As minhas aulas de língua portuguesa não são fragmentadas. Não digo para o aluno, “Hoje é Redação, hoje é Gramática, amanhã é Literatura”. Com uma poesia bem explorada, por exemplo, você pode explorar questões gramaticais e produzir um bom texto, portanto, acho isso desnecessário. Mas, no geral, acho que não há um estímulo, em termos de plano de curso, de planejamento anual e currículo, para a prática de leitura de obras literárias. Quando havia os vestibulares que cobravam obras literárias, isso era bom, porque fazia com que os alunos lessem, mesmo que fosse para uma obrigação. Hoje, com o ENEM, nem isso ocorre. Acho que a literatura perdeu um certo espaço na escola, pelo menos no que se refere a minha experiência, no ensino de língua portuguesa. E com 60 horas semanais, dando aula em diversas turmas, fica difícil para você ter uma certa autonomia. A grande jogada é cumprir o Currículo que não dá uma atenção especial às questões locais. Cora Coralina, mesmo, era para ser amplamente citada em nosso Projeto Político-Pedagógico, no Currículo Estadual e Local. Daí, me pergunto,

“Se não valorizamos nem o que está aqui, a nossa frente, na hora de ensinar a língua pátria, o que podemos esperar dos nossos alunos? (Questionário semiestruturado – Professora Kate, 2018).

Diante desta exposição, calham os estudos perpetrados por Allende e Condemarin (2005), quando suscitam a discussão de que o trabalho com a obra literária em sala de aula pressupõe autonomia e interação do sujeito com as práticas sociais. A experiência estética por parte do aluno é trilhada a partir das experiências individuais, do que ele considera como relevante para sua vida, pelas imagens que ele cria do mundo, ou seja, reputamos não procedente, por exemplo, toda uma exposição sobre o Pré-Modernismo, o Quinhentismo, o Barroco – escolas literárias que devem, sim, ser ensinadas – se o discente não é levado a percorrer aquele caminho que corresponde a sua leitura de mundo. Como se pode ver, ir para a sala de aula, como a professora em questão, com preocupações que inspiram um ensino “programado” da língua torna-a inábil para promover estas interações que procuram utilizar as experiências que estão no nosso meio como um objeto de instigação e fustigação do conhecimento.

Deste primeiro momento com a professora Kate, percebemos que ela tem consciência que a recepção do texto literário de uma poetisa local depende da consciência da relevância dos nossos hábitos e costumes como parte das representações que formamos do espaço no qual estamos inseridos, uma vez a nossa cultura nos dá uma identidade própria e oferta significação às nossas ações (RUTHERFORD, 1990; HALL e WOODWARD, 2004).

Professora formada em Letras em 2005, pela UEG de Goiás e Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Cândido Mendes (2017), Kate se revela uma apreciadora de poesias desde os tempos da infância, quando vivia na fazenda e estudava em escola multisseriada. Acerca de Cora Coralina e o trabalho com sua poesia, ela revela:

Cora Coralina, para mim, é o traço cultural mais importante da cidade de Goiás. Sua memória é uma personificação. Ela foi um divisor de águas, num tempo de muitas dificuldades, mulher guerreira, que foi uma verdadeira rocha, capaz de viver numa época dura, difícil e machista.

Já li muito sobre Cora Coralina, suas poesias e a minha preferida é “Todas as vidas”. A tradução da pessoa de Cora está ali. Mas eu penso que poderia saber mais: falta tempo, falta incentivo e um projeto social e educacional que instiguem a leitura da sua obra (...)

A experiência com a leitura de Cora Coralina é raríssima na minha escola: o Currículo não nos dá tempo, há uma preocupação exacerbada com as provas externas que estabelecem o ranking do IDEB na escola. Se você fala de Cora em sala de aula, sabe-se muito pouco sobre ela. É possível, inteiramente possível que as pessoas de fora, os alunos de fora

saibam mais sobre esta poetisa do que nós mesmos. Vejo isso como muito preocupante. Como já mencionei, estamos muito mais preocupados com que está lá longe do que com a nossa própria cidade, os nossos próprios objetos culturais. Isso quando não ouvimos algum comentário pejorativo na escola sobre Cora, o que me deixa muito triste. Para romper preconceitos, entender a importância da sua poesia, compreender a magnitude da sua obra literária e trazer seu legado para nossa sala de aula, vejo que experiências individualizadas como este projeto valem, sim, mas não é suficiente: a escola de Goiás precisa observar e acreditar que Cora projeta a imagem de Goiás no Brasil e no mundo e deveria se desdobrar para fazer da sua poesia um de seus principais projetos na escola. Mas não é o que ocorre (Questionário semiestruturado – Professora Katie, 2018).

A consciência da professora Kate em torno das limitações da unidade escolar acerca do trabalho literário voltado à recepção da poesia de Cora Coralina faz-nos refletir sobre as dificuldades que existem, no país, no tocante a formação do público leitor na escola pública. Fazendo coro aos estudos de Galvão e Silva (2017), Pires e Matsuda (2013) e Zilberman (1991), quando afirmam que a ausência de práticas de leituras significativas no espaço escolar tornam nossos alunos sem criticidade o suficiente para problematizar e analisar questões sociais relevantes, vemos que nossas unidades escolares apelam, costumeiramente, para ações isoladas, sem levar em conta a complexidade e a individualidade dos nossos alunos, inseridos num tempo e num espaço peculiares e próprios deles. A leitura literária fomenta o desenvolvimento de habilidades intelectuais e a deficiência com seu trabalho traduz-se na carência de debates sobre alteridade, o pensar no outro, a solução das desigualdades existentes no nosso meio. A capacidade de enxergar na leitura uma possibilidade de compreender melhor os conflitos humanos e os problemas da sociedade é uma forma de libertação e crescimento.

A escola não deve ver a obra literária apenas como “um mero documento” (ISER, 1996, p.10) e diante de tal constatação, Tragino (2013) ao perscrutar os estudos em Iser (1996) assevera que a capacidade de ler e interpretar, plurissignificativamente, a obra literária, somente se faz possível se existir textos e livros que circulem de forma efetiva no espaço de interação do leitor, propiciando-lhe condições permanentes e seguras de contato com a referida arte.

Tal dialogicidade implica a comunicação do livro e do seu teor com as necessidades e intencionalidades do leitor. A posição da professora Kate, neste sentido, é pertinente, uma vez que ela se mostra preocupada com a interação texto-leitor (TRAGINO, 2013; ISER, 1996), a partir das referências culturais, históricas e pessoais do aluno. Neste sentido, o trabalho voltado à apreciação da poesia de Cora Coralina possibilitaria resgate

de conhecimentos prévios, a produção dialógica de sentidos e a valorização dos nossos traços culturais.

O aluno, ao sentir-se parte da construção dos significados propiciados pelo texto literário, começa a ver na obra literária, as possibilidades que vão além da decodificação de vocábulos, ou seja, “o sujeito(o leitor) realiza uma prática (a leitura) sobre um objeto ( o livro) dentro de um sistema (a literatura)” (TRAGINO, 2013, p. 33), consciente de que suas experiências de vida, se observadas, na representação da obra lida, lhe dá um papel revitalizador: o discente passa a perceber na sua identidade e na sua vida traços que são importantes para a constituição de uma história e de uma memória.

Ciente das mudanças que precisam ser ocasionadas, a professora Katie salienta, quando abordada sobre suas expectativas em relação ao projeto aqui desenvolvido:

Eu não vejo, por tudo que já expus, a produção literária de Cora Coralina, na escola, com o tratamento que merecia. É algo que tinha que ser costumeiramente reverenciado. Não se poder ler, fazer uma semana de estudos intensivos, só para fazer provas, ser “testado” pelo IDEB. É nesse sentido que eu espero que este projeto que desenvolveremos juntos possa trazer a unidade escolar: debates e questionamentos sobre a importância do que lemos e para quem lemos. Eu quero que meus alunos conheçam a história da literatura brasileira, sim. Mas, antes de tudo, eu quero que conheçamos a nossa história, os nossos valores. Não quero ter o desapontamento de chegar na sala como eu chego, perguntar sobre Cora, e diagnosticar tão poucas respostas positivas. Eu preciso conhecer o meu meio, as frustrações e anseios do meu povo, como tão bem fez Cora, para compartilhar com o mundo, para querer entender os problemas lá de fora. E o conhecimento que Cora partilha em suas obras, praticamente tão somente sobre o povo de Goiás, vale para qualquer lugar do mundo: lá se encontram problemas sobre desigualdades, machismo, intolerância, questões familiares e há valorização da cidade que lhe deu tantas razões para escrever. Portanto, eu acho que o projeto cria esta expectativa: de estarmos cientes de que nossos alunos têm pouca leitura, não são bons leitores, porque, antes de tudo, não há estímulo, no seu interior e fora dela, para que isso ocorra. A partir desta consciência, eu acho que nós temos um caminho (Questionário semiestruturado – Professora Kate, 2018).

A professora Kate, destarte, percebe o ato da leitura como uma prática social e ressalta que nossas experiências com ela devem visar o uso comunicativo das nossas experiências, da nossa cultura. Ao se mostrar crítica acerca da visão empobrecida que nossas escolas nutrem pela poetisa local Cora Coralina, ela propõe a integração de diversos agentes do conhecimento (alunos e docentes) a fim de promover incentivos pela prática de leitura que dão sustentação para o tripé professor-aluno-contexto, com o fito de resgatar a cidadania dos nossos discentes, sua formação cidadã, em situações concretas em que o

aluno se comunicará, lendo, escrevendo e produzindo significados.

### **3.2 Percepções preliminares sobre as características e leituras do alunado da escola investigada**

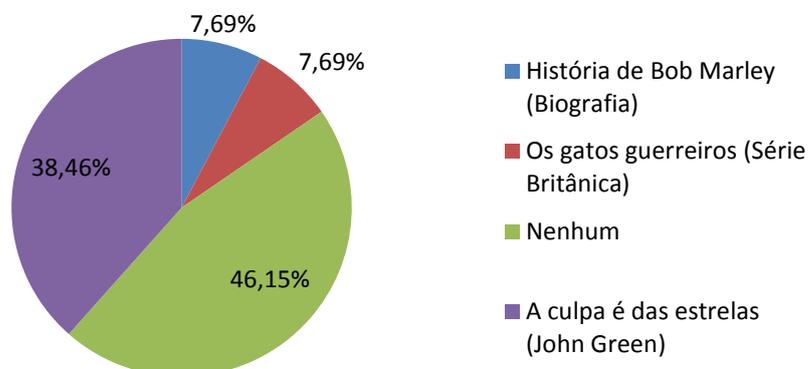
Entre os alunos respondentes e participantes da presente pesquisa, 06 (alunos) do turno vespertino (3º ano C) e 13 (treze) alunos (3º ano B), do turno matutino, entregaram as documentações autorizadas da divulgação dos dados (termo de consentimento). Os demais alunos remanescentes participaram das atividades, paralelamente, sem, contudo, o compromisso exposto nos respectivos termos.

Ainda que tenha havido esta discrepância nas participações, no que se refere aos números de alunos participantes, urge salientar que a pesquisa procura atender os padrões éticos estabelecidos e, do ponto de vista teórico, Yin (1984) preleciona que a utilização do estudo de caso preocupa-se com os aspectos reais e possíveis do campo investigado, abordando tanto momentos de análise de um único caso, como de vários, oportunidade em que, apesar das limitações estabelecidas, tenta-se observar as similitudes e ou as diferenças entre as situações que são postas como objeto de estudo e investigação.

Tanto os alunos do turno matutino (3º ano B) quanto os alunos do turno vespertino (3ºC) revelaram-se, num percentual acima dos 75%, como leitores de *best-sellers*, textos da internet (blogs, publicações em redes sociais etc.) e menos de 25% declinaram que leem muito pouco ou às vezes poesia, romances, jornais e revistas.

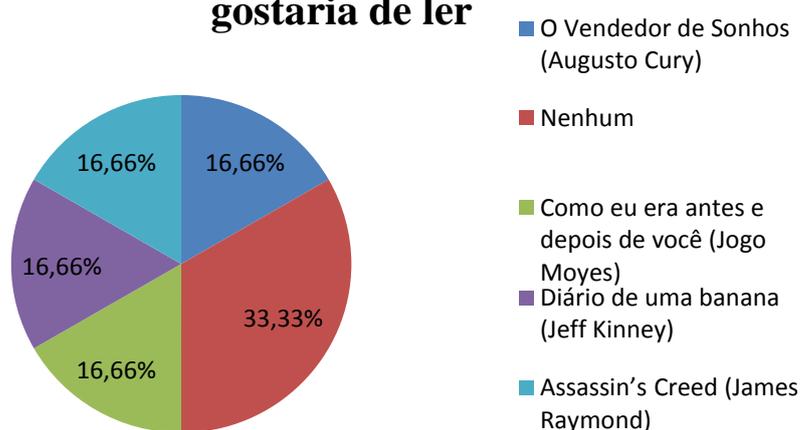
As impressões da docente sobre o impacto da literatura local e sua influência na vida destes discentes não se mostraram enganosas. Ao responderem o questionário inicial, eis os dados que as turmas do 3º ano B e C demonstram quanto à leitura que gostariam de realizar:

### Gráfico 01 - 3º ano B Livros que gostaria de ler



Fonte: Dados coletados na escola pública investigada, 2018

### Gráfico 02 – 3º ano C – Livros que gostaria de ler

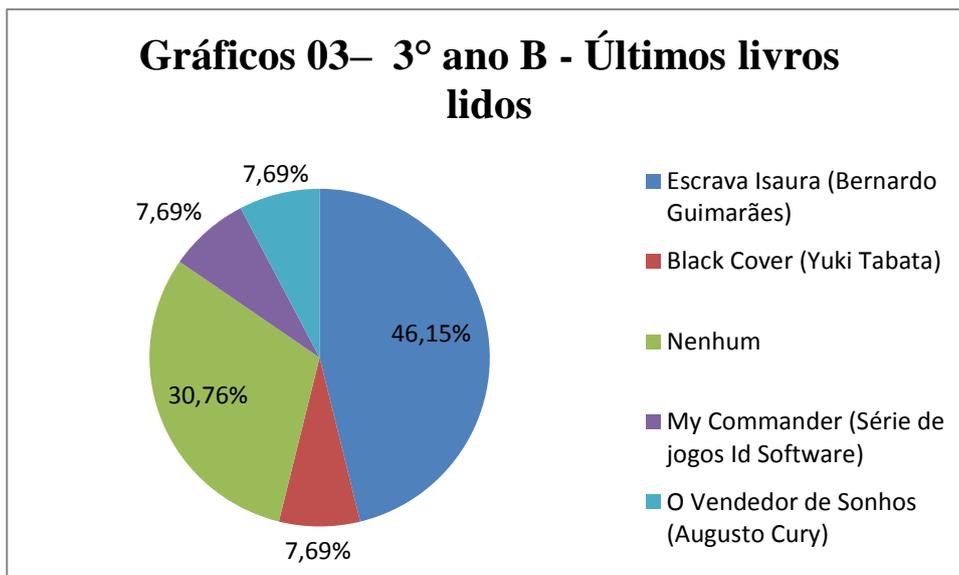


Fonte: Dados coletados na escola pública investigada, 2018

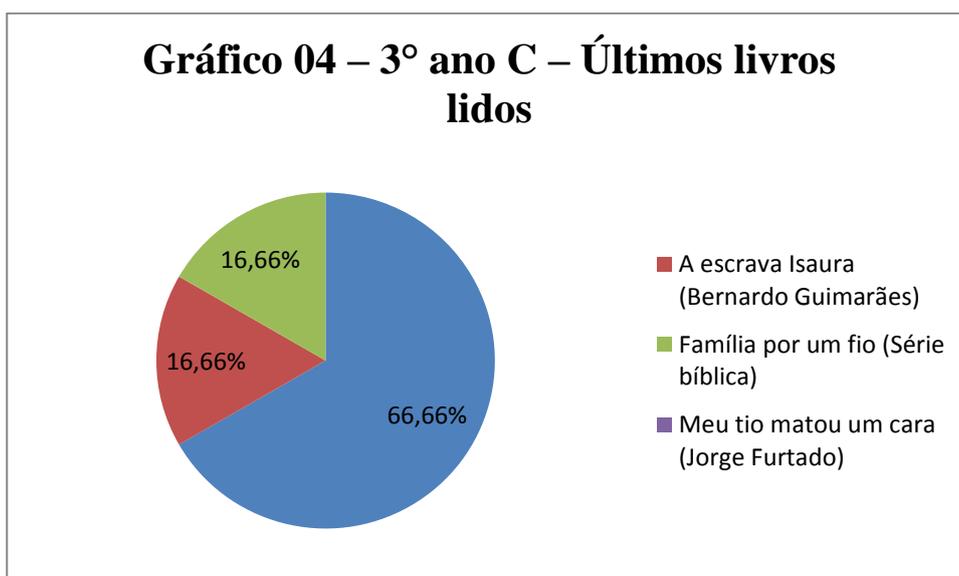
Das estatísticas apontadas, soa preocupante o fato de que nenhum aluno de ambas as séries demonstraram interesse pela literatura de Goiás, pela literatura de Cora Coralina. Ao contrário, 46,15% dos respondentes do 3º ano B e 33,33% do 3º C ressaltam que não pretendem fazer leitura alguma e não há uma menção se quer a obras literárias brasileiras. Há o desejo pela leitura de livros de autoajuda (16,66% - Augusto Cury – 3ºB) e um maciço interesse por obras estrangeiras traduzidas que serviram de roteiro adaptado para filmes de grande bilheteria (Como eu era antes de você – 16,66% - 3º C e A culpa é das estrelas – 38,46% - 3º B).

O interesse deste pesquisador não é tecer juízos de valor acerca desta grande aceitabilidade pela literatura de massa entre os alunos, visto que ela chama a atenção significativa de um grande número de jovens, como se pode ver pelos interesses revelados em torno dos *best sellers*. Tendo como escopo de que a recepção também é um ato cultural (JAUSS, 1994; ZAPPONNE, 2004), temos que a escola, na sua função de integração e compartilhamento de saberes, pode ajudar o aluno a redimensionar sua visão acerca da literatura, especialmente a local, visto que esta arte nos auxilia também na ressignificação e na compreensão das relações sociais e do mundo em que vivemos. Sem uma cultura literária (ARGAN, 1992; LIMA, 2002), observamos que nossos jovens buscarão, fatalmente, o prazer pela leitura nos *best sellers*, conscientes de que não há um fomento e um trabalho contínuo no sistema de ensino pela apreciação da obra de arte literária e pela valorização da cultura local como instrumentos de valorização das identidades. Como salienta Woodward (2007, p.31), “somos posicionados – e também posicionamos a nós mesmos – de acordo com os ‘campos sociais’ nos quais estamos atuando”. Nos posicionamos, como professores, homens, mulheres, alunos etc., que conhecemos e lemos sobre a história e a literatura do nosso povo, de acordo com os objetivos que estabelecemos e com as aprendizagens que carregamos.

Desta forma, nossas identidades nos projetam enquanto seres no presente e que atuarão no futuro. Diante de dois cenários – pouca exploração da escola sobre a literatura Goiana e de outro pouco ou nenhum interesse dos alunos em torno da mesma – estes procurarão satisfazer suas necessidades leitoras naquilo que acreditam como sendo essencial e prazeroso. Da pretensão pelas leituras para a realidade propriamente dita, os alunos investigados mostram suas últimas leituras literárias realizadas:



Fonte: Dados coletados na escola pública investigada, 2018

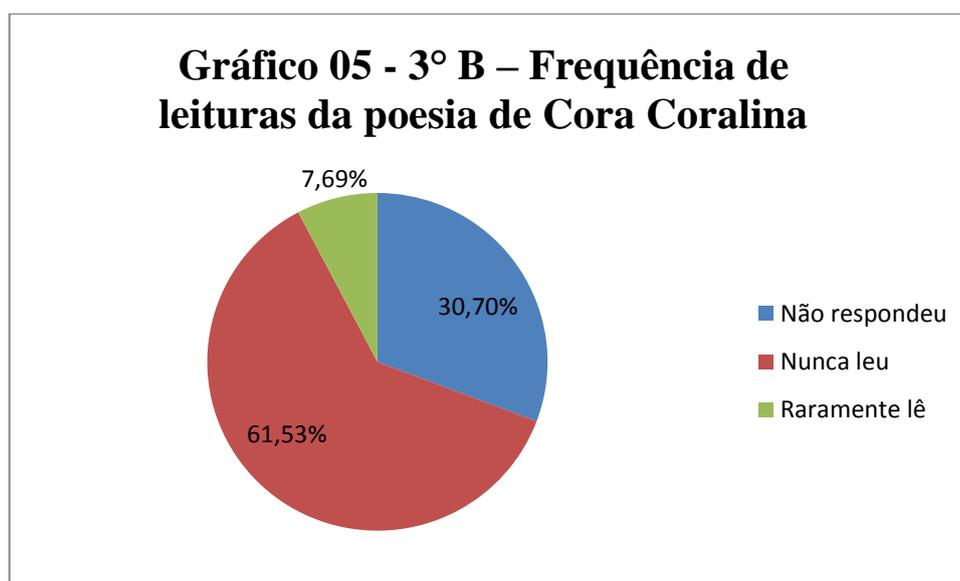


Fonte: Dados coletados na escola pública investigada, 2018

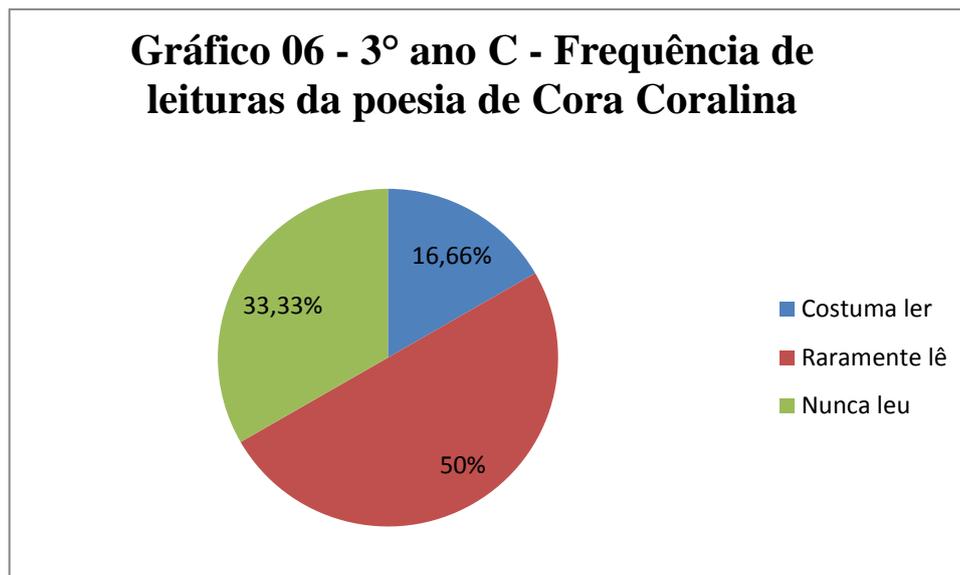
A *Escrava Isaura* (leitura realizada por 46,15% dos alunos no 3º ano B e 66,66% no 3º C) de Bernardo Guimarães – autor da história da literatura Brasileira) foi a obra mais lida porque a professora de Língua Portuguesa Kate recomendou este livro, que faz parte em diversos números do acervo bibliotecário da unidade escolar – como a obra a ser lida no 1º Bimestre daquele ano letivo. 30,76% dos alunos do 3º ano B não revelam interesse por qualquer obra literária e um total de 15,38% demonstram agrado pela leitura de obras baseadas em jogos de softwares (*My commander* e *Black Cover*). Nenhuma das turmas mencionam entre suas últimas leituras, obras literárias locais.

Entendemos como procedentes as observações já mencionadas da professora Kate de que seu trabalho isolado, como professora de língua portuguesa, por si só, são insuficientes para que o aluno entenda a pertinência da literatura local, as obras literárias de Cora Coralina como instrumentos de melhoria da capacidade de leitura, de investigação e compreensão do mundo em que vivemos. Os estudos realizados por Galvão e Silva (2017) sustentam que é a escola que afiança o trabalho com a literatura no espaço do seu interior, podendo reconhecer ou menosprezar os livros literários, devido ao seu poder de censura e influência na recepção e apreciação dos alunos. É preciso valorizar o repertório de leituras dos nossos discentes, não preterir suas histórias de vida, suas concepções de mundo e suas emoções, desde que toda a instituição esteja apta a ofertar um processo de ensino e aprendizagem que não se distancie do local que nos deu uma identidade própria, que nos formou enquanto indivíduos sociais.

Tal distanciamento é que garante, a título de exemplificação, a impressão de que nossos alunos “não são vilaboenses”. Moradores da nossa cidade, que convivem diariamente com a realidade das ruas de pedras, das casas “juntinhas uma das outras”, das vielas, ruas e becos e dos museus que trazem vasta história do período dos Bandeirantes, os alunos não leem praticamente Cora Coralina, mostrando um afastamento de um ícone cultural importantíssimo para a cidade. Vejamos os números da frequência de leitura das obras coralineanas entre os alunos investigados:



Fonte: Dados coletados na escola pública investigada, 2018



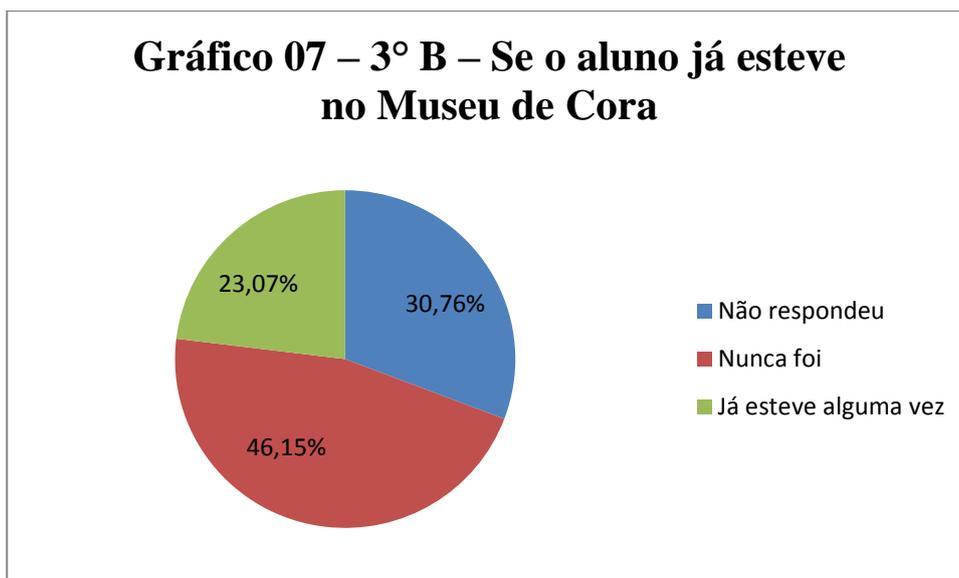
Fonte: Dados coletados na escola pública investigada, 2018

61, 53% dos alunos do 3º ano B nunca leram nenhuma poesia de Cora e 30,7% não responderam. 50% dos discentes do 3º ano C raramente leem Cora e 33,33% nunca leu qualquer de suas poesias.

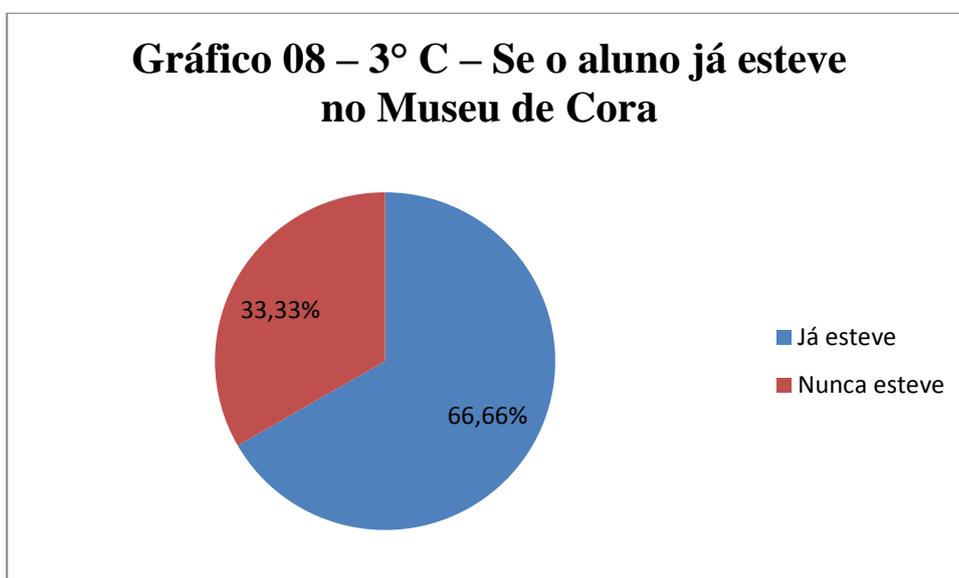
Tal posicionamento negativo em relação a poetisa que dá uma identidade própria a cidade de Goiás, cidade onde estudam estes discentes demonstram um distanciamento preocupante dos interesses dos alunos, bem como sobre o que entendem por motivação, emoções, cultura e meio social. Olvida-se, na escola, que a poesia de Cora Coralina “surge de um veio de reminiscências” e que, por ele, assistimos ao refundar de uma cidade e de um povo” (SIQUEIRA, 2016, p. 167). Reminiscências que são capazes de dar criticidade aos nossos discentes sobre seu espaço, seu povo, sua memória, sua gente, suas raízes.

Além de tal impedimento, nossos alunos, a partir de diálogos culturais e sociais, deixam se se ver integrados ao texto poético coralineano, pela ausência da prática da leitura de sua obra na escola. Segunda Silva (1996), baseando-se em Isner (1996) e Jauss (1994), há formas de o leitor se representar no texto, por intermédio de determinadas categorias que aproximam o objeto da leitura e o leitor: interesses, conhecimentos de mundo, background etc. A efetivação do ato da leitura se dá numa relação de alteridade, em que o leitor é capaz de enxergar no texto traços da sua vida e as representações da sua memória, necessidades e conflitos. Tal interação texto-leitor não pressupõe necessariamente a completude do ser que lê: pode haver distanciamentos, convergências e divergências. O importante é que o leitor, por meio do diálogo, tem a oportunidade da leitura, crie suas expectativas e se posicione acerca do que lê.

Essas possibilidades não são trabalhadas nas salas de aula investigadas, a não ser por exercícios e atividades pontuais proporcionados pela professora, que conta com um currículo que se fecha quanto a impossibilidade de seu cumprimento. Mesmo com um museu que conta com uma vasta história de Cora Coralina e sua trajetória literária, os números revelam pouco acesso deste alunado à referida casa:



Fonte: Dados coletados na escola pública investigada, 2018



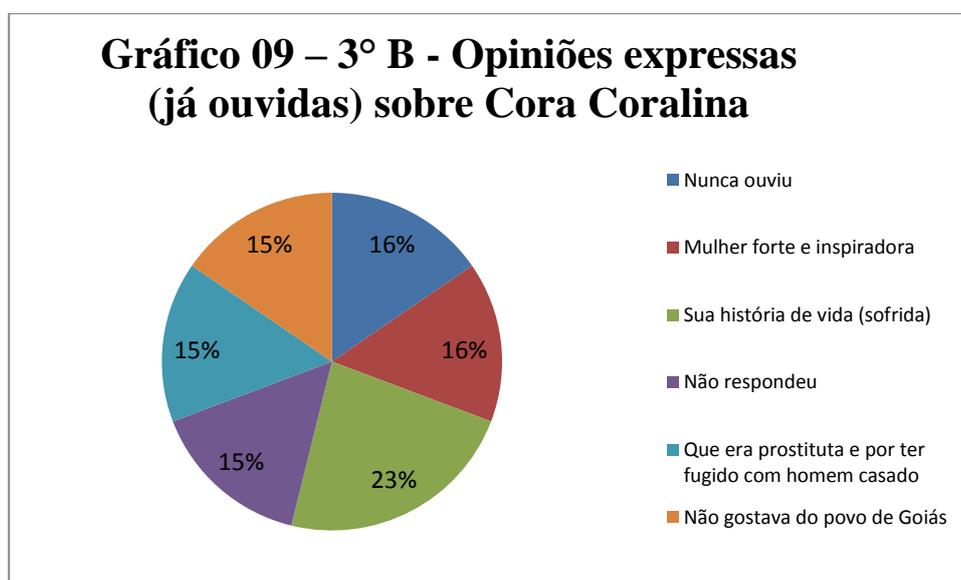
Fonte: Dados coletados na escola pública investigada, 2018

Um povo é conhecido pela forma como interage com sua sociedade, seus valores culturais, sua identidade. Como salienta Laraia (1986) o indivíduo – no nosso caso aqui, o indivíduo leitor – deve se interagir com o seu meio, participando do conhecimento cultural que faz parte da sociedade em que vive com o fito de obter o espírito de pertencimento, de

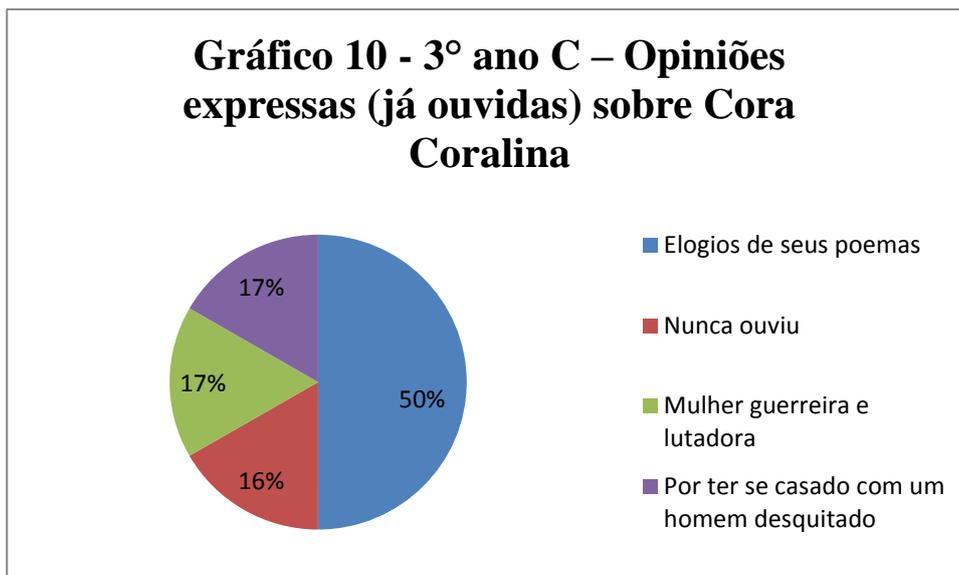
cidadania. Nossos juízos, nossos raciocínios são parte desta dinâmica cultural e ler se torna um processo que nos permite recriar e reestabelecer os significados expostos nos textos, pressupondo a interconexão entre o autor, o leitor e o texto: o mundo e as suas interpretações se tornam ferramentas de construções sociais e culturais que envolvem atos contínuos de avaliar situações, formar e testar hipóteses, discordar, concordar, criticar.

Uma vez não havendo esta interação da escola com o acervo literário e patrimonial de Cora Coralina e, por assim dizer, não construindo com o aluno, diariamente, a consciência do seu papel no aprimoramento na capacidade de ler, nossa educação não cumpre satisfatoriamente seu papel.

O impedimento e a falta de um projeto literário efetivo que permita esta interação entre o leitor (aluno) e o texto (poemas de Cora) fazem com que os conhecimentos dos alunos acerca da poetisa em comento sejam esgarçados, fragmentados, diluídos em comentários soltos e pouco sustentados, do ponto de vista da realidade fática. Quando questionados acerca do que ouvem falar sobre Cora, os alunos assim se manifestam:



Fonte: Dados coletados na escola pública investigada, 2018



Fonte: Dados coletados na escola pública investigada, 2018

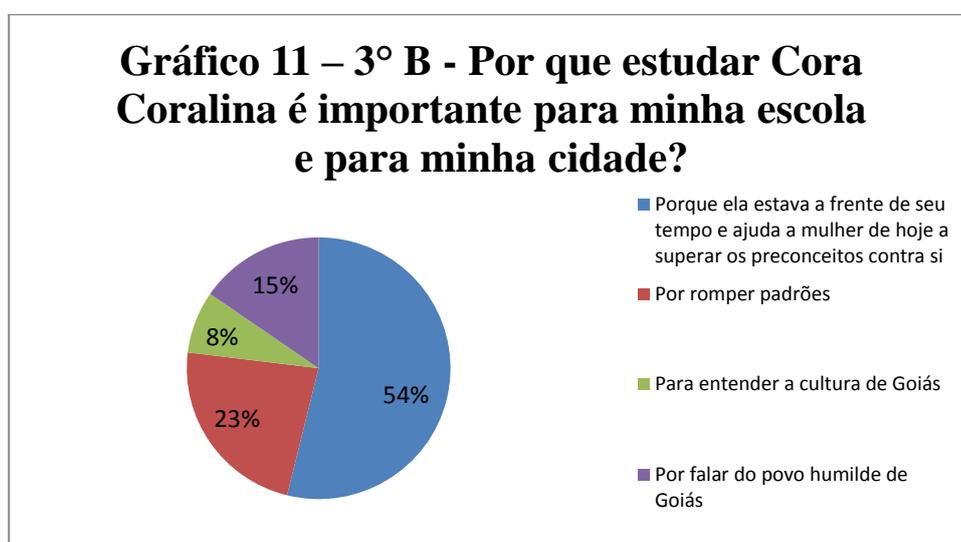
Muito embora os alunos externem, em sua maioria, opiniões favoráveis à imagem de Cora Coralina – (Sua história de Vida sofrida – 3º B – 15,38%; Mulher forte e inspiradora – 3º B – 23,07%; Mulher guerreira e lutadora – 3º C – 16,66%; Elogio de seus poemas – 50%), cumpre salientar, numa comunidade que exerce pouco conhecimento de sua literatura, ainda as opiniões distorcidas e preconceituosas, como o fato de ter supostamente fugido com um homem casado para viver ao lado dele (15,38% dos alunos do 3º B/16,66% dos alunos do 3º C) e por não gostar do povo de Goiás (15,38% dos alunos do 3º B); 15,38% dos alunos do 3º ano B e 16,66% do 3º ano C nunca ouviram nada sobre ela.

Como já destacou Vellasco (1990) e Siqueira (2016), ainda é espantoso perceber que pessoas da população de Goiás ainda se refira a Cora Coralina como prostituta, pelas por ter deixado a cidade Goiás, na companhia de um homem casado. Siqueira (2016), como parte de seus trabalhos permanentes acerca da poesia e reminiscência de Cora Coralina, empreendeu esforços junto à Prefeitura de Goiás, percorrendo escolas de ensino médio, em momentos de debates e palestras, com o fito de discutir mais sobre a vida e a literatura desta poetisa. Em todas estas ocasiões, ouviu de alunos e docentes que Cora Coralina era “prostituta” e, pelos tabus e pechas pregadas, acredita que este pode ser um dos motivos que levam a sociedade vilaboense saber tão pouco sobre a vida da escritora e ler tão pouco suas poesias. Há de um lado comentários preconceituosos e, de outro, aqueles que são indiferentes, ou seja, nunca ouviram nada.

Diante destas realidades apresentadas, eis a manifestação da professora docente Kate, acerca da sua motivação em realizar este projeto:

A minha motivação estava em começar algo novo, em avançar, em querer ser autônoma. Vou cumprir o currículo mas vou oferecer muito mais a meus alunos, se eu fizer, poucos que sejam, a ler esta escritora de uma forma diferenciada, menos preconceituosa, menos taxativa. Me motivei ao saber que estava dando o primeiro passo. A gente que é professora contrato especial fica com medo de não cumprir tudo que se estabelece a risca, mas quero ver quem vai ousar me criticar por trabalhar Cora Coralina, como parte do meu plano de curso, embora ela não seja citada no Currículo de Referência. Posso trabalhar tudo com ela: gramática, artigos de opinião, redação, cultura, produção de texto, paráfrases e muito mais que isso: fazer o meu aluno entender que ela é um patrimônio de Goiás, ela merece ser conhecida, valorizada, aclamada. É triste não ver isso, perguntar sobre ela e ver o aluno bocejar em aula. Mas daí, me perguntarei: o que eu fiz para mudar esta realidade? Então, esta sequência de aulas com Cora Coralina foi algo inédito em minha aula, nas aulas dos professores desta escola e quero que o resultado aqui demonstrado fomente a necessidade de dar uma atenção especial a leitura na nossa escola, especialmente de escritores da literatura goiana. Se eu coloquei as pessoas para pensarem que isso deve ser discutido, pensado e analisado, sinto que minha contribuição foi dada (Questionário Aberto – Professora Kate).

O professor, como formador de opinião e mediador da leitura e do conhecimento produzido em sala de aula, tem uma função salutar na mudança de posicionamento do aluno acerca de suas convicções pessoais. À medida que o questionário inicial foi sendo realizado, a professora Kate foi suprimindo algumas dúvidas e fazendo alguns comentários pertinentes à vida e obra de Cora Coralina. As respostas sobre a relevância da leitura de sua obra e do que ela representa para a escola já demonstraram traços destes contributos:



Fonte: Dados coletados na escola pública investigada, 2018



Fonte: Dados coletados na escola pública investigada, 2018

Todas as respostas apresentadas pelos discentes das duas salas se mostram procedentes em termos de contribuição da literatura coralineana para nossas vidas. Silva (2003), ao trazer alguns dos impactos dos seus estudos em Chartier (1996) e Iser (1996) sobre a obra, o leitor e o contexto, pondera que, para uma recepção satisfatória do objeto literário, em que há a mediação docente, vários aspectos devem ser considerados: o intento da mensagem e do enunciado lido, a capacidade leitora e receptora do aluno, o momento cultural em que o texto está sendo lido, as relações entre o mundo real e o mundo representado na obra lida e outros fatores.

Neste sentido, ainda que tenhamos um cenário de pouco incentivo à leitura literária na escola (ZILBERMAN, 2004; SOUZA, 2015), de pouco fomento à apreciação da obra de Cora Coralina no espaço da cidade de Goiás (DELGADO, 2003; SIQUEIRA, 2016; VELLASCO, 1990, entre outros) e uma crise no trabalho com o ensino de literatura nas sala de aula (GALVÃO; SILVA, 2017), acreditamos que ações pontuais, ainda que não ideais, podem, sim, deixar registradas contribuições que vão para além dos muros da unidade escolar: o professor não deve ser desesperançoso ao ponto de desacreditar na sua função pedagógica de ensinar, mostrar caminhos alternativos, de edificar seus projetos.

Leituras, a final de contas, vão sendo construídas, desconstruídas e reconstruídas. Uma vez nossas escolas não sendo preparadas para levar para suas salas de aulas, todas as contribuições que Cora Coralina nos deixou, em nenhum momento o professor deve deixar de prosseguir na sua mister função: como a professora Kate demonstrou, ainda que os números estatísticos revelem tanto desinteresse pela leitura literária e, especialmente, pela obra desta poetisa, é certo que a crença de que a leitura abre possibilidades para que o

jovem descubra um universo de reflexões, desejos e sentimentos é o que impulsiona dia-a-dia o trabalho na sala de aula.

### 3.3 Atividades desenvolvidas: análise, recepção e caminhos

Em face dos encontros (aulas) observadas, este pesquisador, como parte da triangulação dos dados apresentados, desde o questionário semiestruturado inicial, anteriormente analisado, quanto às percepções iniciais dos alunos, optou por não fazer uma menção na ordem cronológica das aulas observadas. Isso se deve ao fato de que a qualidade da recepção dos alunos não obedeceu, necessariamente, a cronologia das aulas em questão.

Os excertos analisados e discussões a serem tecidas são quanto aos aspectos mais relevantes observados durante os encontros nos 3º anos B e C, de modo a examinar, de forma crítica, a recepção dos alunos acerca da poética coralineana, os discursos construídos e as possíveis intervenções a serem realizadas.

Após a realização dos questionários iniciais, professora e pesquisador comprovaram suas hipóteses preliminares: - ausência de um planejamento, em termos de currículo, quanto aos estudos nas aulas de língua portuguesa sobre Cora Coralina e a literatura goiana, como num todo; desinteresse dos alunos pelas aulas de literatura e por conhecimentos acerca da cultura da cidade de Goiás e falta de autonomia da escola para explorar suas especificidades regionais e locais no que tange à formação do seu planejamento.

Mediante a realidade apresentada nos gráficos acima, a professora e o pesquisador juntos fizeram vários esclarecimentos sobre a vida e a obra de Cora Coralina: sua volta à cidade de Goiás, a profissão de doceira, os preconceitos vividos e sofridos e o caráter catártico e autobiográfico de sua poética (SIQUEIRA, 2016; VELASCO, 1990; YOKOZAWA, 2005, entre outros).

As turmas, de uma forma geral, foram receptivas, no que tange ao desenvolvimento do projeto. No segundo encontro realizado, após a aula de esclarecimentos e preenchimento do questionário inicial, ambas as turmas fizeram uma leitura compartilhada da poesia, “Nunca estive tão cansada”. Vejamos a poesia:

**Nunca Estive Cansada**  
Fiz doces durante quatorze anos seguidos.  
Ganhei o dinheiro necessário.

Tinha compromissos e não tinha recursos.  
 Fiz um nome bonito de doceira, minha glória maior.  
 Fiz amigos e fregueses. Escrevi livros e contei estórias.  
 Verdades e mentiras. Foi o melhor tempo da minha vida  
 Foi tão cheio e tão fértil que me fez esquecer a palavra  
 “estou cansada”.

Cansada talvez a lavadeira do rio Vermelho da minha cidade.  
 Talvez a mulher da roça de São Paulo, nem mesmo ela.  
 Nunca ouvi da lavadeira a expressão “estou cansada”.

Sim, seu medo: faltar a freguesa e trouxa de roupa para lavar e passar.  
 Suas constantes, quando na folga: “Graças a Deus!”  
 Seu dia começava com a aurora e continuava com a noite.  
 Tive trabalhadores e roçados. Plantei e colhi por suas mãos calosas.  
 Jamais ouvi de algum: “Estou cansado”.

Fagueiros pela tarde, corriam para o ribeirão.  
 Trocavam suas camisas e sentavam para jantar.  
 Sempre identificados com a lavoura, interessados,  
 preocupados com o tempo bom ou mau.  
 Acompanhavam o progresso das lavouras e a festa das colheitas.  
 Viam com prazer o paiol cheio e a tulha derramando,  
 embora não tivessem parte naqueles lucros.  
 Sentiam o bem-estar obscuro e desprendido  
 de todo “peão” que, trabalhando a dia, ajudados pelo tempo,  
 veem o lucro da colheita e a vantagem do patrão.

Ponha sempre nas mãos do trabalhador, mesmo fraco, uma ferramenta forte.  
 Observe o resultado. A boa ferramenta estimula o trabalhador.  
 O trabalhador sente-se forte e seu trabalho se faz leve e ele se esperta  
 e até mesmo canta, abrindo o eito, estimula os companheiros,  
 joga pilhéria, graceja e alegra seus parceiros.  
 Estas coisas lá longe,  
 nos reinos da cidade de Andradina (CORA CORALINA, 2001, p.49-50).

Questionados acerca do significado de literatura para suas vidas e sobre o reconhecimento da autobiografia no poema de Cora Coralina, eis algumas das respostas apresentadas pelas turmas:

Literatura é...o conjunto de obras literárias de reconhecido valor estético, pertencentes a um país, época, gênero etc...Sim, porque daí que ela tirou o dinheiro para o sustento em sua casa, para cuidar de seus filhos. Mesmo sendo uma poeta que não era aceita na época, conseguiu lidar com tudo isso, não dando importância para quem a criticava (...) (Aluno K, 3ºB, Atividade realizada em sala)<sup>8</sup>.

Literatura...é a técnica de compor e expor textos escritos em prosa ou em verso de acordo com os princípios teóricos e práticos...Sim, ela apesar de muitas dificuldades, conseguiu ultrapassar todos, em uma terra de preconceitos comandada pelos coronéis, em que as mulheres não podiam estudar ou estudavam muito pouco...(Aluna G, 3ºB, Atividade realizada em sala).

<sup>8</sup> Correções gramaticais foram realizadas, quando necessário, nas respostas apresentadas.

Literatura é uma forma de relatar conhecimentos através da poesia...Fica bem visível o quanto ela demonstra a força da mulher, sabedoria perante as dificuldades e a opressão sofrida na época...Lidar com o trabalho pesado por ser várias atividades em um só dia, e ao mesmo tempo se dedicar a poemas, livros e ter o título de poetisa na época, fica marcante como ela é uma mulher guerreira, que foi em busca de seus sonhos e ter os realizado (Aluno C, 3º C, Atividade realizada em sala).

Literatura é uma leitura de uma obra de um escritor famoso, pode ser um poema, leitura de livros mais complexos, contos infantis... por muito tempo, Cora Coralina foi vista como uma mulher “a toa” por ter se envolvido com um homem casado...ela encontrou forças nas pequenas coisas, na poesia, nos doces, para vencer os momentos difíceis ( Aluna D, 3º C, Atividade realizada em sala).

Apesar de conceitos primários apresentados pelos alunos, alguns dos quais com vocabulários que não lhe são próprios – “princípios teóricos e práticos”, “reconhecido valor estético”<sup>9</sup>, - subjaz, ainda que de forma tênue, a influência da mediação do professor durante as aulas, quando os alunos demonstram ter uma percepção de Cora a partir de sua luta, de sua história de vida, do sofrimento que teve enquanto pessoa humana.

Nas percepções iniciais, conforme já descrito, 61,53% dos alunos do 3º B revelaram não terem lido nada sobre Cora, enquanto esta realidade se mostrou em 33,33% dos números do 3º C, número este menor numa turma em que 90% dos alunos são da zona rural<sup>10</sup>. O destaque dado pela docente, após a feitura do questionário inicial, foi sobre a autobiografia e a história de vida de Cora Coralina. Tão logo, estes discentes dão enfoque justamente para as características historiográficas e culturais que envolvem a poetisa – sofrimento como mulher, superação de preconceitos, mulher guerreira, a vida numa cidade de coronéis etc., - para formar suas impressões a partir dos poemas lidos.

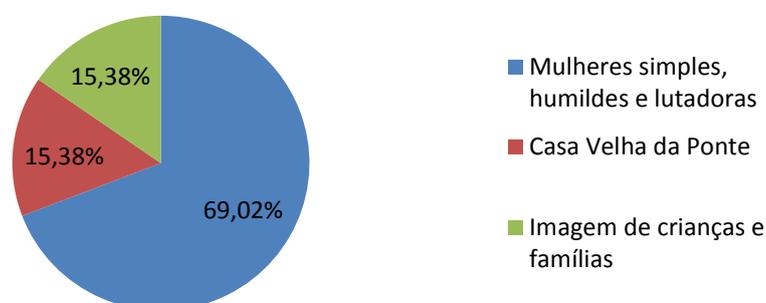
Para ressaltar esta assertiva, eis os números apresentados quando os alunos são levados a pensar nas imagens que vem à mente de cada um quando levados a trabalharem os poemas de Cora Coralina:

---

<sup>9</sup> Os alunos tinham acesso a celulares, internet e outros livros durante as aulas.

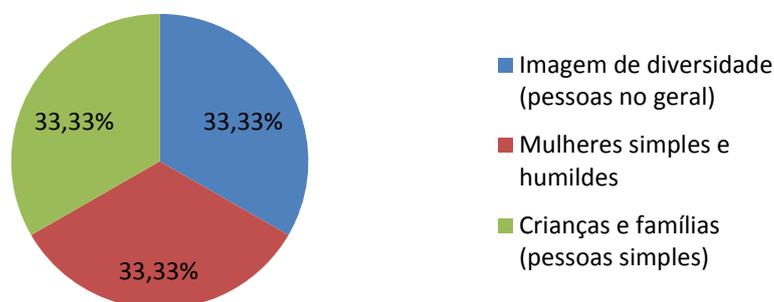
<sup>10</sup> Cumpre ressaltar que o número menor – 33,33% - dos alunos da zona rural (3ºC) – que ainda não tinha lido nada sobre Cora Coralina pode se mostrar estranho, inicialmente, em face dos alunos do 3º B, cujo índice de ausência de leitura é maior. No entanto, este pesquisador tem experiência de mais de 10 anos com ensino público municipal, tendo trabalhado em escolas do campo que, apesar das especificidades locais, ainda trabalham sob a perspectiva do Currículo de Referência do Estado de Goiás (2012) que nenhuma diferença estabelece entre a Educação do Campo e a Urbana em termos de prioridades de conteúdos para esta ou aquela realidade.

### Gráfico 13 – 3° B - Percepções imagéticas dos alunos a partir de Cora Coralina



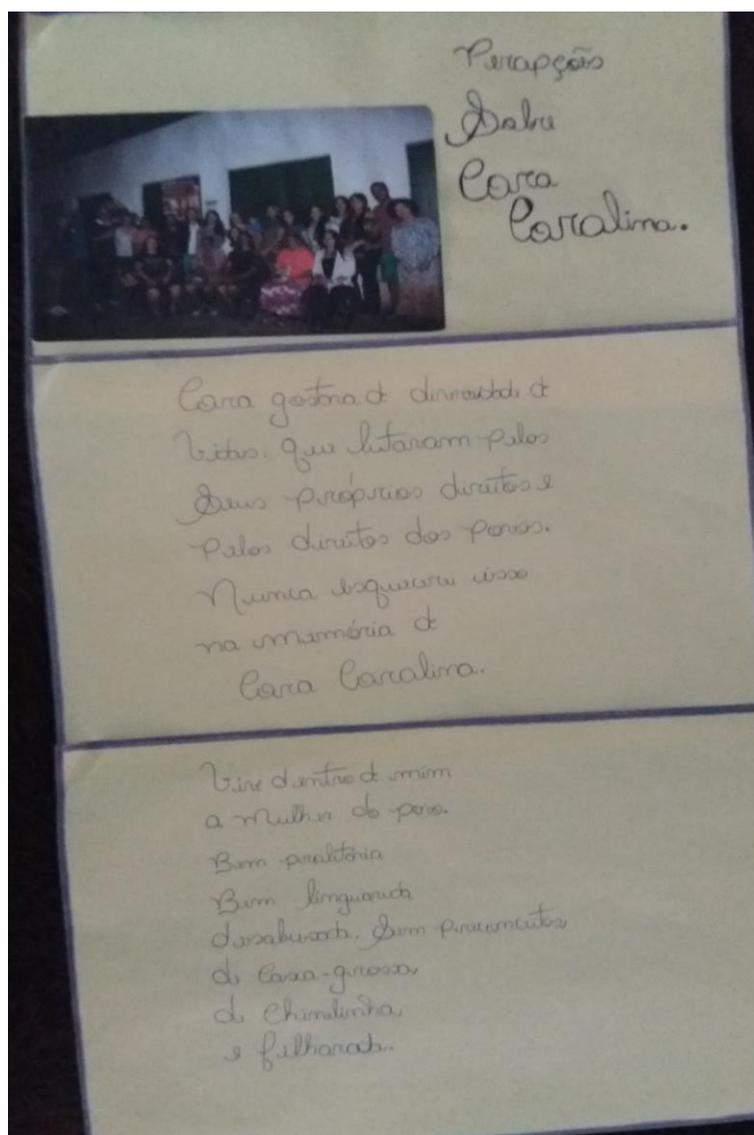
Fonte: Dados coletados em sala de aula, 2018

### Gráfico 14 – 3° C - Percepções imagéticas dos alunos a partir de Cora Coralina

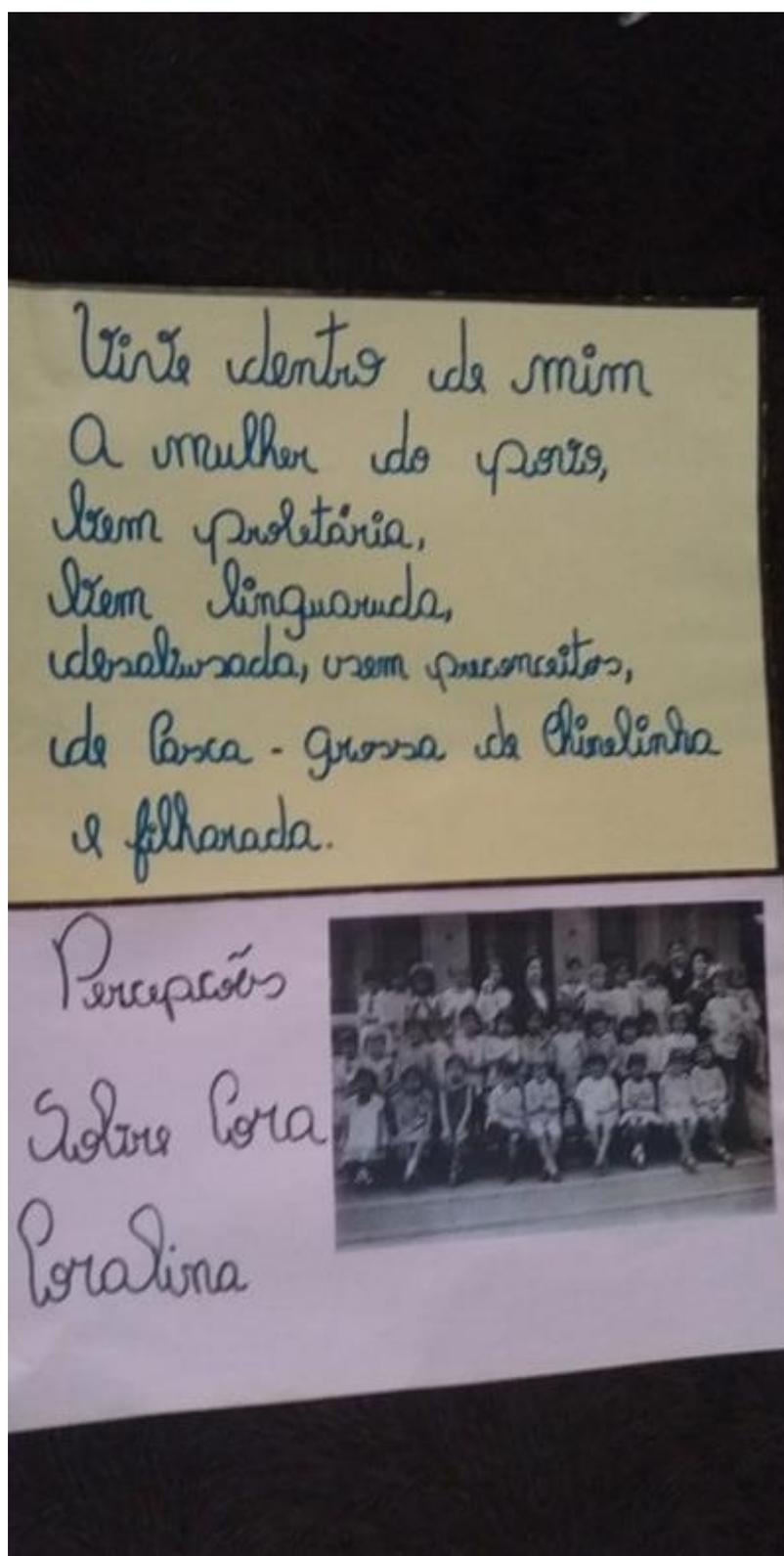


Fonte: Dados coletados em sala de aula, 2018

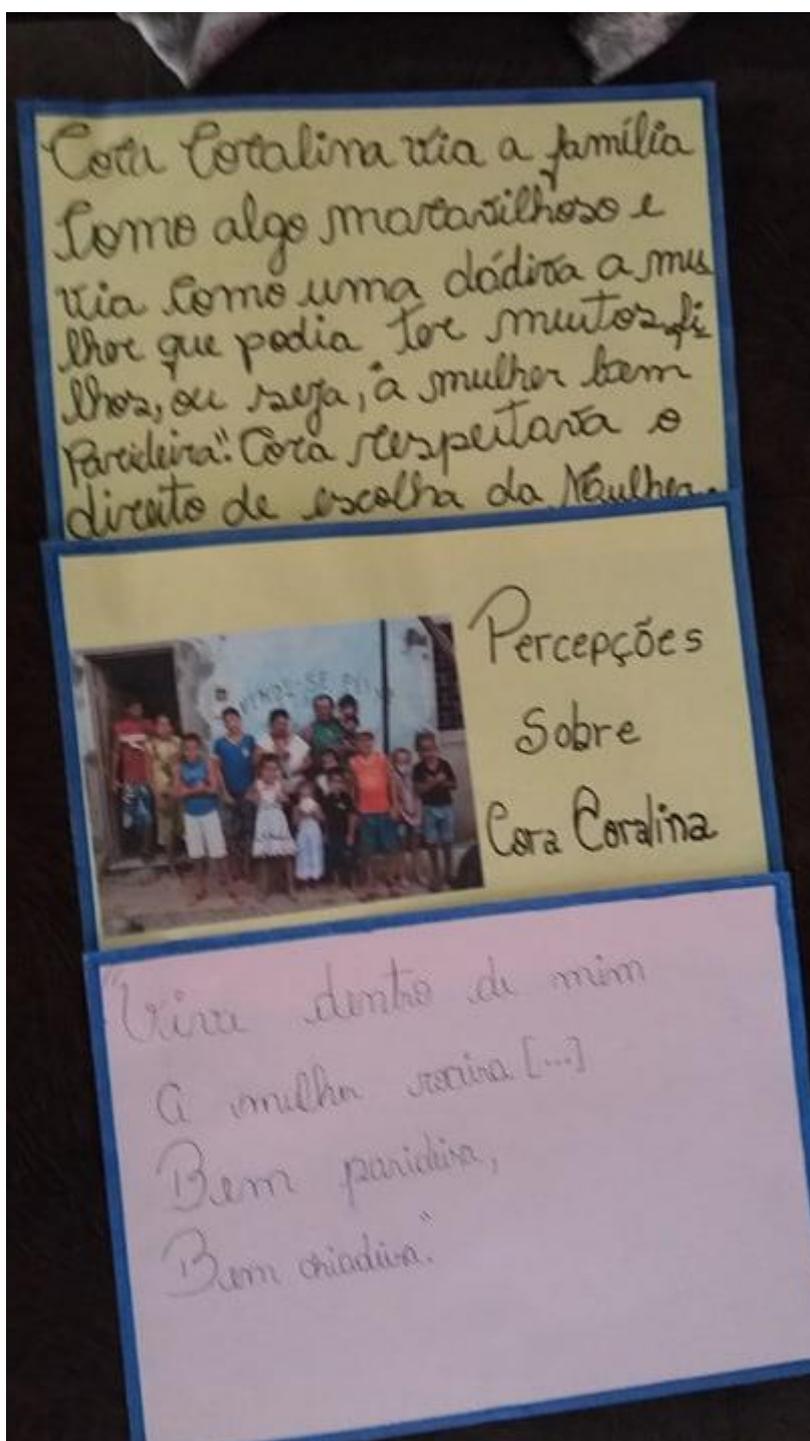
Estas percepções imagéticas se traduziram também em uma atividade em que os alunos deveriam, entre poesias e figuras recortadas, escolherem a melhor imagem e o melhor poema que representava a poetisa Cora Coralina. Como se pode observar, 69,02% dos alunos do 3ºB entendem que Cora é melhor representada na imagem de mulheres simples e humildes, ao passo que este número se apresenta em 33,33% no 3º C, que, por sua vez, e na mesma porcentagem (33,33%), vê Cora na diversidade de vidas e pessoas:



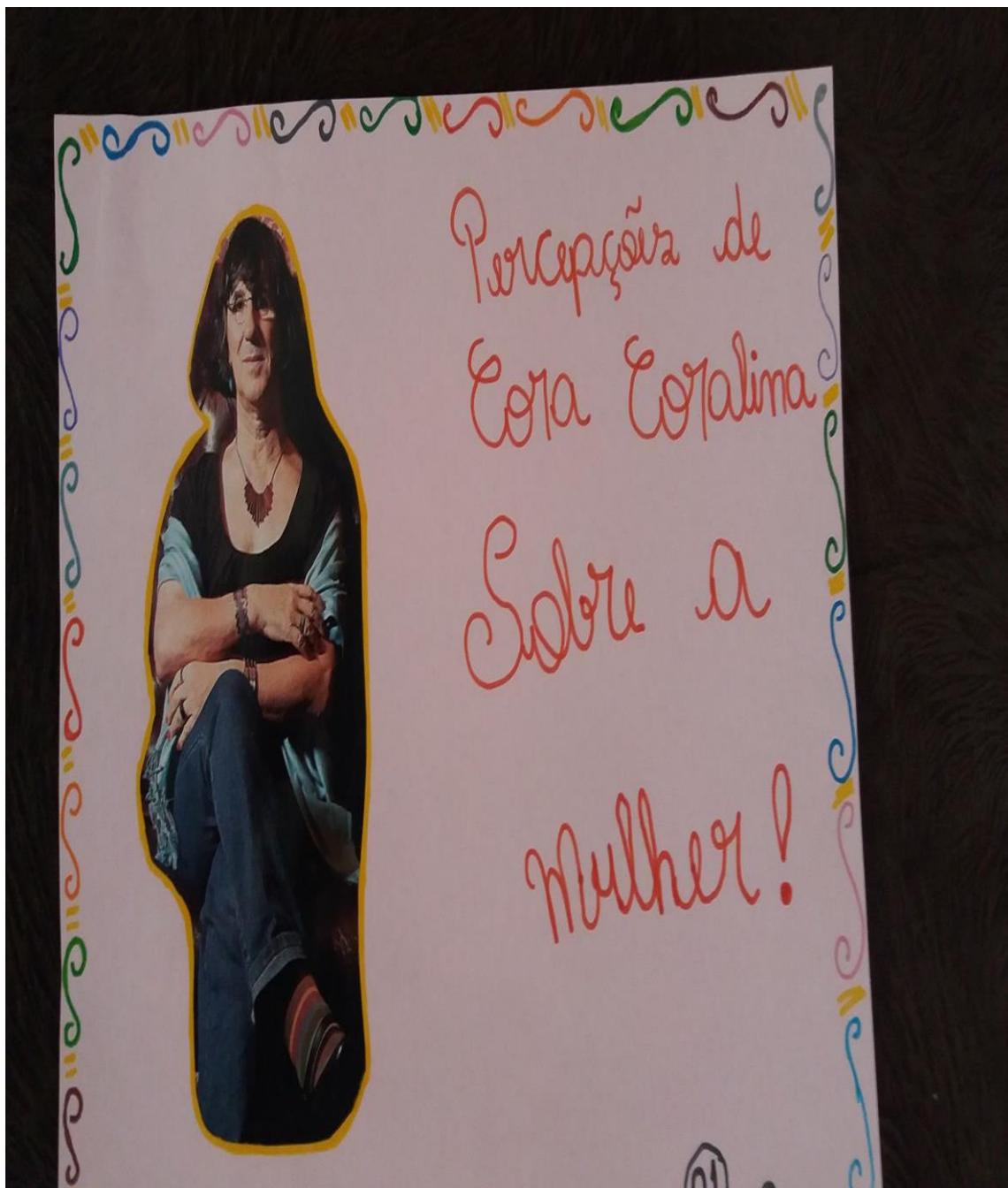
**Figura 01**– 3º C - Aluno C - Percepções sobre Cora Coralina:  
 Fragmento do poema “Todas as vidas”.



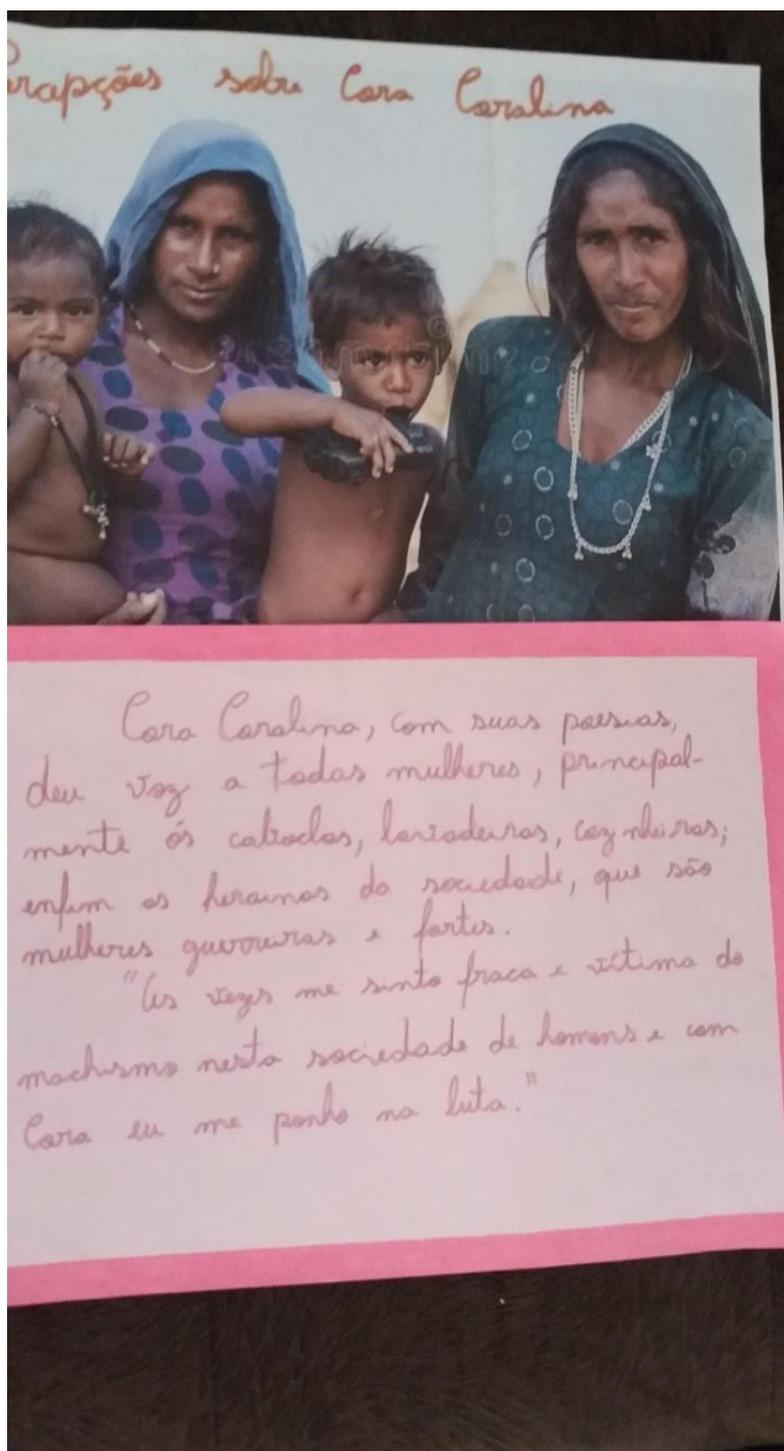
**Figura 02** – 3º B - Aluna G: Percepções sobre Cora Coralina: fragmento do poema “Todas as Vidas”.



**Figura 03** – 3º C - Aluna B – Percepções sobre Cora: fragmento do Poema “Todas as vidas”.



**Figura 05** – 3º B - Aluno J – Percepções sobre Cora Coralina: imagem sem associação a uma poesia



**Figura 06** – 3º C - Aluna D – Percepções sobre Cora Coralina: imagem de mulheres e crianças

Ainda que tenhamos identificado problemas em relação ao currículo e sua direção no que tange à exploração da poesia de Cora Coralina e a literatura goiana em nossas escolas locais, ao pouco interesse demonstrado pelos alunos sobre a vida, a obra e o legado coralineanos e a inexistência de um projeto de fomento à apreciação de poesia, sobretudo a poética local, é fato que o simples direcionamento da docente em suas aulas para

sequências didáticas que perscrutaram a poesia e a literatura de Cora Coralina trouxeram os alunos para o reconhecimento do preconceito social em torno dela enquanto mulher e esta capacidade que a poetisa tinha de se espelhar nas pessoas mais humildes da sociedade e ter na casa velha da ponte e na história de Goiás os elementos da sua arte poética.

Como salienta Yokozawa (2005), há uma infância melancólica da “menina feia da ponte da lapa” que precisa ser examinada para além dos limites da sua história, da sua autobiografia (falta do pai, a frieza da mãe, as dificuldades econômicas), num processo em que poesia e memória estão interligados, capaz de recriar histórias de vida de uma mulher e sua gente, histórias que são lembradas, recriadas e enriquecidas pela arte.

É óbvio que a poética coralineana é muito mais do que o contato do eu-lírico com os seres menosprezados da sociedade (BRITO, 2006; GOMES, 2004; DELGADO, 2003; VELASCO, 1990; YOKOZAWA, 2005; entre outros): há uma revisita freudiana da sua infância, o contato com um passado coletivo do século XIX – transição do Império para a República -, as relíquias de sua família e as histórias de sua bisavó, o contato com as casas, ruas de pedras da cidade de Goiás etc.

No entanto, a capacidade que a professora teve, desde o início de enfatizar a importância da leitura de Cora Coralina, mormente pelo que ela representa na condição de mulher à frente de seu tempo, trouxe aqueles alunos um apego a esta percepção da poetisa, traduzida em suas atividades, sendo que é o que lhe foi possível naqueles momentos, até então, únicos em suas aulas.

Eis a relevância do papel do professor como mediador da leitura e como impulsionador desta prática. Mendes (2008, p.146) pondera que o professor estará em contato com discentes, na condição de leitores “em formação, que deve(m) fazer emergir o significado da obra, pelo processo de extração do que esteja no texto expresso nas suas duas camadas que o formam [a profunda – o conteúdo a ser acessado pelo leitor – e a superficial – que recobre o conteúdo]”. O aluno, daí, fará suas inferências e leituras prévias mas cabe ao professor permitir e trazer esta oportunidade de interação.

Por outro norte, estudos perpetrados por Matos (1987) e Mendes (2008) salientam a necessidade de verificar as condições sociais, culturais e políticas que estão por trás do aluno que estabelecerá esta ou aquela leitura. Para os referidos autores, é preciso deixar de lado posturas impositivas e dar voz aos valores, aos interesses e as contradições que se emergem em um dado momento da nossa história. Ressalta-se a necessidade de uma cultura de leitura, uma vez que sua desvalorização impede a sociedade de manter e cultivar sua memória. O leitor, contudo, não pode ser formado, por imposição das leis ou através da

força. A cultura leitora é formada a partir das primeiras práticas e experiências com este ato na formação do aluno, desde suas experiências iniciais em sala de aula, trazendo para a escola a ideia da continuidade, da permanência de um projeto a longo prazo de incentivo à leitura.

Para aqueles momentos de vivenciamento da sua autonomia na condição de docente, a professora Kate olhou de certa forma para além dos muros da escola. Silva (2003), ao enfatizar seus estudos em Iser (1996), verifica que a escola não pode obter êxito na formação de seus leitores, quando resolve estabelecer que a leitura é uma atividade escolar cujo sentido só se satisfaz dentro da sala de aula. O contato do aluno, por exemplo, com a história e vida de Cora Coralina – o que não ocorreu com muitos que se quer conhecem o museu de fácil acesso ao público – dariam a eles conhecimentos mais substanciais para “ler o mundo dos textos e levar o mundo nos textos” (SILVA, 2003, p. 49)

Silva (2003) acentua também que, se por um lado a Internet é um instrumento relevante de divulgação do conhecimento, observa-se, na era da revolução tecnológica, uma realidade impregnada de massificação da cultura, o que vem a justificar o fato de muitos de nossos alunos não conseguirem realizar uma leitura crítica e reflexiva do mundo em que vivemos.

Nas exposições orais sobre a importância da leitura em Cora Coralina e das imagens que se formavam a partir da menção de sua arte, alguns alunos descreveram de forma escrita suas percepções:

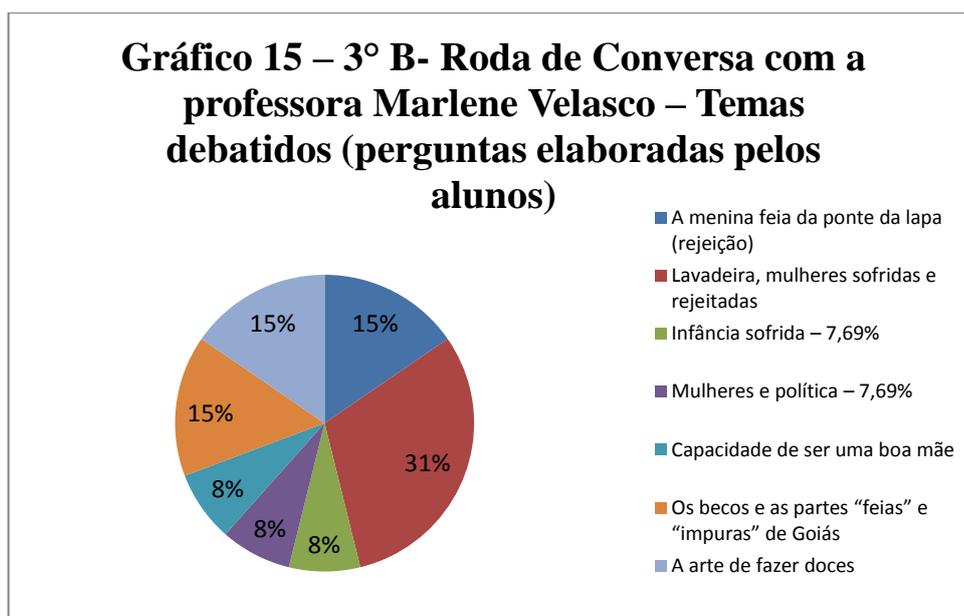
Cora Coralina era uma mulher a frente de seu século, muitos a julgaram por ela tentar ser uma pessoa livre dos preconceitos e costumes daquele tempo. Ela, com muito esforço, conseguiu criar seus filhos com o dinheiro dos doces que fazia e ficou conhecida como doceira e poetisa. Seus poemas ficaram conhecidos internacionalmente, mas fizeram sucesso mesmo depois da sua morte. Em seus poemas, ela falava de quando morou em São Paulo e Goiás Velho e de como ela era boa em fazer doces. É muito importante estudarmos sobre ela, pois foi uma grande mulher e uma das primeiras a publicar poesias, pois naquela época mulheres não podiam estudar; ela se tornou um patrimônio da nossa cidade e em diversos concursos públicos, aparecem suas obras. Ela foi uma mulher revolucionária que conseguiu ultrapassar todas as barreiras, apesar das dificuldades, ela não desistiu (Produção lida em sala, 3º B, Aluna G)

Mulher forte. Goiás velho, cidade histórica, que guarda relíquias de uma sociedade que marcou e trouxe conhecimentos para historiadores e turistas. Entre essas, está a vida da poetisa Cora Coralina, nascida na cidade de Goiás, em 20 de agosto de 1889. Cora Coralina se destacou por ser uma mulher forte e libertária, além do seu tempo, rompe padrões

escrevendo poemas, livros e os recita. Assim, contra o machismo da época e contrariando até mesmo seus familiares, por fugir dos rótulos, dos padrões machistas, ficou mal falada por toda a cidade. Tendo em vista sua importância para as escolas, por ser uma poeta que de certo modo, ao escrever suas obras, influencia a leitura de jovens e o interesse pela literatura, que mostra a importância da língua portuguesa. Considerada um diamante goiano, ela retrata em poemas e textos a cidade de Goiás, que a deixava encantada, pelas marcas históricas....A sua luta contra toda forma de opressão contra as mulheres ela as transformava em versos e parágrafos, assim se manifestava através das palavras que relatava a vida das mulheres goianas (Produção lida em sala, 3º B, Aluna G)

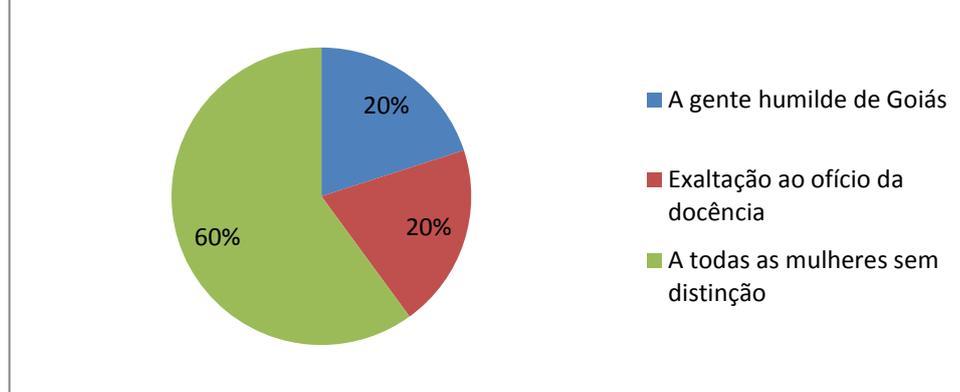
Mesmo com algumas afirmações genéricas e pouco expressivas, considera-se que as percepções dos alunos ganharam contornos mais contundentes do que o diagnóstico inicial, em que se verificou que a maioria dos discentes pesquisados tinham conhecimento insatisfatório sobre Cora Coralina e se quer tinham lido qualquer de suas poesias.

Ao estarem de frente com a professora Marlene Velasco, diretora do Museu de Cora Coralina, estes discentes estabeleceram com a mesma uma roda de conversa, em que debateram assuntos diversos envolvendo a poetisa em questão. Como tarefa de casa, a professora solicitou aos alunos que pesquisassem poesias de Cora e, munidos da sua leitura, fizessem perguntas à professora convidada. Estas atividades foram corrigidas pela professora que fez suas intervenções nos questionamentos feitos, antes de serem colocados em debate. Eis os temas discutidos:



Fonte: Dados coletados em sala de aula, 2018

**Gráfico 16 – 3º C - Roda de Conversa com a professora Marlene Velasco – Temas debatidos (perguntas elaboradas pelos alunos):**



Fonte: Dados coletados em sala de aula, 2018

Ao terem a oportunidade de pesquisar sobre Cora Coralina, “para além dos muros da escola” e utilizando a Internet a serviço de suas atividades leitoras, os alunos estenderam suas discussões e conhecimentos sobre a poetisa, mostrando uma maior variação na temática no 3º ano B, em que levaram questionamentos a professora Marlene sobre a “menina feia da ponte da lapa” (15%), a “lavadeira, as mulheres sofridas e rejeitadas de Goiás” (31%), a “infância sofrida” (7,69%), as “mulheres e a política” (7,69%), a “capacidade de ser uma boa mãe” (8%), “os becos e as partes feias de Goiás” (15%) e “a arte de fazer doces” (15%). O 3º C, que contou com a colaboração efetiva de 06 (seis) alunos, trouxe temas mais abrangentes como “a gente humilde de Goiás” (20%), “a exaltação ao ofício da docência (20%), a todas as mulheres sem distinção (60%).

Nesta oportunidade, alunos e docente já haviam, em outros momentos, se permitido a estabelecer, uma leitura e, porque não, uma releitura de Cora Coralina – haja vista as visões distorcidas partilhadas sobre ela em ambas as salas – considerando que a recepção do texto literário se dá em virtude da configuração do ato de ler, da valorização subjetiva de um tempo diferente, de uma história diferente da época em que estamos vivendo (JAUSS, 1994; ISER, 1996; ZAPPONE, 2004).

Marlene Velasco sugeriu, na Roda de Conversa em que participou, que as turmas assistissem, durante o diálogo, o documentário: “Cora Coralina: vida e obra (Fontes Documentais do Museu Casa de Cora Coralina)” (2010), criado a partir de um convênio entre o Museu da Casa de Cora e o Ministério da Cultura. No vídeo, partilhado com os

alunos, são expostos aspectos historiográficos da vida de Cora Coralina, com comentários de pessoas que a estudaram e a conheceram, entre algumas delas:

[...]Salma Saddi (ex-Diretora do IPHAN): Quando você começa a juntar uma doceira, com uma exímia cozinheira, uma poetisa brilhante, uma mulher, você está entendendo, que trabalhou no cabo da enxada, ela é uma fonte de inspiração, né, Cora foi a mulher que projetou Goiás para o mundo. Em qualquer lugar que você chega hoje, que as pessoas te perguntam, “-De onde você é?”, “-Eu sou de Goiás”, “-De Goiás, estado de Goiás?”, “Sou de Goiás Velho”, “Terra de Cora Coralina”, “É, a terra de Cora Coralina”.

[...]

Elza Martins (amiga pessoal de Cora): Olha, esse daqui foi o primeiro livro, ela foi lá em casa com ele, está aqui, “Elza e Miguel, para vocês bons e distantes amigos, vai este livro que é o meu livro, tão demorado. Dona Cora” (o livro era “Poema dos Becos de Goiás e histórias mais).

[...]

Vicência Bretas (filha de Cora): E ela então teve o quê? 02 (dois) anos só de escola primária, porque naquele tempo, não havia necessidade de muito estudo, as jovens eram criadas para aprender as coisas de casa, casar, ter filhos, cuidar dos senhores, do seu marido, como era designado, mas aquela curiosidade, de conhecer as coisas, de ler e absorvia...ela absorvia tudo que ela lia, ela guardava, ela aplicava, aquilo era sempre um estímulo, um estímulo, um estímulo, sempre a mais para ela ter conhecimento, para poder tocar a vida dela, com mais sabedoria. Ela dizia, “a escola nos dá o saber, a vida nos dá a sabedoria”.

[...]

Marlene Velasco (diretora da Casa de Cora): “Eu voltei para matar saudades e rever velhos amigos”, “Sozinha, os chamados das minhas raízes; o lado paterno é o lado nordestino, então tenho a força do Nordeste dentro de mim, como também a força da mulher goiana”. Então, ela falava isso com muito orgulho, das raízes dela.

[...]

Goiandira Ortiz (ex-Secretária de Cultura de Goiás): “Com sua volta em 1956, é...ela começou aqui um trabalho que eu julgo muito interessante, que foi restaurar um pouco da questão da transferência da capital, voltar a mostrar o nome da cidade, a importância da cidade no cenário estadual e depois no cenário nacional...ao mesmo tempo que ela faz isso, ela começa ao meu ver, uma outra atividade, que é fazer doces, e abriu aqui as portas da casa dela, para o turismo, para os visitantes, né, então, era a doceira, né, e ao mesmo tempo a poeta (Transcrição parcial do Documentário, 2010).

Foram partilhados com os alunos algumas leituras da obra e da vida de Cora Coralina, numa perspectiva diferenciada. Em ambas as turmas, os alunos já eram capazes de fazer inferências, conheciam, mediante exposições e estudos proporcionados pela docente Kate, fatos e características da vida da poetisa que ele vinham a enfatizar em seus questionamentos para a professora Marlene: a vida da mulher doceira e poeta, da mulher forte (mescla da descendência goiana e nordestina), a mulher que saiu de Goiás e voltou

após 45 anos, a mulher de luta, a mulher que “esteve além de um tempo” em que meninas eram ensinadas a tão somente estudar pouco, ou não estudar, a se casarem e terem filhos.



**Figura 07.** Cora Coralina no preparo de seus doces

Fonte: <https://nacozinhadahelo.com.br>



**Figura 08.** Interior do Museu de Cora Coralina (quarto)

Fonte: [museucoralina.com.br](http://museucoralina.com.br)

Conforme gráficos 15 e 16, os alunos foram capazes de estabelecer com a professora Marlene um diálogo acerca do material poético de Cora Coralina. Preocupados com as relações entre o leitor e a obra lida de Cora Coralina no construto de sua poesia –

mulheres, a casa velha da ponte, seres marginalizados, a cidade de Goiás etc. – os alunos demonstraram, conforme se vê nas estatísticas apresentadas, o quão relevante é a extensão de suas participações na condição de leitores, ao atribuírem significado ao efeito da leitura naquilo que afirmam enxergar em Cora e no legado que ela deixou. Na perspectiva de Iser (1996), estes leitores passam a ter um comportamento engendrado por hábitos baseados em suas experiências sociais e a possuir uma recepção mais emancipadora. Vejamos alguns dos questionamentos feitos pelas turmas, sempre baseados em excertos das poesias coralíneas:

**Aluna L:[...]Fragmentos de “Todas as vidas”**

Vive dentro de mim  
 uma cabocla velha  
 de mau-olhado,  
 acorçada ao pé do borralho,  
 olhando pra o fogo.  
 Benze quebranto.  
 Bota feitiço...  
 Ogum. Orixá.  
 Macumba, terreiro.  
 Ogã, pai-de-santo...  
 Vive dentro de mim  
 a mulher da vida.  
 Minha irmãzinha...  
 tão desprezada,  
 tão murmurada...  
 Fingindo alegre seu triste fado.  
 Todas as vidas dentro de mim:  
 Na minha vida –  
 a vida mera das obscuras.

Pergunta: Esses versos de Cora são um dos que mais me emocionam porque a poeta optou por acolher as mulheres mais “suja”, mais “mal vistas” pela sociedade dentro dela mesma. Mulheres sozinhas, abandonadas, que foram acolhidas pela doceira da casa velha da ponte. Como professora que a senhora é, o que isso ensina a nossas escolas, a nós alunos?

Professora Marlene Velasco: - Então, esse poema, ele mexe mesmo com as pessoas, você falar de um tema...é...obscuro, um tema proibido, uma prostituta, né...Naquela época, desde os tempos de Cristo, já existia. Todo mundo falava da Madalena, né, a prostituta que foi apedrejada, que Jesus acolheu. Então, quando Cora Coralina diz, “Mulher da vida...minha irmã...”, ela está pegando todo preconceito, toda esta maldade que há nas mulheres, não só as prostitutas, mas as mulheres trabalhadoras, a mulher da roça, a mulher que tem filharada, a lavadeira, então, ela traz para si todas essas mulheres que não tiveram condições, que não tiveram voz...o que acontecia naquela época, o que acontecia, uma menina de 12, 14 anos que “se perdia”, o que que a mãe, a família fazia? Jogava nos becos, nos becos mal afamados, as meninas eram jogadas, é como se fossem objetos...ela desonrou a família...ela não é nada...então, isso nos ensina

muito, sobre preconceito, sobre a cultura daquela época...e como isso pode nos ajudar hoje a superar as diversas formas de preconceito[...] (3º B, Roda de Conversa).

A grande preferência do alunado por temas ligados ao preconceito contra a mulher e aos seres oprimidos pela sociedade se deve também pelas leituras que estes discentes fazem do espaço em que vivem, como se pode observar nos estudos feitos em Chauí (1995), Crespi (1997), Laraia (1986) e Woodward (2007). Esses alunos, em sua grande parte filhos de trabalhadores e pertencentes a classe média baixa, observam em seus campos sociais a opressão de direitos das minorias, as dificuldades financeiras, os tabus que ainda envolvem a mulher e suas conquistas, a falta de valorização de diversos tipos de trabalhos bem como a falta de emprego, o apedrejamento daqueles que pensam de forma diferente e outras situações que fazem parte das relações humanas. A literatura, neste caso, dá aos discentes a possibilidade de se verem representados naquelas vozes que ousaram ecoar mais alto e passam a perceber e a comparar os diversos posicionamentos do homem, do indivíduo social, conforme a história, o momento sociocultural e os costumes. A insistência do tema da discriminação, como propulsor do debate, evidencia que vivemos em um momento diferente da história, com personagens diferentes, porém que ainda patenteia a discriminação de indivíduos historicamente marcados pela luta contra a segregação:

**Aluno C:**[...]Becos de Goiás  
Mulher-dama. Mulheres da vida,  
perdidas,  
começavam em boas casas, depois,  
baixavam pra o beco.  
Queriam alegria. Faziam bailaricos.  
- Baile Sifilítico - era ele assim chamado.  
O delegado-chefe de Polícia - brabeza -  
dava em cima...  
Mandava sem dó, na peia.  
No dia seguinte, coitadas,  
cabeça raspada a navalha,  
obrigadas a capinar o Largo do Chafariz,  
na frente da Cadeia.

Pergunta: Insistimos no tema das mulheres perdidas. Houve tempos que as prostitutas eram separadas, moravam em bairros e becos de Goiás, e não se misturavam. Qual é o sentimento que passa pelo seu coração ao ver pessoas dizerem que Cora era prostituta e por que a senhora acha que ela as acolhia tanto?

**Marlene:** ...Cora, quando ela diz, quando ela escreveu estes poemas, foi para o Ano Internacional da Mulher...ao invés de ela exaltar as mulheres chiques, as mulheres poderosas, né, do país, ela foi falar daquela que é espezinhada, daquela que é maltratada...como ela diz, “mulher da zona”, “mulher da rua”, “mulher perdida”...ao invés de acolher estas mulheres, as famílias as expulsavam. Então,

Cora traz para si, para sua literatura, para a sua vida, a história destas mulheres, que são consideradas à margem da sociedade (...) (3º C, Roda de Conversa).

O tema da mulher e suas diversas representações na sociedade - especialmente as mulheres mais sofridas e rejeitadas – foi o mais abordado nesta roda de conversa, sendo que no 3º C, a mulher e sua condição geral apareceu em 60% das perguntas direcionadas. Como o alunado passou a ter os esclarecimentos, desde as primeiras aulas sobre a poesia e vida de Cora Coralina, sobre sua história, luta e a presença de sua literatura na identidade de Goiás, abriu-se a possibilidade de rompimento de uma visão redutora e segmentada de uma mulher poetisa, a partir da discussão de temas culturais e sociais relevantes, capazes de integrar homens e mulheres no seu espaço e no seu tempo.

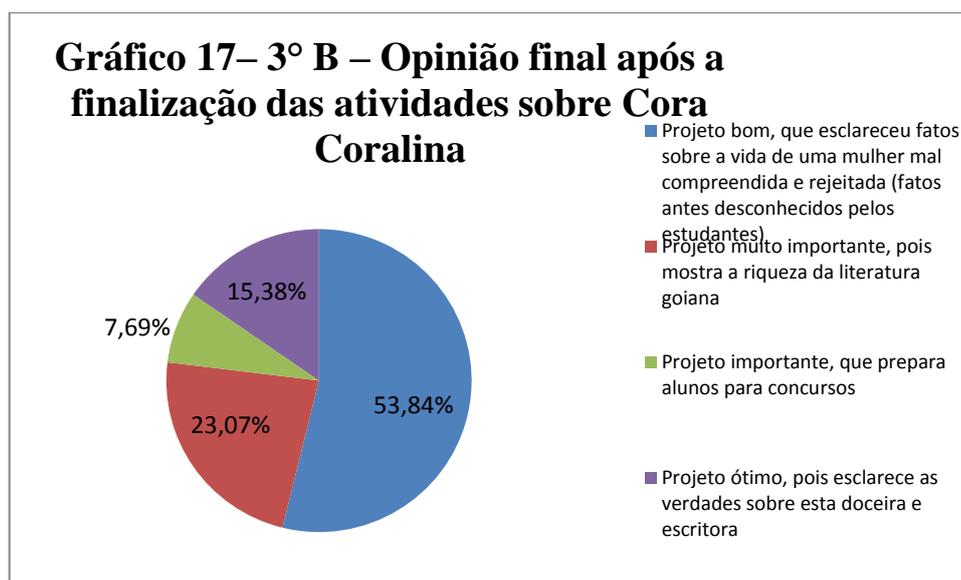
A estes alunos, foi oportunizada uma prática pedagógica sem centralização no professor, num processo de integração e interação entre os pares, em busca do engajamento em práticas sociais a partir das histórias de vida dos outros e deles mesmos: pela leitura literária, os alunos construíram sentidos na prática discursiva, o que lhes permitem agir e atuar de forma transformadora no meio social, político e cultural.

A professora Marlene Velasco obtempera, em seu questionário final, em sua avaliação da Rodas de Conversas, que elas foram positivas, porém enfatiza que não pode tratar-se de atividades isoladas:

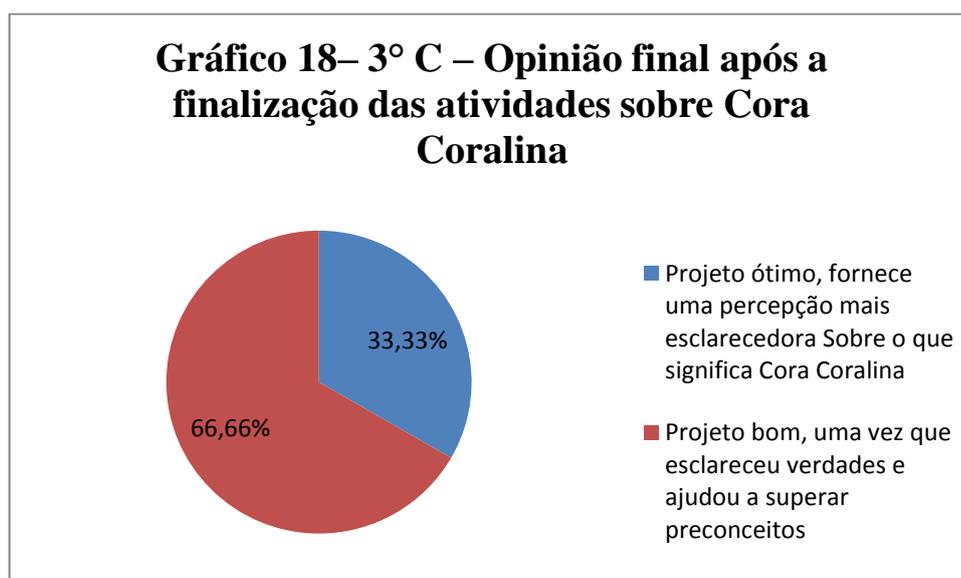
[...]Acredito que o envolvimento das escolas públicas e particulares com a poesia de Cora Coralina é uma ação louvável, considerando que a poetisa nasceu nesta cidade, passou sua infância, adolescência e idade adulta aqui. Viveu 45 anos fora de Goiás e retornou às suas raízes em 1956. A sua obra tem como tema central a própria cidade natal e estudar nas escolas os seus poemas, é permitir que os alunos aprendam a amar e respeitar a sua terra. Hoje Cora Coralina é lida e reconhecida nacional e internacionalmente...Aponto como ponto positivo, a oportunidade que a escola... deu aos alunos de conhecer a vida e a obra da poetisa; despertando o interesse (nem que seja um aluno em aprofundar mais sobre o tema)...Ponto Negativo: Talvez por terem pouco contato com a poesia, torna-se difícil atrair a atenção de toda a classe para esse tema, mas à medida que ação for desenvolvida, o interesse será maior...Cora Coralina acreditava nos valores humanos, valorizava a juventude e sabia que a sua obra seria entendida pela geração que ainda haveria de vir, assim acredito que a sua poesia possa abranger mais jovens e possibilitar uma visão de mundo; Criar o hábito de leitura e como sugestão, uma vez por semana, 15 minutos ler poesia de autores goianos em sala de aula. Convidar escritores para apresentarem suas obras, semestralmente. Painéis de poesia nos corredores, varal de poesia, vídeos com declamadores, visitas ao Museu e outros meios que possam despertar o gosto pela leitura. (Questionário aberto final – Marlene Velasco).

Ainda que o projeto tenha mostrado diversas facetas positivas, é inquestionável que a ausência de um projeto de incentivo à leitura literária e, neste caso, de apreciação à poesia de Cora Coralina, cria em alguns alunos efeitos indesejáveis como a falta de interesse pelo tema proposto ou mesmo indiferenças.

Porém, o desafio e a proposta da docente, que se diferenciou do habitual, dando vazão a sua autonomia em sala de aula, fizeram os alunos a perceber os contributos daquelas atividades:



Fonte: Dados coletados em sala de aula, 2018



Fonte: Dados coletados em sala de aula, 2018

Com 53,84% da turma do 3º B e 66,66% da turma do 3º C conscientes de que a poesia de Cora ajuda a superar preconceitos e a conhecer melhor fatos até então obscuros e incertos sobre a vida da poetisa, temos, conforme declina Velasco (1990), que todos os elementos que fazem parte do objeto da sua poesia dialogam com traços e histórias da vida das pessoas e todo este material, ao ser apreciado e lido, têm presença no processo de reconstrução da memória de Cora Coralina. A leitura e a recepção de sua poesia dão densidade e intensidade à verossimilhança dos seus versos, em que a palavra, sua matéria-prima, busca manter uma relação de confluência e dependência da realidade humana, o que leva o apreciador da sua arte a integrar uma coletividade, ciente das limitações, das incertezas e contrariedades de um povo, de uma cultura, de um tempo e um espaço próprio e peculiar.

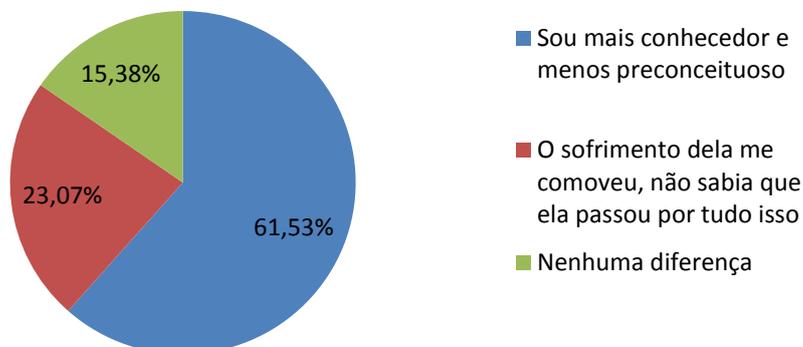
Não obstante saibamos que Cora tenha diversos outros objetos de composição da sua poesia – diferentes escolhas sógnicas –, o que marca estas turmas, devido a programação e o tempo das sequências didáticas, conforme se vê nos quadros acima, é a temática que tem como cerne a discriminação das minorias, da mulher, o que representa um ganho para uma escola que até então – pelo que se buscou com a pesquisa – ainda não tinha se permitido a construir um planejamento pautado na continuidade da leitura e interpretação dos textos de Cora Coralina. Eles observam:

Sim, mudei meu modo de pensar sobre Cora Coralina, afinal de contas eu não a conheci, e depois deste trabalho, pude mudar completamente meu conceito sobre a vida de Cora Coralina, como por exemplo, vi que muitos da sociedade a via como uma “prostituta”. Ela não era isso, era uma mulher guerreira, e as aulas me mostraram que a vida pessoal dela também não me diz respeito (Aluna C – 3º C – Questionário Aberto final).

Vejo como uma oportunidade de nós ampliarmos nossos conhecimentos sobre poesia, pois não temos um ensino que seja de poesia, ou seja, é um ensino em que o tratamento de Cora Coralina não é tão lembrado. Ela é pouco lembrada nas escolas e isso é ruim, uma vez que faz parte da história e do povo goiano (Aluno M, 3º B – Questionário Aberto Final).

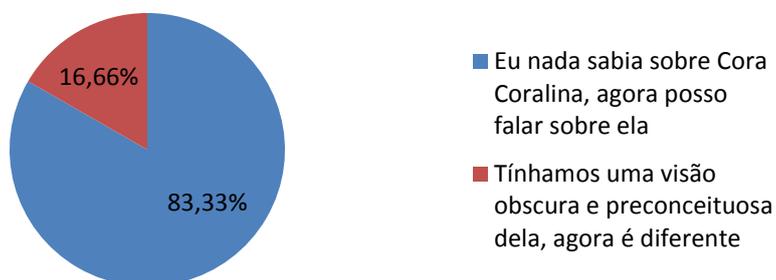
A mudança de conceitos e as possibilidades de leitura em Cora bem como informações sobre sua vida, sua obra e esclarecimentos sobre sua jornada e a importância de sua literatura se mostram nos números quando os alunos são questionados sobre o que sabem sobre a poetisa em comparação com o passado:

**Gráfico 19 – 3º B- Diferenças percebidas entre as aulas antes e depois do projeto**



Fonte: Dados coletados em sala de aula, 2018

**Gráfico 20 – 3º C - Diferenças percebidas entre as aulas antes e depois do projeto**



Fonte: Dados coletados em sala de aula, 2018

Numa época em que o leitor atual é “um leitor de signos visuais, e a própria literatura já compartilha textos em que a letra e imagem se instituem como parte da significação textual” (MENDES, 2008, p. 119), estes alunos se viram por um momento, distantes de uma realidade virtual que lhes perseguem – jogos de Internet, conversas informais de *whatsaap* e *facebook* etc. – e tiveram contato com as escritas de uma poetisa, cuja época de atuação tentou, sem sucesso, a limitar, tendo em vista as práticas arcaicas daquele tempo.

Conforme demonstra a docente Kate, há um longo caminho a ser trilhado:

[...]Eu achei que o desenvolvimento deste projeto foi bem positivo nas duas turmas: duas realidades distintas – campo e cidade – porém, estes alunos de hoje se aproximam muito, porque os alunos do campo têm tudo

praticamente que o da cidade tem. Meu planejamento estava, sim, engessado por causa do currículo, e minha ousadia com estas sequências didáticas me deu um novo estímulo, sobretudo quando vi que os alunos se interessaram tanto por temas de empoderamento, de preconceito que Cora vivia, uma vez que são temas também muito atuais. Mas eu vejo que alguns alunos foram indiferentes nas respostas, alguns não perceberam mudança nenhuma, o que me deixa muito triste. Mas não se pode agradar a todos. Porém, o que mais me chama a atenção, e falei isso antes, é a daqui para frente: acho que não dá para ter apenas estas experiências e esperar que um pesquisador “caia de paraquedas” na escola, com estas propostas. É preciso que haja uma continuidade, uma valorização da leitura de literatura goiana, na escola, e mesmo um projeto de valorização da leitura literária. Sei que nossos alunos, no geral, gostaram, mas sou realista: ainda há dificuldades com a leitura, com o gosto pela leitura, e como a professora Marlene disse, a escola tem que se abrir, como um espaço de práticas contínuas de apresentação de versos, declamação de poesias, varais poéticos etc. Vimos que práticas como estas precisam ser o ano todo estimuladas e não feitas uma vez só. (Questionário aberto final, Professora Kate).

Para a recepção da poesia e da leitura literária na escola, esta precisa se reinventar, na sua prática pedagógica. Mas, mais do que isso: se permitir reinventar: o ato de ler na escola deve estar vinculado à descoberta de novas realidades, de novos mundos e olhares e, também, de mudanças de conceitos e opiniões sobre os diversos temas que circundam nossas vidas.

Se naqueles momentos proporcionados pela professora Kate em suas salas de aula, os alunos se identificaram mais com temas vinculados aos diversos tipos de segregação que muitos de nós estamos sujeitos em sociedade, é porque foram capazes de vincular o objeto da literatura com a realidade social na qual estão inseridos. É neste processo que o professor deve agir como mediador entre discentes e texto, trabalhando leituras e atividades que suscitam a compreensão do texto por intermédio dos conhecimentos que o aluno tem do espaço em que vive, das pessoas, do mundo e das suas necessidades (BORDINI; AGUIAR, 1993; BENDER, 2006; JAUSS, 1994).

Entendemos que só assim o aluno possa ter apreço pela literatura e, como debatemos aqui, pela escrita coralineana, reconhecendo neste discurso, possibilidades diversas de inserção social, de transformação de condutas, mudanças de hábitos, aquisição de novos valores e de reconhecimento da cultura local como parte das nossas identidades.

## À GUIA DE CONCLUSÃO: UM CAMINHO PARA A LEITURA LITERÁRIA?

### *EXALTAÇÃO DE ANINHA (O PROFESSOR)*

*Professor, sois o sal da terra e a luz do mundo  
Sem vós tudo seria baço e a terra escura.  
Professor, faze de tua cadeira,  
a cátedra de um mestre.  
Se souberes elevar teu magistério,  
ele te elevará à magnificência.  
Tu és um jovem, sê, com o tempo e competência,  
um excelente mestre.  
Meu jovem Professor, quem mais ensina e quem mais  
aprende?  
O professor ou o aluno?  
De quem maior responsabilidade na classe,  
do professor ou do aluno?  
Professor, sê um mestre. Há uma diferença sutil  
entre este e aquele.  
Este leciona e vai prestes a outros afazeres.  
Aquele mestreia e ajuda seus discípulos.  
O professor tem uma tabela a que se apega.  
O mestre excede a qualquer tabela e é sempre um mestre.  
Feliz é o professor que aprende ensinando.  
A criatura humana pode ter qualidades e faculdades.  
Podemos aperfeiçoar as duas.  
A mais importante faculdade de quem ensina  
é a sua ascendência sobre a classe  
Ascendência é uma irradiação magnética, dominadora  
que se impõe sem palavras ou gestos,  
sem criar atritos, ordem e aproveitamento.  
É uma força sensível que emana da personalidade  
e a faz querida e respeitada, aceita.  
Pode ser consciente, pode ser desenvolvida na escola,  
no lar, no trabalho e na sociedade.  
Um poder condutor sobre o auditório, filhos, dependentes,  
alunos.  
É tranquila e atuante. É um alto comando obscuro  
e sempre presente. É a marca dos líderes.  
A estrada da vida é uma reta marcada de encruzilhadas.  
Caminhos certos e errados, encontros e desencontros  
do começo ao fim.  
Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que  
ensina.  
O melhor professor nem sempre é o de mais saber,  
é sim aquele que, modesto, tem a faculdade de transferir  
e manter o respeito e a disciplina da classe....*

***Cora Coralina***

Esta seção está subdividida em cinco partes integrantes. Procuramos, primeiramente, tecer as respostas às perguntas que esta pesquisa fomentou. Adiante, expomos alguns

contributos deste estudo no que tange ao ensino e recepção de poesia na escola. Num terceiro momento, realizamos algumas considerações acerca das limitações que este estudo apresentou. Logo após, salientamos alguns tópicos que possam despertar interesse em outros pesquisadores e que reputamos relevantes para esta linha de pesquisa. Por último, desenvolvemos as nossas considerações finais.

### **Respostas às perguntas de pesquisa**

Conforme apresentado na introdução, esta investigação teve como objetivos específicos:

- Identificar as formas como os indivíduos se posicionam acerca do discurso poético coralineano, nas suas múltiplas representações;
- Investigar o contexto de circulação da poesia de Cora Coralina, no interior do espaço escolar;
- Discutir o papel do mediador de poesia no espaço escolar.

Com o fito de atingir estes objetivos, aduzimos as seguintes perguntas de pesquisa, com as respostas que se seguem:

- **Como os indivíduos se posicionam acerca do discurso poético coralineano, nas suas múltiplas representações?**

O desenvolvimento das sequências didáticas sobre a poesia de Cora Coralina nas salas de aula investigadas demonstraram, na perspectiva dos estudos perpetrados por Alliende e Condemarín (2005), que a referida prática só é válida e significativa na vida do aluno, se houver uma estrita vinculação dos aspectos culturais e sociais do aluno à obra lida. O discente precisa sentir-se parte do contexto do que está sendo lido e perceber que ali, sob o viés da representação e da verossimilhança, o autor está produzindo uma arte que leva-nos a refletir sobre os conflitos pessoais, as dificuldades humanas e os problemas que convivemos diariamente na sociedade na qual estamos inseridos. Através das obras

literárias, o aluno, sob o manto da mediação do docente, consegue se aproximar de uma evocação enorme de imaginários que dão forma às problemáticas, à cultura e ao modo de interpretar a vida, em um determinado tempo da história.

O posicionamento do aluno em torno da poesia de Cora conduziu-o a uma melhor compreensão das mazelas sociais da cidade de Goiás na transição do Império para a República e o fez entender os preconceitos que rodeiam a imagem da poetisa, tão segredada em um tempo onde as mulheres não tinham voz na sociedade.

A pesquisa demonstrou, com robustez de informações e conhecimentos partilhados, que Cora Coralina e todo o legado de sua poesia, não são devidamente socializados na cidade que tem seu nome como referência de vida, de história e do turismo local. As escolas, como foi observado, se programam, em termos de planejamento, para seguir normas rígidas e pouco flexíveis da Secretaria de Educação, com a confecção de um currículo pouco atento às necessidades e às especificidades de uma população, de uma cidade, que tem sua história e sua forma peculiar e diferenciada de enxergar o mundo e os problemas que lhe são afetos.

A partir do contato do discente com o imaginário de Cora Coralina, seu construto poético e seus ensinamentos, o aluno passa a usar os meandros da sua imaginação e começa a relacionar o ato da leitura com os “indícios textuais” (ISNER, 1996; SILVA, 2003), ou seja, as experiências leitoras da poesia de Cora Coralina, o processo de recepção de sua escrita, mediante o trabalho de mediação da professora, fez que com estes leitores dialogassem com o texto e, conseqüentemente, tivessem conhecimento de seus traços biográficos, suas limitações, suas dificuldades e o modo como ela enfrentou as vicissitudes daquele tempo. Conforme apontado por Siqueira (2016), o fato de haver um pacto autobiográfico no conjunto da obra de Cora Coralina, representado pela ideia de que a experiência narrada foi de fato vivida pela poetisa, atrai o leitor para as malhas do texto, fazendo com que o mesmo acompanhe o processo de formação vivido pela personagem Aninha. E mais do que isso: o discente traz esta discussão para a sua realidade local e ele é conduzido a participar de forma crítica e ativa das práticas sociais que lhe são peculiares.

Num contexto em que a grande maioria dos alunos não sabiam informações básicas da vida e obra de Cora Coralina, da mesma forma em que se posicionavam de modo indiferente quanto ao seu legado, é fato que, muito embora tenha sido um projeto isolado e com poucas aulas para a sua aplicação, as atividades sobre a poetisa em comento despertaram posições mais minuciosas e críticas em torno de sua escrita literária. Os alunos, em face dos debates que trouxeram temáticas sociais, culturais e humanas, tiveram espaço

para dialogar sobre os direitos da mulher, as dificuldades do homem numa sociedade de classes e a intensa exclusão das minorias.

Ainda que a pesquisa tenha sido indiferente para alguns alunos, vê-los debater sobre igualdade e dignidade humana, a partir da poesia de Cora Coralina, evidenciou que a leitura literária tem como um caminho bem-sucedido, a utilização da contextualização dos elementos que integram a leitura à práticas que instigam diálogos e reflexões pautadas numa maior integração do indivíduo humano na sociedade em que vive.

- **Qual e como é o contexto de circulação da poesia de Cora Coralina no interior do espaço escolar?**

A circulação da poesia de Cora Coralina no interior do espaço escolar é algo parco e, muitas vezes, descontextualizado. Não há um projeto permanente do uso e estudo da poesia de Cora Coralina no interior da unidade escolar, o que justifica, em grande parte, o desconhecimento dos alunos sobre aspectos mezinhos da sua vida, sua obra e sua memória.

As percepções iniciais, em sede de diagnóstico prévio com os alunos, através dos questionários iniciais, destacaram que a escola de ensino médio demonstra, pelo menos de forma mais explícita, uma preocupação com os números do ENEM, com o conhecimento do aluno acerca das escolas literárias, sem em nenhum momento vincular, ou tentar vincular estas exigências, com as especificidades dos nossos alunos, que vivem em Goiás e revelam, nos dados, num percentual preocupante, não conhecer Cora, não conhecer seu museu, não ter interesse pela sua poesia, pela sua história e pelas reflexões que sua escrita nos convida.

Em nenhum momento, e impende salientar isso, imputamos à escola investigada a culpa por esta realidade. A escola investigada é organizada e procura atender os professores nas orientações advindas dos setores competentes da Secretaria de Educação, que tem no Currículo de Referência (GOIÁS, 2014), sua base primordial para o planejamento das atividades inerentes às disciplinas do núcleo comum e da parte diversificada: há pouco ou nenhum espaço para que o professor exerça, de modo independente, sua autonomia, sobretudo quando ele verifica que a realidade ali vivenciada aproveita de forma parca os conhecimentos que o Currículo exige.

Num país de 204 (duzentos e quatro) milhões de habitantes, sendo o 5º maior país em extensão, a escola não pode exigir que os conhecimentos sejam partilhados em sala de

aula, sem que, através da prática da leitura, seja oportunizado ao aluno a debater e a refletir sobre suas particularidades e experiências individuais, bem como sobre suas limitações culturais e sociais. Em nenhuma cidade brasileira, exceto a cidade de Goiás, há o Museu de Cora Coralina, na antiga casa velha da ponte; nenhuma cidade guarda, sob o espeque da memória, tantas histórias e traços da vida desta escritora: portanto, permanece ainda estranho e obscuro a razão pela qual não há, em nossas unidades escolares vilaboenses, a circulação livre e necessária de sua poesia, a ponto de fazer refletir, de forma mais profunda, sobre os caminhos da leitura literária na sala de aula. Faltam-nos políticas públicas que concatenem ações que propiciem aos alunos mais contato com o Museu em referência, com a leitura e a história de Cora Coralina e, conseqüentemente, projetos que levem nossas escolas a compreender a cultura local como algo primordial na construção da identidade do discente.

- **Qual é o papel do mediador de poesia na escola?**

Os estudos aqui realizados em Chartier (1996), Jauss (1994) e Iser (1996) bem como em pesquisadores que se inspiraram nestes autores, a saber Mendes (2008), Silva (2003), entre outros, corroboram a assertiva da relevância do professor-mediador de poesia na escola, uma vez que ele que traz, para dentro da sala de aula, o potencial de motivação dos discentes no sentido de criar um espaço que dialoga com os textos e de perceber os componentes afetivos e sociais que estão por trás do ato de ler.

A leitura não pode ser desvinculada da realidade do aluno: no caso da professora Kate, ela levou leituras para a sala de aula que exploraram aspectos do conhecimento prévio e da realidade local, e fez com que o aluno pudesse perceber questões universais – dignidade humana, respeito, a necessidade de superação da segregação entre as pessoas em razão de sexo, gênero ou sistema de classes, etc. – a partir de experiências locais, que estão “escritas e vivenciadas”, nas “ruas de pedras, nos becos mal afamados, na casa velha da ponte, nas casas que cochicham umas com as outras”.

O papel da mediação neste processo foi fundamental: se num primeiro momento, os alunos associavam a imagem de Cora aos preconceitos que ainda persistem sobre ela, quando não sabiam se posicionar em nada sobre sua poesia, por falta de leitura e conhecimento, ao final do estudo, eles já eram capazes de deduzir informações a partir dos indícios dados pelas poesias, relacionavam as temáticas dos versos coralineanos aos problemas e dificuldades, tanto daquela época, quanto ao momento presente, reconheciam

suas limitações no que se refere ao pouco conhecimento sobre a autora, algo que resultava na obtenção de uma visão reducionista de sua imagem na cidade de Goiás e se destacaram pelas discussões acerca dos direitos das mulheres, comparando ações de épocas diferentes, mostrando criticidade sobre determinadas práticas que ferem os direitos humanos e trazendo a literatura para a vida do dia a dia, do cotidiano das pessoas, para a representação da nossa realidade. As poesias de Cora foram escritas no século XX, com sua primeira publicação em 1965, porém podem ser usadas em qualquer momento histórico para pensar e criticar as ações do homem em relação ao mundo em que vive e a forma de tratar os seus semelhantes.

Mendes (2008) em diálogo com Chartier (2002) pondera que este autor chamou a atenção, em seus estudos, para o fato de que a comprovação da existência do leitor foi possibilitada pela ratificação da sua morte, citando como as razões principais a diminuição da aquisição de livros e a conseqüente transformação no hábito da leitura e a vinda da geração das telas, dos computadores, o que distanciou o leitor da escrita.

Desta feita, o trabalho do professor-mediador, com as múltiplas alternativas numa sociedade digital, não é fácil. Porém, antes de tudo, no processo de mediação, o professor é ciente do seu papel transformador, uma vez que ele não está apenas discutindo informações, mas buscando com o aluno a participação em ações sociais mais significativas que permitem que alunos e docente se reinventem e busquem compreender a sociedade em que vivem de uma forma mais crítica. Somente a partir do contexto sócio-histórico, de leituras baseadas nas interações entre os conhecimentos que o aluno entendem como pertinentes para sua existência como pessoa humana, que se pode fazer da leitura literária um espaço de construção significativa de saberes e transformações culturais e sociais.

### **Implicações e contributos para o processo de ensino e aprendizagem de poesia e sua recepção na escola pública**

Em conformidade com o que foi apresentado nesta investigação, a poesia de Cora Coralina constitui-se num material rico e imprescindível no trabalho de literatura brasileira nas escolas de ensino regular. Siqueira (2016, p. 173) assevera que “em diversas entrevistas concedidas a jornais, emissoras de televisão, revistas e em correspondências várias, Cora sempre volta a afirmar sua crença de que a memória é a grande fonte que alimenta sua poesia”.

E trata-se de uma memória que precisa ser vivenciada, partilhada em nossas escolas, porque entendemos que a arte deve estar a serviço da sociedade, do bem público, de transformação de pensamentos e crenças, de diminuição de preconceitos, de quebra de barreiras. A memória poética coralineana, como foi diagnosticado neste estudo, levou nossos alunos a dialogar de forma interdisciplinar com os aspectos históricos e geográficos da cidade, a considerar as manifestações culturais do espaço em que vivem e compará-las com outros locais, a refletir sobre como é a sociedade de hoje, em comparação com o tempo em que Cora escrevia etc.

Nesta toada, reputamos que este estudo tem contribuições para o processo de ensino e aprendizagem de poesia e sua recepção na escola regular, na medida em que os dados revelaram que as sequências didáticas com a poesia de Cora trabalhadas nas duas turmas deram condições aos discentes de compreender a importância da literatura para a vida em sociedade e como a literatura local – no caso, a de Cora Coralina – é capaz de ser utilizada para resgatar os valores, os costumes e as especificidades do povo goiano.

Observamos que os alunos que fizeram parte da pesquisa, por intermédio dos debates, das atividades e interações realizadas, voltaram-se às suas experiências pessoais, numa perspectiva de relação entre leitor, conhecimento e cultura. Ampliaram suas expectativas sobre os textos lidos e sobre a realidade em que vivem e intensificaram discussões sobre temas atinentes às poesias de Cora Coralina, a partir das características individuais de cada um, dos conceitos que possuem sobre o que é certo e errado, na expectativa de problematizar e mudar os posicionamentos até então dominantes.

Para grande parte dos alunos pesquisados, Cora não era conhecida, era mal falada, discriminada, e não viam importância na leitura de sua literatura. Com o trabalho de mediação da professora, o estabelecimento do vínculo entre literatura e realidade social e cultural, os alunos foram para além dos limites da poesia, expressaram suas opiniões sobre os diversos temas trabalhados e se perceberam naqueles versos: Cora menciona o aluno, a professora, a lavadeira, a mulher discriminada, o menor abandonado, a mulher perdida. Cada discente tinha a liberdade, nos debates e posicionamentos, de se identificar e de se posicionar sobre estes personagens, percebidos nas ruas, nas vizinhanças, e porque não em nossas famílias.

Pesquisas sobre as preferências do alunado no que tange à leitura literária nos tempos atuais podem também ser fomentadas, uma vez que os números apresentados nessa pesquisa diagnosticaram um imenso desinteresse por obras da literatura brasileira e, por

outro lado, um grande número de livros *best sellers* lidos e outros baseados em autoajuda e com conteúdo de jogos de computadores ou vídeo games.

Por conseguinte, ao permitir que seu planejamento comportasse a literatura de Cora Coralina, de uma forma mais continuada e sequenciada, a docente percebeu atitudes de mudanças por parte dos alunos quanto ao uso da leitura literária para produzir conhecimento a favor de suas próprias necessidades.

### **Limitações deste estudo**

Durante a realização desta investigação, mormente em relação aos alunos do 3º C, houve pouca participação dos discentes – 06 apenas – apesar de haver um número bem maior de alunos na sala. Como somente esta quantidade apresentou os termos de consentimento da pesquisa, devidamente assinados, levamos em consideração as estatísticas apresentadas no tocante a este número, tendo os demais alunos participado das atividades, sem que elas fossem entregues ou levadas em conta, no momento de triangulação e tratamento dos dados.

Impende destacar que, não obstante tenhamos usado dados estatísticos, reputamos o estudo em comento de pesquisa qualitativa em razão de nossa maior preocupação com a compreensão e o exame de fenômenos humanos que perpassaram por uma análise minuciosa do pesquisador em um dado processo social. A possível incongruência na comparação dos dados das turmas estudadas se respaldam nas especificidades e limitações do estudo de caso, visto que, de acordo com a literatura pesquisada, neste tipo de estudo, não é possível fazer generalizações em face das conclusões obtidas perante uma população maior, considerando que o foco é a investigação de unidades específicas e devidamente selecionadas, restringindo-se, pois, ao caso examinado (MARCONI; LACATOS, 2017; YIN, 2005).

É evidente que o número de encontros realizados – num total de 06 (seis) em cada turma – incluindo o preenchimento dos questionários iniciais e finais e a roda de conversa – não permitem, como seria o ideal, uma análise mais aprofundada daquela realidade específica, que foi aqui examinada, a partir de um estudo de caso com observação participante, abordagem esta que se especializa nos aspectos descritivos do *corpus*, consideradas as especificidades de uma dada realidade particular e não geral.

Tivemos dificuldades também na transcrição dos áudios, uma vez que o uso de gravação em vídeo não foram permitidos. Devido a este fato, a análise esteve mais voltada

ao exame dos exercícios realizados, dos questionários preenchidos e nas anotações nas notas de campo.

### **Sugestões para futuras pesquisas**

Emergem, a partir dos estudos aqui realizados, à luz dos Estudos Literários, uma pluralidade de pesquisas que podem ser abordadas e discutidas.

Nosso estudo é pioneiro na cidade de Goiás, em nível *stricto sensu*, na apreciação da poesia de Cora Coralina, no ensino médio. Seria pertinente aplicar esta pesquisa também em outros contextos de ensino, como no ensino fundamental e médio, haja vista que há possibilidades do trabalho com os contos e poesias coralíneas em diversas fases do ensino básico.

No nosso estudo, confrontamos opiniões diversas, entre alunos do 3º ano do Ensino Médio, sobre a leitura da poesia de Cora Coralina. Uma vez realizadas outras pesquisas em contextos diferenciados – ensino fundamental, médio, EJA e mesmo o Ensino superior – tendo como foco a recepção destes textos, tais investigações poderiam promover possíveis comparações entre os resultados apresentados e as possíveis intervenções para uma melhoria da qualidade da leitura estabelecida.

Pensamos também que o estudo sobre a formação de professores quanto à recepção e leitura da literatura de Cora Coralina e a literatura goiana se fazem necessárias. O professor, na sua função de mediador da leitura e do conhecimento, exercerá um papel indelével em busca de atividades significativas de apreciação da obra de arte literária, na seleção de estratégias que façam os alunos refletir sobre seu contexto social, atuar sobre ele e buscar mudanças positivas para o seu meio e suas vidas.

### **Considerações Finais**

Evidenciamos, neste estudo, a partir das constatações de Jauss (1994), que o texto literário só passa a ter uma existência significativa quando ela é renovada e recriada pelo ato da leitura. Tal ato, quando levado para a sala de aula, permite que muitas experiências sejam trilhadas, posto que cada aluno tem uma história de vida, uma expectativa, seu conceito de costumes, crenças, percepções e formas diferenciadas de encarar os conflitos do seu tempo e os preconceitos de sua geração.

Em nossa pesquisa, como também perceberam Mendes (2008) e Silva (2003), o professor mediador vive o cotidiano e permanente desafio de se reinventar, na sua tentativa, às vezes frutífera, às vezes mal sucedida, de tirar o aluno das mensagens de celulares, da vida fácil proporcionada pela ficção dos best sellers e emergir este discente na árdua, porém gratificante, tarefa de ler e pensar.

Mendes (2008, p. 183-187), no contexto de seu estudo, lista uma série de atividades que podem ter procedência no contexto de leitura literária: “Espaço de leitura literária”, “Prêmio Literário”, “Convite ao Escritor”, “Propaganda”, “Corredor Literário ou paredes literárias”, “Caderno de Leituras”, “Prêmio pelo Conjunto de Leitura”, “A leitura em outras plataformas”, “Revitalizando a biblioteca”, “Escrever e fluir”, “Banco do livro”, “Fórum de leitores”, “Datas especiais na Literatura”, “Campanhas de Incentivo da literatura”, “Leituras volantes ou biblioteca interativa”, “Rodas de conversa” e outras tantas atividades. Está certo que reconhecemos as inúmeras dificuldades da nossa Educação, do nosso sistema de ensino, das nossas aulas de Literatura, porém o docente não perde a sua prerrogativa e a sua tarefa, já num outro viés que não a do artista literário, de criar e recriar as expectativas para serem compartilhadas e vivenciadas em sala de aula.

Reputamos louvável a conduta da docente Kate, sua iniciativa, seu reconhecimento das limitações das aulas, as dificuldades impostas, sem perder, contudo, a crença de que a literatura transforma as pessoas, transforma conceitos, opiniões e posturas, valendo, portanto, cada esforço na busca da superação por eventuais resultados não esperados em qualquer aula que seja dada.

Com as portas aqui abertas e, por ora, encerradas em torno desta discussão, nossa intenção não é ofertar respostas definitivas para as perguntas que o estudo permitiu. O que esperamos é que as análises aqui tecidas possam ser ferramentas de encorajamento aos docentes de língua portuguesa/literatura para que utilizem sua realidade social, seus artistas e suas preciosidades no trabalho com a língua e a leitura em sala de aula, de uma forma mais intensa, crítica e transformadora.

## REFERÊNCIAS

**ALLIENDE**, Felipe; **CONDEMARÍN**, Mabel. **A leitura**. Teoria, avaliação e desenvolvimento. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2005.

**ALMEIDA**, R. R. **Educação linguística crítica de aprendizes de inglês: problematizações e desestabilizações**. Dissertação (Mestrado em Educação, Linguagem e Tecnologias). Universidade Estadual de Goiás, 2017.

**AMARAL**, E. **Texto literário e contexto didático: os (des)caminhos na formação do leitor**. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). UNICAMP: Campinas, 1986.

**ANDRÉ**, M. E. D. A. **Estudo de Caso em Pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.

**ARAÚJO**, Márcia Melo; **MORAES**, André César. **Cora Coralina: memória e representação do eu na construção da consciência social**. Letrônica v. 3, n. 1, p. 345 - 354, jul. 2010.

**BAUDELAIRE**, Charles. **Poesia e prosa**. Nova Aguilar Rio de Janeiro: 1995.

**BAUDELAIRE**, C. O pintor da vida moderna. In: **COELHO**, Teixeira. (Org.). A modernidade de Baudelaire. Trad: Suely Cassal. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

**BENDER**, Eliane Andrea. **O livro didático de literatura para o Ensino Médio**. Dissertação (Mestrado em Letras) Programa de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006.

**BENJAMIN**, W. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Trad: José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

**BERMAN**, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. Companhia Das Letras, São Paulo: 1986.

**BORBA**, Maria Antonieta Jordão de Oliveira. Literatura e teoria do efeito estético. In: \_\_\_\_\_. **Tópicos de teoria para o discurso literário**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2004.

**BORDINI**, M.G.; **AGUIAR**, V. T. de. **A formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Alegre, 1993.

**BORTONI-RICARDO**, S. M. O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Pbola, 2008.

**BURKE**, M. **The oceanic mind: a study of emotion in literary reading**. University of Amsterdam, Secretariat, Singel 425, 1012 WP Amsterdam, The Netherlands, 2008.

**CHARTIER, R. Práticas de leitura.** São Paulo: Estação Liberdade, 1996.  
 \_\_\_\_\_. A Mediação Editorial, In: \_\_\_\_\_, **Os Desafios da Escrita**, São Paulo: Editora Unesp, 2002.

**CAMARGO, G.O.C. Poesia e memória em Cora Coralina.** Artigo apresentado originalmente como comunicação no VIII Seminário Nacional Mulher e Literatura, realizado em Salvador, 1999.

**CAMPOMORI, Maurício José Laguardia.** O que é avançado em cultura. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (Org). **A república dos saberes: arte, ciência, universidade e outras fronteiras.** Belo Horizonte: Ed.da UFMG, 2008.

**CÂNDIDO, Antônio. Literatura e sociedade.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.

**CERQUEIRA, Larissa Agostini. A modernidade e os modernistas: o rosto da cidade na poesia: Características do modernismo urbano em *Pauliceia Desvairada* e *Menschheitsdämmerung*.** Belo Horizonte: **Dissertação de Mestrado.** Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da FALE/UFMG, 2011.

**CORALINA, Cora. Poema dos becos de Goiás e estórias mais.** 7. ed. São Paulo: Global, 2003.

**CORALINA, Cora. Vintém de cobre: meias confissões de Aninha.** 7.ed. São Paulo: Global, 2001.

**COSTA, R. M. Fora da escola e dentro dela: a literatura na vida de seus leitores.** Dissertação (Mestrado). UFMG, Belo Horizonte, 1998.

**CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia.** 3.ed. São Paulo: Ática, 1995.

**CRESPI, Franco. Manual de sociologia da cultura.** Lisboa: Ed. Estampa, 1997.

**CRUZ, G.C; MELO, M.C.H. Roda de conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no ensino médio.** *Imagens da Educação*, v. 4, n.2, p. 31-39, 2014.

**DELGADO, André Ferreira. A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias.** 508 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2003.

**DEUS, A. M.; CUNHA, D.; MACIEL, E. Estudo de caso na pesquisa qualitativa em Educação: uma metodologia.** Universidade Federal do Piauí, 2010.

**DIEZ, C.L.F; HORN, G. B. Orientações para elaboração de projetos e monografias.** Petrópolis: Vozes, 2003.

**FURTADO, Rafael Nogueira. Baudelaire e a Modernidade: um diálogo entre Walter Benjamin e Michel Foucault.** *Kínesis*, Vol. IV, nº 07, Julho 2012, p. 345-361

**GOIÁS**. Subsecretaria Regional de Educação. Colégio Estadual de Aplicação Manuel Caiado. **Projeto Político Pedagógico**: Cidade de Goiás, 2018.

\_\_\_\_\_. Secretaria Estadual de Educação. **Currículo Referência da Rede Estadual de Educação do Estado de Goiás**: Goiânia, 2014.

**GOMES**, Melissa Carvalho. **No rastro de Cora**: da literatura ao desenvolvimento local, identidade e cultura com açúcar e literatura. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2004.

**HOLUB**, Robert C. **Reception Theory**: A Critical Introduction. London and New York: Methuen, 1984.

**ISER**, W. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: 34, 1996.

**ISER**, W. A interação do texto com o leitor. in LIMA, L. C. **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. (1990) *The implied reader*. Baltimore: John Hopkins University Press.

**LARAIA**, R.B. **Cultura um conceito Antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1986.

**LEMES**, Claudia Graziela Ferreira. **De “minhoca a beija-flor”**: a participação feminina na política do sudoeste goiano 1930-1947. 2009. 123 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Goiás. Faculdade de História.

**LÜDKE**, M; **ANDRÉ**, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

\_\_\_\_\_. **O fictício e o imaginário**: perspectivas de uma antropologia literária, Rio de Janeiro: Eduerj, 1979.

**JAUSS**, H. R. et al. **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

\_\_\_\_\_. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

**MATOS**, M. V. Reflexões sobre leitura. **Ler e escrever**: ensaios. Lisboa, IN-CM, 1987.

**MARCONI**, Marina de Andrade; **LAKATOS**, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 13. ed. – 6. reimpr. São Paulo: Atlas: 2017.

**MENDES**, J. S. **Formação do leitor de Literatura**: do hábito da leitura à cultura literária. Tese de Doutorado em Literatura e Práticas Sociais. Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Instituto de Letras, Brasília: UNB, 2008.

**MERRIAM, S. Case study research in education: A qualitative approach.** San Francisco, CA: Jossey-Bass, 1988.

**MOITA LOPES, L.P. Pesquisa Interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução .** In: **DELTA**, Vol 10, nº2, 1994.

**OLIVEIRA, M.B. Cora Coralina: cartografias da memória..** – Londrina, 2006.148f.

**OLIVEIRA, M. M. Como fazer pesquisa qualitativa.** Petrópolis: Vozes, 2010.

**ORLANDI, E. P. Discurso e Leitura.** 4.ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp, 1999.

**PORTO, CM.** Um olhar sobre a definição de cultura e de cultura científica. In: **PORTO, CM., BROTAS, AMP., and BORTOLIERO, ST.,** orgs. **Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas** [online]. Salvador: EDUFBA, 2011.

**SABOTA, B. Leitura em Língua Inglesa: A Resolução colaborativa de exercícios de compreensão textual.** 2002. 147f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras.

**SANTANA, Élcio; SOBRINHO, Zaki. O Interpretativismo, Seus Pressupostos e Sua Aplicação Recente na Pesquisa do Comportamento do Consumidor.** Trabalho Apresentado no I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, Recife, 2007.

**PEIXOTO, S.M. Tradução automática e revisão: um estudo de caso sobre o uso do google tradutor numa perspectiva colaborativa de aprendizagem.** 2016. 171f. Dissertação (Mestrado em Educação, Linguagem e Tecnologias). Universidade Estadual de Goiás, Anápolis. 2016.

**POSLLI.** Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade. 2018. **Procedimentos do Comitê de Ética.** Disponível em <<http://www.poslli.ueg.br/>>. Acesso em 20 ago. 2018.

**SENE, V. F.** Modernidade e angústia na obra de Charles Baudelaire: uma análise filosófica dos poemas de “*As Flores do Mal*”. **Linguagem Acadêmica**, Batatais, v. 1, n. 2, p. 83-108, jul./dez. 2011

**SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima.** Estudos sobre Cora Coralina: vida, obra e fortuna crítica. In: **LUZ, Regina Maria Emos da; SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima.** Escola, **Comunidade e Universidade: construindo caminhos** – Goiânia: Cãnone Editorial, 2016.

**SILVA, E. T. Elementos da pedagogia da leitura.** 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

**ZAPPONE, M. H. Y.** Estética da Recepção. In: **BONNICI, T.; ZOLIN, L. O.** (orgs). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas.** Maringá: UEM, 2004.

**ROTHER**, A. Le role du lecteur dans la critique allemand contemporaine. **Litterature**. N. 32, 1978.

**SAGRILO**, Simone Gonzales. **Estética da recepção e sociologia da leitura**: uma obra, vários olhares. In: CELLI –Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. Maringá. Anais. Maringá, 2007.

**SAMUEL**, Rogel. **Novo manual de teoria literária**. Petrópolis: Vozes, 2002.

**SELDEN**, R. **A Reader's Guide to Contemporary Literary Theory**. Essex: Prentice Hall, 1997.

**SILVA**, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula**: da teoria à prática escolar. Recife: Programa de Pós-Graduação da UFPE, 2003.

**SILVA**, Ivanda Maria Martins. **Interação texto-leitor na escola**: dialogando com os contos de Gilvan Lemos. 2003. 264 p. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura). Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação.

**SOUZA**, Dalma Flávia Barros Guimarães de. **Letramento literário**: a escola como espaço privilegiado para formação de leitores. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2015.

**TRAGINO**, A. O leitor, a leitura, o livro e a literatura na Estética da Recepção e da História Cultural. In: **Revista Mosaicum**. Teixeira de Freitas (BA), v. 1, ano 11, n. 18, p. 24-34, jul/dez 2013. Disponível em: . Acesso em: 20 fev. 2016.

**VELLASCO**, Marlene Gomes. **A poética da reminiscência**: estudos sobre Cora Coralina. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 1990.

**VENTURA**, M. M. **O estudo de caso como modalidade de pesquisa**. Ver. SOCERJ. 2007; 20(5): 383-386 setembro/outubro. Disponível em: <<http://www.polo.unisc.br>>. Acesso em 23 ago. 2018.

**ZILBERMAN**, R. **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo: Ática, 2004.

**WOODWARD**, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

**YIN**, R.K. **Case Study Research: Design and Methods**. Sage Publications, Beverly Hills, California, USA, 1984.

**YOKOZAWA**, S. F. C. Estórias da Velha Rapsoda da Casa da Ponte. 2005. In: **temporis[ação]**, v.1, n.8/2005, Goiás - GO.

**ZAIDAH, Zainal.** **An Investigation into the effects of Discipline-Specific Knowledge, Proficiency and Genre on Reading Comprehension and Strategies of Malaysia ESP Students.** Unpublished Ph.D. Thesis. University of Reading, 2003.

**ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi.** Estética da Recepção. In: BONNICI, Thomas; **ZOLIN, Lucia Osana** (orgs). **Teoria Literária:** abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: UEM, 2004.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A

### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada **O legado de Cora Coralina: um estudo sobre a recepção de sua poesia entre alunos do ensino médio**. Meu nome é **Sanderson Mendanha Peixoto**, sou o pesquisador responsável e minha área de atuação é Letras (Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade, Linha de Pesquisa: Estudos Literários e Interculturalidade). Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, rubricue todas as páginas e assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail [sandersonmendanha@yahoo.com.br](mailto:sandersonmendanha@yahoo.com.br) e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, acrescentando o número 9090 antes do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (62) 98516-8676 e 3371-2986. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Estadual de Goiás, pelos telefones (62) 99169-2257 e (62) 3328-1439.

#### **1. Informações Importantes sobre a Pesquisa:**

##### **1.1. Título, justificativa, objetivos:**

**Título:** O legado de Cora Coralina: um estudo sobre a recepção de sua poesia entre alunos do ensino médio

**Justificativa:** Entende-se que o processo de conscientização a respeito do que acreditamos ser importante, através de nossas percepções da realidade, sobre escritores que marcam uma determinada geração é relevante para a constituição de nossa identidade como seres humanos reflexivos e conscientes dos nossos papéis sociais.

##### **Objetivos:**

###### **Geral:**

Investigar a natureza da recepção da poesia de Cora Coralina, num estudo de caso realizado com discentes de uma escola pública de ensino médio na Cidade de Goiás.

###### **Específicos:**

- Identificar as formas como os indivíduos constroem e desconstroem o discurso poético coralineano, nas suas múltiplas representações;
- Investigar o contexto de circulação da poesia de Cora Coralina no interior do espaço escolar;
- Discutir o papel do mediador de poesia no espaço escolar.

##### **1.2. - Procedimentos utilizados da pesquisa ou descrição detalhada dos métodos.**

**Obs.:** Este estudo se propõe a compreender as percepções e recepções de alunos do ensino médio acerca da poesia de Cora Coralina. A observação participante (método estudo de caso) será feita no segundo bimestre de 2018 em 02 (duas) salas de aula de uma escola pública da cidade de Goiás – GO, nas aulas de Língua Portuguesa. A proposta da presente pesquisa é investigar a natureza das diversas formas como a poesia coralineana é recebida na sala de aula e que efeitos tal trabalho tem na vida cultural e social do alunado local. Para atingir tais objetivos, temos como proposta a análise do conteúdo do material produzido pelos/as participantes (depoimentos), esclarecendo o que suas percepções revelam sobre o estudo de poesia na escola, especialmente de uma poeta da

comunidade local. Os materiais produzidos e que se tornarão os documentos a serem analisados neste estudo são: questionários respondidos pelos alunos (a)(s) e professor(a)(s) da(s) turmas investigadas, entrevistas, e exercícios realizados em sala de aula. Observamos que, mesmo após o término deste estudo, tais documentos continuarão guardados sob o zelo do pesquisador, que se compromete em guarda-los em sigilo.

( ) Permito a divulgação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa;

( ) Não permito a publicação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa.

1.3. O possível desconforto e ou risco aos participantes da pesquisa, face à produção dos documentos a serem analisados, seria ter alguma(s) de suas opiniões e percepções examinadas de alguma maneira que não lhes agradasse. Todavia, esse risco será reduzido pelo fato de suas identidades não serem reveladas e toda a análise empreendida será encaminhada aos colaboradores antes da defesa da dissertação. Diante deste procedimento, objetiva-se fazer com que a divulgação das análises obtidas venha ao encontro das reais intenções expostas pelos participantes nos instrumentos de coleta dos dados. Além do mais, a coordenação pedagógica e professora docente, ciente das obrigações éticas desta investigação, acompanharão diariamente a participação dos alunos, que poderão relatar qualquer intimidação e ou desconforto que não condizem com os objetivos aqui propostos, podendo a coleta ser suspensa e ou cancelada.

1.4. Informamos que a cooperação com a pesquisa realizada não terá qualquer custo/despesa aos participantes.

1.5. Ressaltamos a garantia do sigilo que visa assegurar a privacidade e o anonimato dos/as participante/s. Para assegurar o sigilo sobre a identidade dos(as) participantes envolvidos(as),

( ) Opto pela utilização de pseudônimos, a fim de preservar minha identidade sob sigilo.

( ) Autorizo a utilização de meu nome verdadeiro, pois entendo que não há problemas ou constrangimentos que poderão decorrer desta utilização.

1.6. Garantimos a expressa liberdade do/a participante de se recusar a participar ou retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma, sendo obrigação do pesquisador esclarecer que os participantes terão tempo suficiente para avaliar a participação na pesquisa, sem constrangimentos ou qualquer forma de imposição;

1.7. Garantimos expressamente a liberdade do/a participante de se recusar a responder questões que lhe causem *desconforto emocional* e/ou *constrangimento* em entrevistas e questionários que forem aplicados na pesquisa, sendo que o participante também terá assegurado espaço para expressar seus receios ou dúvidas durante o processo de pesquisa, evitando qualquer forma de imposição ou constrangimento, sendo obrigação do pesquisador buscar, dentro do espaço escolar ou mesmo na Universidade Estadual de Goiás, esclarecer, sempre que solicitado, sobre as peculiaridades da pesquisa e as garantias da privacidade do participante, assegurando-lhe uma participação autônoma, isenta e sem pressões;

1.8. Declaramos aos participantes que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não;

1.9. Os documentos analisados na pesquisa serão utilizados na confecção da dissertação de Mestrado, a ser defendida até abril de 2019, e de artigos a serem publicados em revistas/livros da área de língua, literatura e interculturalidade, podendo, ainda, ser apresentados em eventos dessa mesma área. Informação sobre a manutenção dos dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob guarda e responsabilidade do pesquisador responsável, por um período de 5 anos após o término da pesquisa. Após esse período, o material obtido deverá ser picotado e reciclado.

1.10. Informamos sobre o direito de receber assistência integral, gratuita, por tempo indeterminado, por danos imediatos ou tardios decorrentes da participação na pesquisa e receber

indenização (reparação a danos imediatos ou futuros), garantida em lei, decorrentes de sua participação na pesquisa;

1.11. Informamos ao(s) participante(s) de que os dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras e, portanto, da necessidade de autorização da guarda do material em banco de dados.

( ) Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras, e autorizo a guarda do material em banco de dados;

( ) Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras, mas não autorizo a guarda do material em banco de dados;

### 1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu, ....., inscrito(a) sob o RG/CPF....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado **O legado de Cora Coralina: um estudo sobre a recepção de sua poesia entre alunos do ensino médio**. Informo ter menos de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável, **SANDERSON MENDANHA PEIXOTO**, sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Cidade de Goiás, \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de 2018

\_\_\_\_\_  
Assinatura por extenso do(a) participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) representante legal do(a) participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) Orientador(a)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) Diretor(a) da UEG

## APÊNDICE B

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada **O legado de Cora Coralina: um estudo sobre a recepção de sua poesia entre alunos do ensino médio**. Meu nome é **Sanderson Mendanha Peixoto**, sou o pesquisador responsável e minha área de atuação é Letras (Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade, Linha de Pesquisa: Estudos Literários e Interculturalidade). Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, rubricue todas as páginas e assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail [sandersonmendanha@yahoo.com.br](mailto:sandersonmendanha@yahoo.com.br) e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, acrescentando o número 9090 antes do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (62) 98516-8676 e 3371-2986. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Estadual de Goiás, pelos telefones (62) 99169-2257 e (62) 3328-1439.

#### 1. Informações Importantes sobre a Pesquisa:

##### 1.8. Título, justificativa, objetivos:

**Título:** O legado de Cora Coralina: um estudo sobre a recepção de sua poesia entre alunos do ensino médio

**Justificativa:** Entende-se que o processo de conscientização a respeito do que acreditamos ser importante, através de nossas percepções da realidade, sobre escritores que marcam uma determinada geração é relevante para a constituição de nossa identidade como seres humanos reflexivos e conscientes dos nossos papéis sociais.

##### **Objetivos:**

###### **Geral:**

Investigar a natureza da recepção da poesia de Cora Coralina, num estudo de caso realizado com discentes de uma escola pública de ensino médio na Cidade de Goiás.

###### **Específicos:**

- Identificar as formas como os indivíduos constroem e desconstroem o discurso poético coralineano, nas suas múltiplas representações;
- Investigar o contexto de circulação da poesia de Cora Coralina no interior do espaço escolar;
- Discutir o papel do mediador de poesia no espaço escolar.

##### 1.9. - Procedimentos utilizados da pesquisa ou descrição detalhada dos métodos.

**Obs.:** Este estudo se propõe a compreender as percepções e recepções de alunos do ensino médio acerca da poesia de Cora Coralina. A observação participante (método estudo de caso) será feita no segundo bimestre de 2018 em 02 (duas) salas de aula de uma escola pública da cidade de Goiás – GO, nas aulas de Língua Portuguesa. A proposta da presente pesquisa é investigar a natureza das diversas formas como a poesia coralineana é recebida na sala de aula e que efeitos tal trabalho tem na vida cultural e social do alunado local. Para atingir tais objetivos, temos como proposta a análise do conteúdo do material produzido pelos/as participantes (depoimentos), esclarecendo o que suas percepções revelam sobre o estudo de poesia na escola, especialmente de uma poeta da

comunidade local. Os materiais produzidos e que se tornarão os documentos a serem analisados neste estudo são: questionários respondidos pelos alunos (a)(s) e professor(a)(s) da(s) turmas investigadas, entrevistas, e exercícios realizados em sala de aula. Observamos que, mesmo após o término deste estudo, tais documentos continuarão guardados sob o zelo do pesquisador, que se compromete em guarda-los em sigilo.

- ( ) Permito a divulgação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa;  
 ( ) Não permito a publicação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa.

1.10. O possível desconforto e ou risco aos participantes da pesquisa, face à produção dos documentos a serem analisados, seria ter alguma(s) de suas opiniões e percepções examinadas de alguma maneira que não lhes agradasse. Todavia, esse risco será reduzido pelo fato de suas identidades não serem reveladas e toda a análise empreendida será encaminhada aos colaboradores antes da defesa da dissertação. Diante deste procedimento, objetiva-se fazer com que a divulgação das análises obtidas venha ao encontro das reais intenções expostas pelos participantes nos instrumentos de coleta dos dados. Além do mais, a coordenação pedagógica e professora docente, ciente das obrigações éticas desta investigação, acompanharão diariamente a participação dos alunos, que poderão relatar qualquer intimidação e ou desconforto que não condizem com os objetivos aqui propostos, podendo a coleta ser suspensa e ou cancelada.

1.11. Informamos que a cooperação com a pesquisa realizada não terá qualquer custo/despesa aos participantes.

1.12. Ressaltamos a garantia do sigilo que visa assegurar a privacidade e o anonimato dos/as participante/s. Para assegurar o sigilo sobre a identidade dos(as) participantes envolvidos(as),

- ( ) Opto pela utilização de pseudônimos, a fim de preservar minha identidade sob sigilo.  
 ( ) Autorizo a utilização de meu nome verdadeiro, pois entendo que não há problemas ou constrangimentos que poderão decorrer desta utilização.

**1.13.** Garantimos a expressa liberdade do/a participante de se recusar a participar ou retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma;

1.14. Garantimos expressamente a liberdade do/a participante de se recusar a responder questões que lhe causem *desconforto emocional* e/ou *constrangimento* em entrevistas e questionários que forem aplicados na pesquisa e participante também terá assegurado espaço para expressar seus receios ou dúvidas durante o processo de pesquisando, evitando qualquer forma de imposição ou constrangimento, sendo obrigação do pesquisador buscar, dentro do espaço escolar ou mesmo na Universidade Estadual de Goiás, esclarecer, sempre que solicitado, sobre as peculiaridades da pesquisa e as garantias da privacidade do participante.

1.9 Declaramos aos participantes que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não;

1.12. Os documentos analisados na pesquisa serão utilizados na confecção da dissertação de Mestrado, a ser defendida até abril de 2019, e de artigos a serem publicados em revistas/livros da área de língua, literatura e interculturalidade, podendo, ainda, ser apresentados em eventos dessa mesma área. Informação sobre a manutenção dos dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob guarda e responsabilidade do pesquisador responsável, por um período de 5 anos após o término da pesquisa. Após esse período, o material obtido deverá ser picotado e reciclado.

**1.13.** Informamos sobre o direito de receber assistência integral, gratuita, por tempo indeterminado, por danos imediatos ou tardios decorrentes da participação na pesquisa e receber indenização (reparação a danos imediatos ou futuros), garantida em lei, decorrentes de sua participação na pesquisa;

1.14. Informamos ao(s) participante(s) de que os dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras e, portanto, da necessidade de autorização da guarda do material em banco de dados.

( ) Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras, mas não autorizo a guarda do material em banco de dados;

( ) Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras, mas não autorizo a guarda do material em banco de dados;

## 1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu, ....., inscrito(a) sob o RG/CPF....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado **O legado de Cora Coralina: um estudo sobre a recepção de sua poesia entre alunos do ensino médio**. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável, **SANDERSON MENDANHA PEIXOTO**, sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Cidade de Goiás, \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de 2018

---

Assinatura por extenso do(a) participante

---

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a)

---

Assinatura do (a) Orientador(a)

---

Assinatura do(a) Diretor(a) da UEG (Responsável legal pela instituição Proponente)

## APÊNDICE C

### QUESTIONÁRIO INICIAL AOS ALUNOS

Caro (a) aluno (a),

Este questionário foi elaborado para que eu possa conhecer melhor os colaboradores de minha pesquisa, no desenvolvimento do meu projeto, "O legado de Cora Coralina: um estudo da recepção de sua poesia entre alunos do ensino médio". As informações aqui contidas serão analisadas e aparecerão em minha dissertação em formato de tabela e excertos, respeitando os critérios de manutenção do sigilo dos dados pessoais que identificam os participantes; da ética no tratamento, análise e divulgação dos dados; e da relevância para o entendimento do contexto em que se insere este estudo.

Obrigado,

Sanderson Mendanha Peixoto

Nome: \_\_\_\_\_ Pseudônimo: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

#### A. Dados pessoais

1. Nome: \_\_\_\_\_
2. Pseudônimo: \_\_\_\_\_
3. Série: \_\_\_\_\_
4. Escolas em que estudou até chegar aqui: \_\_\_\_\_

5. Há quantos anos estuda nesta escola? \_\_\_\_\_

6. Contato/e-mail: \_\_\_\_\_

#### B. Formação

1. Escolaridade do Pai: ( ) sem escolaridade ( ) ensino fundamental I  
( ) ensino fundamental II ( ) ensino médio ( ) nível superior
2. Escolaridade da mãe: ( ) sem escolaridade ( ) ensino fundamental I  
( ) ensino fundamental II ( ) ensino médio ( ) nível superior
3. Onde você cursou o Ensino Fundamental: ( ) escola pública ( ) escola privada
4. Onde você começou a cursar o Ensino Médio: ( ) escola pública ( ) escola privada
5. O que pretende cursar ao terminar o Ensino Médio? Justifique.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

#### C. Práticas e hábitos de Leitura

1. Durante sua infância, o que você costumava ler em casa? Havia participação de seus pais?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

2. O que você faz nos seus momentos de lazer?

\_\_\_\_\_

- 
3. Que leituras deixaram marcas registradas em sua vida? Pode citá-las? Em que momento elas ocorreram?

---

---

---

---

4. Em termos gerais, o que você costuma ler? (Marque com as siglas abaixo)

MF = Muito Frequentemente      MR= Muito raramente

F = Frequentemente              NL = Nunca Li

AV= Às vezes

best-sellers     poesia     revista  
 clássicos       internet/blogs     romances  
 jornais         postagens em redes sociais   

outros: \_\_\_\_\_

5. Que livro você gostaria de ler e não teve oportunidade ainda? Por quê?

---

---

---

---

6. Qual o último livro que você leu? Houve alguma releitura?

---

---

7. Fale sobre os seus hábitos de leitura com maior propriedade (a frequência das leituras, em que ocasião lê, quando lê e quanto tempo você dedica a essa prática).

---

---

---

---

---

---

8. Na sua opinião, o que significa Literatura? Qual é a sua importância?

---

---

---

---

---

9. O que você acha sobre o ensino de Literatura/Língua Portuguesa na escola? Em quê ela contribui na sua formação enquanto ser humano?

---

---

---

---

---

D. Percepções sobre Cora Coralina, seu legado e práticas de leitura de sua obra

1. Quem é Cora Coralina? Escreva um pouco sobre o que você sabe a respeito dela.

---

---

---

---

---

2. Você costuma ler as poesias dela em sua escola? Com que frequência? Desde quando?

---

---

---

---

---

3. Você conhece o Museu de Cora Coralina? Já esteve lá? Se conhece, que comentários gostaria de fazer? O que mais te impressionou?

---

---

---

---

---

4. Você já ouviu comentários sobre a vida e obra de Cora Coralina? Se sim, quem os fez? O que comentaram?

---

---

---

---

---

5. Você considera tais comentários importantes para a compreensão de sua produção poética? Fale sobre isso.

---

---

---

---

---

6. Caso você já tenha lido algo da produção literária de Cora Coralina, o que mais chamou sua atenção? Por quê?

---

---

---

---

---

7. Você considera Cora Coralina um traço marcante da nossa cidade, um ícone do nosso patrimônio cultural? Comente:

---

---

---

---

---



## APÊNDICE D

### QUESTIONÁRIO INICIAL AO PROFESSOR

Caro (a) professor (a),

Este questionário foi elaborado para que eu possa conhecer melhor os colaboradores de minha pesquisa, no desenvolvimento do meu projeto, “O legado de Cora Coralina: um estudo da recepção de sua poesia entre alunos do ensino médio”. As informações aqui contidas serão analisadas e aparecerão em minha dissertação em formato de tabela e excertos, respeitando os critérios de manutenção do sigilo dos dados pessoais que identificam os participantes; da ética no tratamento, análise e divulgação dos dados; e da relevância para o entendimento do contexto em que se insere este estudo.

Obrigado,

Sanderson Mendanha Peixoto

Nome: \_\_\_\_\_ Pseudônimo: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

#### A. Dados pessoais

1. Nome: \_\_\_\_\_
2. Pseudônimo: \_\_\_\_\_
3. Escolas em que trabalha: \_\_\_\_\_
4. Séries em quais atua: \_\_\_\_\_

- 
5. Há quantos anos trabalha nesta escola? \_\_\_\_\_
  6. Contato/e-mail: \_\_\_\_\_

#### B. Formação

1. Onde você cursou o Ensino Fundamental: ( ) escola pública ( ) escola privada
2. Onde você cursou o Ensino Médio: ( ) escola pública ( ) escola privada
3. Onde cursou o Ensino Superior? ( ) Universidade privada ( ) Universidade Pública Estadual ( ) Universidade Pública Federal
4. Nome da Universidade: \_\_\_\_\_
5. Ano de conclusão do curso: \_\_\_\_\_
6. Fez algum curso de pós-graduação e ou especialização? Se sim, mencione-o e fale sobre tal curso e a importância do mesmo na sua formação. Mencione também onde foi realizado.

---



---



---

7. Fale sobre as razões de ter cursado Letras e de ter se tornado professor(a) de Língua Portuguesa.

---



---

#### C. Práticas e hábitos de Leitura

1. Fale sobre seus hábitos de leitura durante a infância. Mencione seus hábitos de leitura especialmente no seio familiar.

---

---

---

---

2. O que você faz nos seus momentos de lazer?

---

---

3. Que leituras deixaram marcas registradas em sua vida? Pode citá-las? Em que momento elas ocorreram?

---

---

4. Em termos gerais, o que você costuma ler? (Marque com as siglas abaixo)

MF = Muito Frequentemente      MR= Muito raramente

F = Frequentemente              NL = Nunca Li

AV= Às vezes

best-sellers     poesia     revista

clássicos       internet/blogs     romances

jornais           postagens em redes sociais   

outros: \_\_\_\_\_

---

---

5. Que livro você gostaria de ler e não teve oportunidade ainda? Por quê?

---

---

6. Qual o último livro que você leu? Houve alguma releitura?

---

---

7. Fale sobre os seus hábitos de leitura com maior propriedade (a frequência das leituras, em que ocasião lê, quando lê e quanto tempo você dedica a essa prática).

---

---

8. Na sua opinião, o que significa Literatura? Na condição de professor (a) de Língua Portuguesa, evidencie sua importância prática em sala de aula.

9. O que você acha sobre o ensino de Literatura/Língua Portuguesa na escola? Em que ela contribui na formação de seus alunos?

---

---

---

---

---

D. Percepções sobre Cora Coralina, seu legado e práticas de leitura de sua obra

1. Quem é Cora Coralina, na sua opinião? Escreva um pouco sobre o que você sabe a respeito dela.

---

---

---

---

---

2. Você costuma ler as poesias dela em sua escola? Com que frequência? Desde quando?

---

---

---

---

---

3. Você conhece o Museu de Cora Coralina? Já esteve lá? Se sabe, que comentários gostaria de fazer? O que mais te impressionou?

---

---

---

---

---

4. Você já ouviu comentários sobre a vida e obra de Cora Coralina? Se sim, quem os fez? O que comentaram?

---

---

---

---

---

5. Você considera tais comentários importantes para a compreensão de sua produção poética? Fale sobre isso.

---

---

---

---

---

6. Caso você já tenha lido algo da produção literária de Cora Coralina, o que mais chamou sua atenção? Por quê?

7. Você considera Cora Coralina um traço marcante da nossa cidade, um ícone do nosso patrimônio cultural? Comente:

---

---

---



## APÊNDICE E

### ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS ALUNOS

1. O que você achou da realização do projeto “O legado de Cora Coralina: um estudo sobre a percepção de sua poesia entre alunos do Ensino Médio”? Fale sobre isso.
2. O que você achou dos textos trabalhados em sala de aula e da troca de experiência com seus colegas e professor sobre a poética de Cora?
3. Nesta sequência de textos trabalhados sobre Cora Coralina e de Cora Coralina, o que você notou de diferente em suas aulas? Se você percebeu algo diferente, quando iniciou?
4. Como você se sentiu ao ler e apreciar os versos coralineanos? Fale sobre isso.
5. Como foi a experiência de analisar, fazer atividades e debater sobre a construção literária desta autora?
6. Quais foram os aspectos positivos e negativos de ler e analisar a poética de Cora em sala de aula?
7. Com o trabalho desenvolvido sobre Cora em sala de aula, você teve mudança de conceitos e uma reavaliação de postura sobre ela e sua poesia? Se sim, comente.
8. Com tais atividades, como você enxerga hoje o trabalho com a poesia em sala de aula?
9. Como você avalia neste momento o tratamento dado à Cora Coralina dentro do espaço escolar?
10. Qual a diferença entre você aluno neste momento, após esta sequência de aula com leituras e análises de poesias de Cora e você aluno, antes?
11. Você gostaria de externar algum comentário extra no que se refere à realização destas atividades sobre Cora? Se sim, sinta-se à vontade.

## APÊNDICE F

### ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A PROFESSORA

1. Fale um pouco sobre sua formação acadêmica e profissional.
2. Há quanto tempo você vem utilizando seu planejamento para trabalhar sobre poesia e, especialmente, sobre Cora Coralina e outros poetas locais, em suas aulas? Existe alguma razão sobre isso? Comente.
3. O que te deu motivação para realizar este trabalho com a poesia Coralineana?
4. Como são suas aulas de língua portuguesa no dia-a-dia?
5. Qual sua percepção acerca deste tipo de aula, em que apreciamos a poesia de uma poeta local? Fale dos pontos positivos e negativos.
6. Quando você se propôs a desenvolver um projeto sobre o legado de Cora, nas aulas em que estive como observador participante, o que houve de diferente? Foi muito diferente das suas práticas anteriores?
7. Você notou mudanças no comportamento dos alunos após a execução desta pesquisa em sua sala?
8. Houve mudanças no que tange à práticas de leitura, capacidade de interpretação, mudança de atitudes? Fale sobre isso.
9. Fale sobre a diferença entre seus alunos antes e depois de execução deste projeto.
10. Na sua opinião, quais são as principais dificuldades no estudo de literatura em sala de aula? Você notou estas dificuldades na sua sala em específico?
11. Gostaria de externar algum comentário não contemplado aqui? Fique à vontade.

## **ANEXOS**

## ANEXO A

## PARECER FAVORÁVEL DO COMITÊ DE ÉTICA

UEG - UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE GOIÁS



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

## DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** O LEGADO DE CORA CORALINA: UM ESTUDO DA RECEPÇÃO DE SUA POESIA ENTRE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

**Pesquisador:** SANDERSON MENDANHA PEIXOTO

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 86285318.0.0000.8113

**Instituição Proponente:** Universidade Estadual de Goiás

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

## DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.708.271

**Apresentação do Projeto:**

Segundo redação do pesquisador:

A partir dessas singularidades que marcam o legado coralineano, este estudo visa analisar as crenças e as recepções que nossa comunidade desenvolveu e desenvolve a respeito de Cora Coralina, no sentido de evidenciar a importância que a consciência e as intuições apreendidas favorecem a longevidade de seus versos e o estabelecimento de

sua memória poética. Tenta-se, também, através da pesquisa em apreço, observar como esta relação entre o leitor e a poetisa supõe a dialogicidade como condição para o desenvolvimento da criticidade, da capacidade de posicionar-se frente à realidade, de interagir com o outro nas relações sociais, de apresentar e de defender ideias e de apropriar-se criticamente do conhecimento que a literatura nos proporciona.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

Investigar a natureza da recepção da poesia de Cora Coralina, num estudo de caso realizado com discentes de uma escola pública de ensino médio da cidade de Goiás – GO.

**Objetivo Secundário:**

Identificar as formas como os indivíduos constroem e desconstroem o discurso poético

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99 ˆ Bloco III ˆ Térreo  
**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS

**Telefone:** (62)3328-1434

**E-mail:** cep@ueg.br

UEG - UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 2.708.271

coralíneo, nas suas múltiplas representações;

Investigar o contexto de circulação da poesia de Cora Coralina no interior do espaço escolar;- Discutir o papel do mediador de poesia no espaço escolar.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos:

Não há riscos com relação à integridade dos participantes. O risco com relação à exposição dos participantes será minimizada com uso de pseudônimos e a garantia do pesquisador, através dos termos de consentimento e assentimento, de que nenhuma resposta às entrevistas e questionários será levado a público, sem a certeza de que os nomes dos participantes serão devidamente preservados.- Os participantes poderão, dentro da unidade escolar ou na UEG, procurar o pesquisador sempre que acharem necessário, para esclarecer dúvidas sobre a pesquisa e sobre os riscos da mesma. O estudo será acompanhado pela coordenadora pedagógica e a professora docente de forma a observar a proteção à dignidade dos participantes.

Benefícios:

Entendemos que o processo de conscientização a respeito do que acreditamos ser importante, através de nossas percepções da realidade, sobre escritores que marcam uma determinada geração, é relevante para a constituição de nossa identidade como seres humanos reflexivos e conscientes dos nossos papéis sociais.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa procura salvaguardar aspectos éticos.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram anexados neste protocolo todos os documentos de apresentação obrigatória, a saber:

Folha de rosto devidamente preenchida e assinada;

Termo de anuência da instituição devidamente assinado pelo diretor;

Termo de compromisso com a assinatura de todos os pesquisadores;

Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE);

Termo de assentimento livre e esclarecido (TALE);

Cronograma atualizado dispondo de 60 dias para apreciação do CEP-UEG;

Instrumentos de coleta de dados;

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99 º Bloco III º Térreo  
**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3328-1434 **E-mail:** cep@ueg.br

Continuação do Parecer: 2.708.271

**Recomendações:**

As recomendações apontadas pelo CEP/UEG foram atendidas.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O pesquisador atendeu a todas as pendências apontados pelo CEP/UEG.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UEG considera o presente protocolo APROVADO e que o mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar os Relatórios Parciais (semestralmente) e o Relatório Final de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12 e Resolução CNS n. 510/16. Os modelos encontram-se disponíveis na página do CEP-UEG. O prazo para a entrega do Relatório Final é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1100584.pdf	30/05/2018 15:53:53		Aceito
Outros	relacaodasalteracoesfeitas_pdf.pdf	30/05/2018 15:37:20	SANDERSON MENDANHA PEIXOTO	Aceito
Outros	anuenciasecretaria_pdf.pdf	30/05/2018 15:35:37	SANDERSON MENDANHA PEIXOTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termodeassentimentoatual_pdf.pdf	30/05/2018 15:32:49	SANDERSON MENDANHA PEIXOTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termodeconsentimentoatual_pdf.pdf	30/05/2018 15:19:33	SANDERSON MENDANHA PEIXOTO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	30/05/2018 15:16:15	SANDERSON MENDANHA PEIXOTO	Aceito
Outros	instrumentodecoletadedados_sand.pdf	26/03/2018 23:54:14	SANDERSON MENDANHA PEIXOTO	Aceito
Declaração de Instituição e	termodeanuencia_sand.pdf	26/03/2018 23:49:59	SANDERSON MENDANHA	Aceito

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99 º Bloco III º Térreo

**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903

**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS

**Telefone:** (62)3328-1434

**E-mail:** cep@ueg.br

Continuação do Parecer: 2.708.271

Infraestrutura	termodeanuencia_sand.pdf	26/03/2018 23:49:59	PEIXOTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termodeconsentimento_sand.pdf	26/03/2018 23:48:54	SANDERSON MENDANHA PEIXOTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termodeassentimento_sand.pdf	26/03/2018 23:48:05	SANDERSON MENDANHA PEIXOTO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetoatualizado_sand.pdf	26/03/2018 23:47:24	SANDERSON MENDANHA PEIXOTO	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto_sand.pdf	26/03/2018 23:44:35	SANDERSON MENDANHA PEIXOTO	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

ANAPOLIS, 12 de Junho de 2018

---

**Assinado por:**  
**Luciana de Souza Ondei**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99 ı Bloco III ı Térreo  
**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3328-1434 **E-mail:** cep@ueg.br